PAUL AUSTER

DA MÃO PARA A BOCA

Crônica de um fracasso inicial

Tradução:
PAULO HENRIQUES BRITTO

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1996 by Paul Auster

Título original:
Hand to Mouth
A Chronicle of Early Failure

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa:
Paul Auster em Paris, 1967

Preparação:
Rosemary C. Machado

Revisão:
Ana Maria Barbosa
Carmen S. da Costa
Isabel Jorge Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auster, Paul, 1947-
Da mão para a boca : crônica de um fracasso inicial / Paul Auster ; tradução Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

Título original: Hand to mouth
ISBN 85-7164-675-9

1. Crônicas norte-americanas I. Título.

97-2713 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas : Século 20 : Literatura norte-americana 813.5
2. Século 20 : Crônicas : Literatura norte-americana 813.5

1997

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 866-0801
Fax: (011) 866-0814

SUMÁRIO

Da mão para a boca 7

Apêndice 1: Três peças 111
O Gordo e o Magro vão para o céu 113
Blecautes 144
Esconde-esconde 162
Apêndice 2: Action Baseball 179
Nota do tradutor da edição francesa 188
Apêndice 3: A estratégia do sacrifício, "Paul Benjamin" 191

DA MÃO PARA A BOCA

Dos vinte e muitos aos trinta e poucos anos de idade, passei por um longo período em que tudo que eu tocava dava em fracasso. Meu casamento terminou em divórcio, meu trabalho como escritor não levava a nada e eu vivia atormentado por problemas financeiros. Não me refiro apenas a um aperto ocasional, a épocas recorrentes de vacas magras, e sim a uma falta de dinheiro constante, opressora, quase sufocante, que me envenenava a alma e mantinha-me num estado perene de pânico.

Não havia como pôr a culpa em ninguém; o culpado era mesmo eu. Minha relação com o dinheiro sempre fora defeituosa, enigmática, cheia de impulsos contraditórios, e agora eu estava pagando o preço por ter me recusado a assumir uma posição definida quanto a esse problema. Desde o início, minha única ambição era escrever. Isso eu já sabia aos dezesseis ou dezessete anos, e jamais alimentara a ilusão de que seria possível ganhar a vida como escritor. Decidir tornar-se escritor não é o mesmo que resolver ser médico ou policial. É uma coisa que você não escolhe, mas que escolhe você, e, uma vez aceito o fato de que essa é a única atividade para a qual você tem vocação, é necessário preparar-se para caminhar por uma estrada longa e difícil pelo resto da vida. A menos que você acabe constatando que os deuses estão do seu lado (e ai daquele que aposta nessa possibilidade!), seu trabalho nunca vai lhe proporcionar o suficiente para seu sustento e, se você quer ter onde morar e o que comer, tem que resignar-se a assumir outro tipo de trabalho para poder pagar as con-

tas. Eu tinha consciência de tudo isso, estava preparado para enfrentar a parada, não estava me queixando de nada. Sob esse aspecto, tive muita sorte. Nunca tive grandes ambições materiais, e a possibilidade de ser pobre não me assustava. Eu só queria uma oportunidade de fazer o trabalho que eu me imaginava capaz de fazer.

A maioria dos escritores leva vidas duplas. Ganha bem em profissões legítimas e dá um jeito de arranjar uma hora para escrever: de manhã cedo, tarde da noite, nos fins de semana, nas férias. William Carlos Williams e Louis-Ferdinand Céline eram médicos. Wallace Stevens trabalhava numa companhia de seguros. T. S. Eliot era bancário, e depois virou editor. Para falar de meus conhecidos, o poeta francês Jacques Dupin é co-diretor de uma galeria de arte em Paris; William Bronk, um poeta americano, administrou a firma de carvão e madeira da família, no interior do estado de Nova York, por mais de quarenta anos. Don DeLillo, Peter Carey, Salman Rushdie e Elmore Leonard trabalharam por muito tempo em publicidade. Outros escritores atuam no magistério. Essa é provavelmente a solução mais comum hoje em dia, e agora que toda grande universidade e faculdade fajuta oferecem "oficinas" de "criação literária", os romancistas e poetas vivem se digladiando para conseguir um lugar ao sol. No que fazem muito bem. O salário pode não ser grande coisa, mas o emprego é estável e o expediente não é dos mais puxados.

Meu problema era que eu não estava interessado em levar uma vida dupla. Não que não estivesse disposto a trabalhar; mas a idéia de ter que bater ponto em algum escritório em regime de tempo integral não me animava nem um pouco. Eu estava com vinte e poucos anos; considerava-me jovem demais para criar raízes, tão cheio de planos que não queria desperdiçar meu tempo ganhando um salário maior do que queria ganhar, mais do que me era necessário. Em matéria de dinheiro, só queria o bastante para viver. Naquele tempo o custo de vida era menor, e como não tinha a responsabilidade de sustentar ninguém, eu imaginava que daria para me virar com uma renda anual de mais ou menos três mil dólares.

Tentei fazer pós-graduação por um ano, mas foi só porque a Columbia University me ofereceu uma bolsa integral com um

estipêndio de dois mil dólares — ou seja, eu estava sendo pago para estudar. Mesmo sob condições ideais como essas, não demorou para que eu me desse conta de que aquilo não me interessava nem um pouco. Eu já estava cheio de estudar, e a idéia de passar mais cinco ou seis anos na condição de aluno me parecia um destino pior do que a morte. Não queria mais falar sobre livros: queria era escrevê-los. Por uma questão de princípios, parecia-me que seria um erro eu, como escritor, esconder-me numa universidade, cercado de pessoas com cabeças parecidas com a minha, e me acomodar. O risco era a autocomplacência, e, quando isso acontece com um escritor, é o fim dele.

Não vou defender as escolhas que fiz. Se elas não foram práticas, a verdade é que eu não queria ser prático. Queria viver experiências novas, conhecer o mundo e me testar, entrar e sair de várias coisas, explorar o máximo possível. Desde que eu mantivesse os olhos abertos, parecia-me que tudo que acontecesse comigo seria útil, me ensinaria coisas que eu não conhecia antes. Se isso parece um método um tanto antiquado, então que seja: jovem escritor despede-se da família e dos amigos e parte para um rumo desconhecido, a fim de descobrir a si próprio. Por melhor ou pior que fosse esse caminho, creio que nenhum outro me teria servido. Eu tinha energia, a cabeça cheia de idéias e pés que não queriam ficar parados no mesmo lugar. Como o mundo era grande, a última coisa que eu queria era me proteger dos riscos da vida.

Para mim não é difícil relatar essas coisas e evocar meus sentimentos dessa época. As dificuldades só surgem quando me pergunto por que fiz o que fiz e senti o que senti. Todos os outros jovens poetas e prosadores da minha turma estavam tomando decisões sensatas a respeito do futuro. Não éramos filhos de pais ricos, com a possibilidade de viver de mesada, e quando terminássemos a faculdade teríamos que nos virar sozinhos. Todos nós estávamos na mesma situação e sabíamos o que nos esperava; no entanto, eles agiram de uma maneira e eu de outra. É isso que até agora não sei explicar. Por que meus amigos foram tão ajuizados e eu tão imprudente?

Minha família era de classe média. Tive uma infância tranqüila e nunca sofri as privações que atormentam a maioria dos seres humanos deste mundo. Nunca passei fome, nunca passei frio, nunca me senti ameaçado de perder as coisas que eu tinha. Segurança não nos faltava, e no entanto, embora minha família vivesse sem percalços financeiros nem tragédias, o dinheiro era sempre tema de conversas e fonte de preocupação. Meus pais tinham vivido os tempos da Depressão, e nenhum deles se recuperara de todo daquele período difícil. Ambos ficaram marcados pela experiência da penúria, cada um a sua maneira.

Meu pai era pão-duro; minha mãe, esbanjadora. Ela gastava; ele economizava. A lembrança dos tempos de pobreza jamais o deixava em paz e, muito embora as circunstâncias tivessem mudado, meu pai não conseguia acreditar nisso de todo. Ela, por outro lado, aproveitava à grande a mudança de situação. Adorava os rituais do consumismo e, como tantos outros americanos de gerações anteriores e posteriores, cultivava o ato de fazer compras como um meio de expressão individual, às vezes elevando essa atividade ao nível de uma arte. Para ela, entrar numa loja era dar início a um processo alquímico que atribuía à caixa registradora uma série de propriedades mágicas e transformadoras. Desejos inexprimíveis, necessidades intangíveis, anseios inefáveis — tudo isso passava pela caixa registradora e saía transformado em coisas reais, objetos concretos que ela podia segurar. Mamãe jamais se cansava de repetir esse milagre, e as contas que resultavam eram uma fonte de atrito entre ela e meu pai. Minha mãe achava que estava tudo dentro de nossas posses; meu pai discordava. Dois estilos, duas visões do mundo, duas filosofias morais em eterno conflito, o qual terminou por dar fim ao casamento. O dinheiro era a falha geológica do relacionamento e tornou-se a fonte maior de disputa entre eles. A tragédia da coisa é que os dois eram pessoas boas — atenciosas, honestas, trabalhadoras — e, fora esse único campo de batalha, pareciam se dar bastante bem. Nunca consegui entender como algo tão sem importância podia causar tanta discórdia entre eles. Mas é claro que dinheiro nunca é apenas dinheiro. É sempre outra coisa, algo maior, e é sempre ele que diz a última palavra.

Quando menino, eu me via entre dois fogos nessa guerra ideológica. Minha mãe me levava para comprar roupas, envolvendo-

me no redemoinho de seu entusiasmo e sua generosidade, e vez após vez eu a deixava convencer-me a querer as coisas que ela me oferecia — sempre mais do que eu esperava, sempre mais do que me parecia necessário. Era impossível resistir, impossível não gostar de ver os vendedores a paparicá-la, apressando-se a obedecer a suas ordens; impossível não me empolgar com a força de seu desempenho. Porém minha felicidade vinha sempre misturada com uma grande dose de ansiedade, pois eu sabia muito bem o que meu pai diria quando recebesse a conta. E o fato é que ele sempre dizia a mesma coisa. Vinha a explosão inevitável, e quase inevitavelmente a coisa terminava com meu pai afirmando que da próxima vez que eu precisasse de alguma coisa, era ele que me levaria às compras. Assim, quando chegava a hora de comprar, por exemplo, um casaco de inverno novo para mim, ou um par de sapatos, uma noite, após o jantar, meu pai e eu íamos até uma loja de artigos remarcados, que ficava numa estrada em Nova Jérsei, em algum lugar no meio da escuridão. Lembro-me do brilho das luzes fluorescentes dessas lojas, as paredes de blocos de concreto, a infinitude de cabides com roupas masculinas baratas. Como dizia o anúncio do rádio: "A Robert Hall tem um segredo/ Que ela revela sem medo:/ Gastos gerais mais baixos/ Bum, bum, bum/ Gastos gerais mais baixos!". Pensando bem, esta musiquinha marcou minha infância tanto quanto o juramento à bandeira ou o padre-nosso.

Na verdade, eu gostava de ir pechinchar com meu pai tanto quanto de torrar dinheiro com minha mãe. Eu era tão apegado a ele quanto a ela, e jamais me ocorreu a possibilidade de ficar do lado de um e contra o outro. O método de minha mãe era talvez mais atraente, por ser mais divertido e animado; porém a teimosia de meu pai tinha algo que me atraía também, a sensação de que suas posições se ancoravam numa experiência e num saber conquistados a duras penas, uma integridade de propósitos que o tornava uma pessoa que nunca voltava atrás, mesmo se isso implicasse fazer má figura aos olhos do mundo. Para mim, era uma atitude admirável, e por mais que adorasse minha mãe, linda e sempre encantadora, por deslumbrar o mundo daquela maneira, eu também adorava meu pai por resistir a esse mesmo mundo. Às vezes seu modo de agir era exasperante — ele parecia nunca se

importar com o que os outros pensavam dele —, mas era também instrutivo, e creio que no final das contas prestei mais atenção àquelas lições do que eu imaginava.

Quando menino, sempre fui cheio de iniciativa. Ao surgirem os primeiros sinais de neve, saía correndo com minha pá e começava a tocar as campainhas dos vizinhos, para perguntar se eles me pagariam para tirar a neve da saída da garagem e da calçada. Quando as folhas das árvores caíam em outubro, lá ia eu com o ancinho tocar as mesmas campainhas, oferecendo-me para limpar os gramados. Em outras ocasiões, em que não havia nada para remover do chão, eu perguntava se não havia nenhum "servicinho" para mim. Arrumar a garagem, limpar o porão, aparar as sebes — o que houvesse para ser feito, eu era a pessoa indicada para fazê-lo. No verão, vendia limonada por dez cêntimos o copo na calçada em frente à minha casa. Recolhia cascos na cozinha, punha-os em meu carrinho vermelho e ia até a loja para entregá-los em troca do depósito. Garrafas pequenas, dois cêntimos; grandes, cinco. O dinheiro que arrecadava era gasto principalmente em figurinhas de beisebol, revistas de esportes e histórias em quadrinhos, e o que porventura sobrasse ia direto para meu cofrinho em forma de caixa registradora. Eu era mesmo filho de meus pais, e jamais questionei os princípios que orientavam o mundo deles. O dinheiro falava, e quem o escutava e acompanhava sua argumentação aprendia a falar o idioma da vida.

Uma vez, lembro-me, obtive uma moeda de cinqüenta cêntimos. Não me lembro como consegui essa moeda, que na época já era tão rara quanto hoje em dia; mas quer ela me tenha sido dada de presente ou em pagamento de algum serviço, relembro perfeitamente o quanto a moeda representava para mim, quantas coisas eu poderia adquirir com ela. Naquele tempo, com cinqüenta cêntimos se compravam dez pacotes de figurinhas de beisebol, cinco revistas em quadrinhos, dez barras de chocolate, cinqüenta balas duras — ou, se fosse o caso, diversas combinações de todas essas coisas. Coloquei a moeda de cinqüenta cêntimos no bolso de trás e saí em direção à loja, calculando febrilmente de que modo iria gastar minha pequena fortuna. Em algum ponto de minha trajetória, porém, até hoje não sei como, a moeda desapareceu. Pus a mão no bolso de trás para ver se ela

estava no lugar — eu sabia que estava, era só para conferir — e o dinheiro tinha sumido. Haveria um buraco no bolso? Teria eu sem querer colocado a moeda por fora do bolso da última vez que pegara nela? Não faço idéia. Eu tinha seis, sete anos, e ainda me lembro como fiquei arrasado. Eu tentara ser cuidadoso, e no entanto, apesar de todas as minhas precauções, terminara perdendo o dinheiro. Como havia eu deixado que uma coisa dessas acontecesse? Não havendo nenhum explicação lógica, concluí que Deus havia me castigado. Não sabia por que, mas estava convicto de que o Todo-Poderoso havia Ele próprio enfiado a mão no meu bolso e tirado a moeda.

Pouco a pouco, fui me afastando de meus pais. Não que meu amor por eles diminuísse, mas o mundo deles não me parecia mais um lugar muito convidativo para se viver. Eu tinha dez, onze, doze anos, e já estava me transformando num exilado interno, um exilado em minha própria casa. Muitas dessas mudanças podem ser atribuídas à adolescência, ao simples fato de que eu estava crescendo e começando a desenvolver idéias próprias — muitas, mas não todas. Havia outras forças atuando sobre mim ao mesmo tempo, e todas contribuíram para que eu optasse pelo caminho que vim a trilhar. Não foi só o sofrimento de ver o casamento de meus pais ir por água abaixo, nem só a frustração de sentir-me preso numa cidadezinha de subúrbio, nem só o clima dos Estados Unidos no final dos anos 50 — mas tudo isso junto levava a uma forte condenação ao materialismo, uma crítica à idéia convencional de que o dinheiro era algo a ser valorizado mais do que qualquer outra coisa. Meus pais davam valor ao dinheiro, e no entanto haviam terminado daquele jeito. Tinham se esforçado tanto para ganhar dinheiro, investido tanta fé no dinheiro, e no entanto para cada problema que ele havia resolvido surgira outro em seu lugar. O capitalismo americano criara um dos momentos de maior prosperidade da história do homem. Levara à produção de uma infinidade de automóveis, legumes congelados e xampus milagrosos, e apesar disso Eisenhower era o presidente, e todo o país havia se transformado num gigantesco anúncio de televisão, uma constante exortação para comprar mais, fazer mais, gastar

mais, dançar em volta da árvore dos dólares até cair morto de tanto se esforçar para manter o mesmo nível de consumo que os vizinhos.

Não demorei para descobrir que eu não era a única pessoa a pensar assim. Aos dez anos, encontrei por acaso um número da revista *Mad* numa loja de balas em Irvington, Nova Jérsei, e lembro o prazer intenso, quase estupidificante, que senti ao ler aquelas páginas. Elas me revelavam que havia pessoas como eu no mundo, que outros já haviam destrancado as portas que eu estava tentando abrir. No Sul, mangueiras de bombeiros espirravam água na cara dos negros; os russos tinham acabado de lançar o primeiro esputinique; e eu estava começando a prestar atenção. Não, não era necessário engolir todos aqueles dogmas que tentavam enfiar pelas nossas goelas abaixo. Era possível resistir, debochar, desmitificar. A retidão e a virtude da vida americana não passavam de um embuste, uma campanha publicitária feita sem muita convicção. Era só começar a examinar os fatos que contradições vinham à tona, hipocrisias gritantes eram desmascaradas, toda uma maneira diferente de encarar as coisas se tornava possível de repente. Ensinavam-nos a acreditar em "liberdade e justiça para todos", mas o fato era que muitas vezes surgiam incompatibilidades entre a liberdade e a justiça. A corrida atrás do dinheiro nada tinha a ver com justiça; o motor por trás dela era o princípio social do cada-um-por-si. Como se para provar a desumanidade essencial do mercado, quase todas as suas metáforas provinham do mundo animal: cada macaco no seu galho, o lobo do homem, a sobrevivência dos mais aptos. O dinheiro dividia o mundo em ganhadores e perdedores, ricos e pobres. Uma situação muito boa para os vitoriosos, mas e os derrotados? Com base nos dados de que dispunha, concluí que estes eram jogados fora e esquecidos. Azar deles, mas paciência, a vida era assim mesmo. Se você constrói um mundo tão primitivo que o filósofo fundamental é Darwin e o poeta básico é Esopo, o que se pode esperar? A vida é uma selva, é ou não é? Veja só o leão da Dreyfuss caminhando pelo meio da Wall Street.* Não poderia haver mensagem mais clara: é comer ou ser comido. Esta é a lei da selva, meu amigo, e se você não tem estômago para agüentá-la, então caia fora enquanto você pode.

(*) Alusão a um anúncio de televisão de uma corretora de valores. (N. T.)

Pois eu caí fora antes mesmo de entrar. Quando cheguei à adolescência, já havia concluído que o mundo dos negócios ia ter que se virar sem mim. Creio que essa foi a época em que estive pior, mais insuportável, mais confuso. Em mim ardia um idealismo recém-descoberto, e os rigores da perfeição que eu buscava atingir transformaram-me num puritano em miniatura. Sentia repulsa quando via sinais exteriores de riqueza, e todo objeto de ostentação que meus pais traziam para dentro de casa era recebido por mim com escárnio. A vida era injusta. Havia finalmente descoberto esse fato, e como fora eu que o descobrira, ele tinha para a mim a força de uma revelação. Com o passar dos meses, foi se tornando cada vez mais difícil para mim conciliar minha sorte com o azar de tantas outras pessoas. O que eu fizera para merecer os confortos e as vantagens que haviam sido despejados sobre minha cabeça? Meu pai podia pagar a conta, só isso; e se ele e minha mãe brigavam por causa de dinheiro, isto nada pesava em comparação com o fato de que eles tinham dinheiro bastante para poder brigar por ele. Eu reclamava toda vez que tinha que entrar no carro da família — tão reluzente, tão novo, tão caro, uma tentativa tão óbvia de fazer com que o mundo admirasse nossa prosperidade. Eu só sentia simpatia pelos oprimidos, os despossuídos, os derrotados da ordem social, e um automóvel como aquele me enchia de vergonha — vergonha não só de mim mesmo, mas também vergonha de viver num mundo que permitia tais coisas.

Meus primeiros empregos não foram para valer. Meus pais ainda estavam me ajudando e eu não tinha obrigação de arcar com meu próprio sustento nem de contribuir para a renda familiar. Assim, não havia pressão, e quando não há pressão nunca há nada importante em jogo. Era bom ganhar um dinheirinho, mas eu jamais precisava utilizá-lo em necessidades básicas, não me preocupava com a necessidade de pôr comida na mesa nem de pagar o aluguel. Estes problemas viriam depois. Por ora eu era apenas um aluno de segundo grau procurando um par de asas que me levassem embora daquele lugar.

Aos dezesseis anos de idade, passei dois meses trabalhando como garçom numa colônia de férias no interior do estado de

Nova York. No verão seguinte trabalhei na loja de eletrodomésticos do meu tio Moe, em Westfield, Nova Jérsei. Esses empregos eram parecidos, pois exigiam basicamente trabalho braçal e não requeriam muito raciocínio. Carregar bandejas e raspar pratos talvez fosse uma atividade um pouco menos interessante do que instalar aparelhos de ar-condicionado e descarregar geladeiras de caminhões de treze metros de comprimento, mas eu não dava muita importância a essas sutis diferenças. Não era uma questão de maçãs ou laranjas, e sim de dois tipos de maçã, com o mesmo tom de verde. Porém, embora fossem monótonos, gostei muitíssimo dos dois empregos. Eram tantos personagens pitorescos, tantas novidades, tantos pensamentos novos a absorver que não me incomodava a mesmice da rotina, e jamais me ocorreu que eu estivesse desperdiçando tempo só para ganhar dinheiro. O dinheiro era importante, mas o trabalho não era só uma questão de dinheiro: o fundamental era aprender quem eu era e de que modo eu me encaixava no mundo.

Mesmo na colônia de férias, onde meus colegas de trabalho eram todos garotos na faixa de dezesseis, dezessete anos, todos cursando o secundário, os empregados da cozinha vinham de um universo muito diferente. Pessoas fracassadas, vagabundos, homens de passado duvidoso, haviam sido recolhidos das ruas de Nova York pelo proprietário da colônia, que os convencera a aceitar aqueles empregos mal remunerados — mas que implicavam dois meses de ar fresco, mais casa e comida de graça. A maioria deles não durava muito tempo. Um belo dia simplesmente desapareciam; voltavam para a cidade sem nem se dar ao trabalho de se despedirem. Um ou dois dias depois, o desaparecido era substituído por uma alma perdida semelhante, que por sua vez raramente ficava ali muito tempo. Um dos lavadores de pratos, lembro, chamava-se Frank, um sujeito sisudo, mal-humorado, que tinha sérios problemas com o álcool. Não sei como, acabamos nos tornando amigos, e à noite, quando terminávamos o trabalho, às vezes ficávamos sentados na escada atrás da cozinha, conversando. Descobri que Frank era um homem muito inteligente e bastante lido. Trabalhara numa corretora de seguros em Springfield, Massachusetts, e até a bebida apoderar-se dele vivera como um cidadão produtivo, que pagava seus impostos e

tudo. Lembro muito bem que não ousei lhe perguntar o que ocorrera, mas uma noite ele me contou mesmo sem eu ter perguntado, transformando o que certamente teria sido uma história complicada numa narrativa curta e seca dos eventos que haviam destruído sua vida. Num intervalo de um ano e quatro meses, disse, todas as pessoas que eram importantes para ele morreram. Parecia encarar a coisa com uma atitude de resignação filosófica, quase como se estivesse falando sobre outra pessoa, e no entanto havia algo de amargo em sua voz. Primeiro os pais, depois a mulher, e depois os dois filhos. Doenças, acidentes, enterros, e quando não restou mais ninguém era como se suas entranhas estivessem estraçalhadas. "Eu simplesmente entreguei os pontos", disse ele. "Não ligava mais para o que acontecesse comigo, e por isso virei um vagabundo."

No ano seguinte, em Westfield, conheci mais algumas figuras inesquecíveis. Carmen, por exemplo, uma guarda-livros corpulenta, cheia de tiradas espirituosas, que até hoje continua sendo a única mulher barbada que jamais conheci (ela chegava a ter que se barbear), e Joe Mansfield, o consertador assistente que tinha duas hérnias e um Chrysler caindo aos pedaços que já havia virado o odômetro três vezes e agora marcava 580 mil quilômetros. Joe tinha duas filhas fazendo faculdade, cujos estudos ele custeava, e além de trabalhar de dia na loja de eletrodomésticos dava oito horas de serviço toda noite como contramestre numa padaria, lendo gibis ao lado de enormes tonéis de massa de pão para não dormir. Foi o homem mais exausto que conheci — e também uma das pessoas mais cheias de energia que já encontrei. Para não perder o pique, fumava cigarros mentolados e bebia de doze a quatorze garrafas de soda laranjada por dia, porém não o vi uma só vez pondo comida na boca. Se almoçasse, dizia ele, ficaria muito cansado e desabaria. As hérnias haviam aparecido alguns anos antes, quando ele e mais dois homens estavam subindo uma escada estreita carregando uma geladeira enorme. Os outros homens deixaram a geladeira escapulir, de modo que Joe teve que arcar com todo o peso da tralha, e foi nesse exato momento, quando ele se esforçava para não ser esmagado pelos cento e tantos quilos que estava segurando, que seus testículos foram lançados para fora do escroto. Primeiro um, dizia ele, depois o outro —

ploc, ploc. Ele não podia mais levantar objetos pesados, mas toda vez que tínhamos que entregar um aparelho muito grande Joe vinha nos ajudar — só para não haver perigo de que acabássemos nos matando.

"Nós", no caso, éramos eu e um garoto ruivo de dezenove anos chamado Mike, um sujeito magrinho e musculoso, tenso, que perdera um dos dedos indicadores e tinha uma das línguas mais rápidas que eu já conhecera. Eu e Mike instalávamos aparelhos de ar-condicionado e passávamos muito tempo juntos no caminhão da loja fazendo entregas. Nunca me cansava de ouvir aquele turbilhão de metáforas malucas e opiniões extravagantes que jorrava de Mike sempre que ele abria a boca. Se um freguês lhe parecia muito metido a besta, por exemplo, ele não dizia "esse cara é um babaca" (como faria a maioria das pessoas), nem "esse cara é um presunçoso" (como diriam alguns), e sim "esse cara parece que acha que a merda dele não fede". Mike tinha um dom especial, e naquele verão tive várias oportunidades de vê-lo utilizar esse talento. Vez após vez, entrávamos numa casa para instalar um ar-condicionado, e, na hora exata em que estávamos no meio do trabalho (enfiando parafusos, medindo tiras de material de calafetagem para pôr em volta da janela), uma garota entrava no recinto. Não falhava nunca. Tinha sempre dezessete anos, era sempre bonita, estava sempre entediada, "aqui em casa sem fazer nada". Assim que ela entrava em cena, Mike acionava seu charme. Era como se ele soubesse que a garota ia entrar, como se já houvesse ensaiado suas falas e estivesse perfeitamente preparado. Eu, por outro lado, sempre era apanhado desprevenido e, enquanto Mike dava início a seu espetáculo (uma combinação de conversa fiada, efeitos especiais e cara-de-pau), continuava trabalhando, mudo. Mike falava e a garota sorria. Mike falava mais um pouco e ela ria. Dois minutos depois, já eram velhos amigos, e quando eu terminava o serviço eles estavam trocando telefones e combinando um programa para sábado. Era absurdo; era sublime; eu ficava boquiaberto. Se tivesse acontecido apenas uma vez, ou mesmo duas vezes, eu imaginaria que era apenas uma questão de sorte; porém essa cena se repetia de modo regular — ocorreu pelo menos cinco ou seis vezes durante aquele verão. Por fim, fui obrigado a reconhecer, ainda que contra a vontade, que Mike não era apenas um sujeito de sorte: ele criava sua própria sorte.

* * *

Em setembro, iniciei a última série do secundário. Foi o último ano em que morei na casa de meus pais, e foi também o último ano do casamento deles. O rompimento estava se anunciando havia tanto tempo que, quando me deram a notícia, no final das férias de Natal, fiquei menos chateado do que aliviado.

Aquele casamento fora um equívoco desde o começo. Se ficaram juntos por tanto tempo, foi mais "por causa das crianças" do que por vontade deles. Não tenho nenhuma pretensão de saber os motivos, mas desconfio que um momento decisivo ocorreu dois ou três anos antes do fim, quando meu pai assumiu a tarefa de ir ao supermercado. Foi a última grande batalha da guerra que meus pais travavam por questões financeiras, e na minha cabeça ficou sendo a última gota, a coisa que derrubou a ambos. Era verdade que minha mãe gostava de encher o carrinho no Shop-Rite até ele ficar quase pesado demais para empurrar; era verdade que ela adorava comprar as guloseimas que eu e minha irmã lhe pedíamos; era verdade que lá em casa comíamos bem e a despensa estava sempre muito bem abastecida. Mas era também verdade que essas despesas estavam dentro de nossas posses, que as finanças da família não ficavam de modo algum ameaçadas pelas quantias que minha mãe gastava no supermercado. Porém meu pai achava que aqueles gastos eram descontrolados. Quando por fim resolveu fincar pé, pisou no lugar errado, e terminou fazendo o que homem algum jamais deve fazer com sua mulher. O que ele fez, em última análise, foi demiti-la de suas funções. Daí em diante era meu pai que se encarregava de comprar comida para a família. Uma, duas, até três vezes por semana, quando voltava para casa do trabalho (como se já não tivesse muito o que fazer), parava no supermercado e enchia a parte de trás da caminhonete com sacos de compras. As carnes de primeira que minha mãe costumava comprar foram substituídas por acém e pescoço. As marcas conhecidas foram trocadas por produtos genéricos. Não havia mais o que comer no lanche após chegar da escola. Não me lembro de ouvir minha mãe se queixando, mas para ela isso deve ter representado uma derrota colossal. Ela não mandava mais em sua própria casa, e o fato de não ter protestado, não ter lutado, certa-

mente indicava que minha mãe já não acreditava no casamento. Quando tudo terminou, não houve drama, cenas barulhentas, nem mudanças de idéia na última hora. A família se dissolveu discretamente. Minha mãe mudou-se para um apartamento no bairro de Weequahic, em Newark (levando minha irmã e eu com ela), enquanto meu pai continuou sozinho naquela casa grande, e lá ficou até morrer.

Por estranho que pareça, esses acontecimentos me deixaram felicíssimo. Agradava-me ver que a verdade finalmente viera à tona, e gostei das revoluções e mudanças que se seguiram como conseqüência dessa verdade. Havia algo de libertador naquilo tudo, algo de revigorante em saber que o quadro-negro tinha sido apagado. Todo um período de minha vida havia terminado, e embora meu corpo ainda continuasse indo às últimas aulas na escola secundária e ajudando minha mãe a mudar-se para o apartamento, minha cabeça já estava longe. Não apenas eu estava prestes a sair de meu lar, como também o próprio lar tinha desaparecido. Agora eu não tinha mais para onde voltar; só podia ir embora.

Nem sequer me dei ao trabalho de comparecer à minha formatura. Apresento este fato como prova de que aquilo pouco representou para mim. Quando meus colegas, com trajes acadêmicos, receberam seus diplomas, eu já estava do outro lado do Atlântico. A escola me dera uma permissão especial para sair mais cedo, e eu comprara passagem num navio para estudantes que partiu de Nova York no início de junho. Joguei todas as minhas economias nessa viagem. Dinheiro ganho em aniversários, na formatura, no *bar mitzvah*, as ninharias que eu economizara nos meus empregos de verão — uns mil e quinhentos dólares, mais ou menos; não me lembro da quantia exata. Isso foi no tempo daqueles livros do tipo "Europa a cinco dólares por dia", e se a gente administrava o dinheiro com cuidado, até conseguia. Passei mais de um mês em Paris, hospedado num hotel onde a diária era sete francos (um dólar e quarenta cêntimos); viajei à Itália, Espanha e Irlanda. Em dois meses e meio, perdi dez quilos. Aonde quer que fosse, trabalhava no romance que havia começado a escrever na primavera daquele ano. Felizmente, os originais desapareceram, mas a história que andava na minha cabeça durante aquele

verão era para mim tão real quanto os lugares aonde eu ia e as pessoas com quem cruzava. Tive alguns encontros extraordinários, principalmente em Paris, mas a maior parte do tempo estava sozinho, às vezes até demais, sozinho a ponto de ouvir vozes na minha cabeça. Hoje em dia nem sei o que pensar daquele garoto de dezoito anos. Vejo a mim mesmo como um enigma, um lugar onde tumultos inexplicáveis ocorriam, uma criatura sem peso e de olhar esgazeado, talvez um pouco amalucada, dada a impulsos interiores desesperados, súbitas reviravoltas, êxtases, pensamentos elevados. Se alguém me abordava da maneira correta, eu me abria, era encantador, até mesmo gregário. Caso contrário, tornava-me fechado, taciturno, como se não estivesse presente. Eu acreditava em mim mesmo, e no entanto não tinha autoconfiança. Era arrojado e tímido, lépido e desajeitado, determinado e impulsivo — um monumento vivo, ambulante, ao espírito de contradição. Minha vida mal havia iniciado, e já estava seguindo em duas direções ao mesmo tempo. Eu ainda não sabia, mas para poder chegar a algum lugar seria necessário fazer o dobro do esforço que faziam as outras pessoas.

As duas últimas semanas da viagem foram as mais estranhas. Por motivos que tinham tudo a ver com James Joyce e *Ulisses*, fui a Dublin. Não tinha planos. Meu único objetivo era estar lá; eu imaginava que o resto viria naturalmente. A agência de turismo me indicou uma pensão em Donnybrook, a quinze minutos de ônibus do centro da cidade. Tirando o casal de velhos que administrava a pensão e dois ou três outros hóspedes, não falei com praticamente ninguém todo o tempo em que permaneci lá. Não consegui nem mesmo criar coragem de entrar num *pub*. Em alguma etapa de minhas viagens, arranjei uma unha encravada e, ainda que agora essa situação pareça cômica, na época não achei graça nenhuma. Era como se eu tivesse a ponta de uma faca cravada no dedão do pé. Caminhar tornou-se um suplício, e no entanto desde manhã cedo até o fim da tarde praticamente a única coisa que eu fazia era andar por Dublin, mancando, com sapatos apertados que já estavam se desintegrando. Constatei que a dor era suportável, porém exigia de mim um esforço que parecia ter o efeito de intensificar meu ensimesmamento, anular-me enquanto ser social. Havia um americano velho e ranzinza que morava na

pensão — um aposentado com setenta anos, de Illinois ou Indiana — o qual, tão logo ficou sabendo de meu problema, começou a encher minha cabeça com histórias terríveis. Sua mãe tivera uma unha encravada durante anos, tratando dela só com remédios caseiros paliativos — desinfetante, bolinhas de algodão —, mas sem jamais *encarar o problema de frente* e, é claro, quando viu estava com *câncer no dedo do pé*, e o câncer se espalhou pelo pé, depois subiu a perna, tomou conta de todo seu organismo e acabou matando-a. Ele adorava deter-se nos pequenos detalhes macabros da doença de sua mãe (tudo para o meu bem, é claro); vendo que eu era muito impressionável, não se cansava de repetir o caso. Não nego que a história mexeu comigo. Um pequeno incômodo se transformara numa ameaça à minha vida, e quanto mais eu adiasse a hora de fazer alguma coisa, pior a minha situação. Toda vez que passava pelo Hospital dos Incuráveis a caminho da cidade eu desviava a vista. Não conseguia tirar da cabeça as palavras do velho. O fim estava próximo; os sinais da morte iminente estavam por toda parte.

Uma ou duas vezes, fui acompanhado em minhas caminhadas por uma enfermeira de vinte e seis anos, de Toronto. Chamava-se Pat Gray, e havia chegado à pensão na mesma noite que eu. Apaixonei-me por ela desesperadamente, mas era um amor sem nenhuma esperança, uma causa perdida desde o início. Não apenas eu era jovem demais para ela e tímido demais para declarar meus sentimentos, como também ela estava apaixonada por outra pessoa — um irlandês, naturalmente; era por isso que estava em Dublin. Lembro que uma noite ela chegou à pensão, após uma noitada com seu amado, por volta da meia-noite e meia. Eu ainda estava acordado, trabalhando no meu romance, e quando ela viu luz saindo por baixo de minha porta veio bater, pedindo para entrar. Eu já estava deitado, escrevendo num caderno apoiado nos joelhos, e ela entrou rindo, as faces coradas de bebida, transbordando de entusiasmo. Antes que eu tivesse tempo de dizer alguma coisa, ela abraçou-me o pescoço e beijou-me; pensei: milagre dos milagres, meu sonho se realizou. Porém, infelizmente, era só um alarme falso. Não tive nem mesmo oportunidade de beijá-la também; logo ela se afastou para me explicar que seu irlandês a pedira em casamento naquela noite e que ela era a moça

mais feliz do mundo. Era impossível não me sentir feliz por ela. Aquela jovem bonita e franca, de cabelos curtos, olhos inocentes e voz sincera, com seu sotaque canadense, havia me escolhido para ouvir sua notícia e compartilhar sua felicidade. Fiz o possível para parabenizá-la e ocultar minha decepção após aquela expectativa súbita e totalmente implausível, mas o beijo havia me derrubado, havia derretido meus ossos, e tive que me esforçar muito para não dar um fora terrível. Só consegui me conter transformando-me numa tora de madeira. Sem dúvida, uma tora tem boas maneiras, mas não é a companheira ideal para uma comemoração.

Tudo o mais era solidão, silêncio e caminhadas. Eu lia livros no Phoenix Park, ia pela praia até o pequeno forte onde Joyce havia morado; atravessei o rio Liffey de um lado para o outro tantas vezes que perdi a conta. Foi nessa época que ocorreram os distúrbios raciais em Watts, Los Angeles, e lembro que li as manchetes num quiosque na O'Connell Street; mas lembro-me também de uma menininha cantando com uma banda do Exército da Salvação num final de tarde, quando as pessoas estavam voltando do trabalho — uma canção melancólica sobre o sofrimento humano e as maravilhas de Deus — e essa voz ainda permanece dentro de mim, uma voz tão cristalina que era capaz de fazer a pessoa mais dura cair no chão e chorar; e o mais notável de tudo era que ninguém prestava a menor atenção a ela. A multidão da hora do *rush* passava pela menina, que continuava parada na esquina cantando sua música naquele lusco-fusco sinistro do setentrião, ignorando as pessoas tanto quanto elas a ignoravam, um pequeno passarinho de roupas esfarrapadas cantando um salmo sobre o sofrimento humano.

Dublin não é uma cidade grande e em pouco tempo eu já a conhecia bem. Havia algo de compulsivo naquelas minha caminhadas, uma vontade insaciável de vagar como um fantasma entre desconhecidos, e após duas semanas as ruas se transformaram para mim numa coisa totalmente pessoal, um mapa de meu território interior. Durante os anos que se seguiram, todas as vezes que eu fechava meus olhos antes de dormir, via-me de volta em Dublin. À medida que ia mergulhando na semiconsciência, eu me via lá outra vez, caminhando por aquelas mesmas ruas. Não tenho explicação para esse fato. Algo importante acontecera comigo lá,

porém jamais consegui determinar exatamente o quê. Alguma coisa terrível, imagino, algum encontro paralisante com minhas próprias profundezas, como se na solidão daqueles dias eu tivesse perscrutado a escuridão e visto a mim mesmo pela primeira vez.

Comecei a cursar o Columbia College em setembro, e nos quatro anos que se seguiram a coisa em que eu menos pensava era dinheiro. Trabalhei intermitentemente em diversos empregos, mas nesse período eu não fazia planos, não pensava em preparar meu futuro financeiro. Pensava era em livros, na guerra do Vietnã, no esforço para achar uma maneira de fazer a coisa que me propunha a fazer. Se pensava em ganhar a vida, era só de modo aleatório, intermitente. No máximo, eu imaginava uma espécie de existência marginal — procurando restos de comida nas periferias do mundo normal, a vida de um poeta faminto.

Não obstante, os empregos que arranjei no tempo da faculdade foram instrutivos. Pelo menos me ensinaram que minha preferência pelo trabalho braçal em oposição ao de escritório era bem fundada. No meu segundo ano de faculdade, por exemplo, fui contratado por uma subsidiária de uma editora para escrever material para *slides* educativos. Quando menino, eu fora submetido a uma saraivada de "audiovisuais" e lembrava-me ainda do tédio profundo que eles sempre provocavam em mim e em meus colegas. Era sempre um prazer sair da sala de aula e ficar vinte ou trinta minutos sentado no escurinho (igualzinho a ir ao cinema!), mas as imagens idiotas na tela, a voz monótona do locutor, o "plim" intermitente que avisava a professora a hora de apertar o botão e passar para a próxima imagem — o efeito dessas coisas sobre nós ia se acumulando. Em pouco tempo, a sala fervilhava de cochichos e risadinhas excitadas semicontidas. Um ou dois minutos depois, as bolinhas de papel começavam a voar.

Não me agradava a idéia de impor esse tédio a mais uma geração de crianças, mas parecia-me que se eu me esforçasse bastante talvez conseguisse fazer algo de mais interessante. No meu primeiro dia no emprego, o supervisor mandou-me dar uma olhada em alguns dos *slides* antigos da companhia para me familiarizar com a forma. Escolhi uma série a esmo. Chamava-se *Estudos sociais* ou *Introdução aos estudos sociais* ou coisa que o valha. Ele colocou os *slides* no projetor e me deixou assistindo sozinho. Lá pela segunda ou terceira imagem encontrei uma afirmação que me assustou. Dizia o texto que os gregos da Antigüidade haviam inventado o conceito de democracia, enquanto a imagem mostrava uma pintura representando homens barbudos de toga. Tudo bem, mas em seguida ("plim": imagem do Capitólio de Washington) dizia-se que os Estados Unidos eram uma democracia. Desliguei o projetor, saí para o corredor e bati à porta da sala do supervisor. "Tem um erro nesse material", disse eu. "Os Estados Unidos não são uma democracia, e sim uma república. Duas coisas muito diferentes."

Ele me encarou como se eu tivesse dito que era neto de Stalin. "Isso é para crianças pequenas", disse ele, "não é para universitários. Não dá para entrar em detalhes."

"Não é um detalhe", respondi, "é uma distinção importante. Numa democracia pura, todo mundo decide todas as questões no voto. Nós elegemos representantes que fazem isso por nós. Não estou dizendo que isso é mau. A democracia pura às vezes é perigosa. É preciso proteger os direitos das minorias, e é isso que a república faz. Está tudo bem explicado nos artigos do *Federalista*. O governo tem que nos proteger da tirania da maioria. As crianças precisam saber disso."

A conversa foi ficando muito esquentada. Eu estava decidido a marcar minha posição, a provar que a frase do *slide* estava errada, mas o supervisor se recusava a aceitar o que eu dizia. Ele me viu como um criador de casos na hora em que abri a boca, e pronto. Vinte minutos depois de começar a trabalhar, fui despedido.

Foi muito melhor o emprego que arranjei no verão depois de meu primeiro ano em Columbia — de caseiro do Commodore Hotel, nos montes Catskill. Foi contratado através da Agência de Empregos do Estado de Nova York, em Manhattan, um enorme órgão governamental que encontrava trabalho para infelizes e desclassificados, a ralé da sociedade. Era um emprego humilde e mal pago, mas pelo menos me oferecia uma oportunidade de sair da cidade e fugir do calor. Eu e meu amigo Bob Perelman fomos juntos à agência e no dia seguinte nos mandaram para Monticello, num ônibus da Short Line. Era o mesmo esquema que eu já vira

em funcionamento três anos antes, e nossos companheiros de viagem eram os mesmos vagabundos e fracassados com quem eu trabalhara como garçom na colônia de férias. A única diferença era que agora eu era um deles. A passagem do ônibus era deduzida do primeiro pagamento, bem como a taxa da agência de empregos, e a menos que a pessoa ficasse no emprego por algum tempo não dava para ganhar grande coisa. Havia uns que não gostavam do trabalho e largavam depois dos primeiros dois dias. Ficavam com uma mão na frente e a outra atrás — sem um tostão e a mais de cem quilômetros da cidade, sentindo que haviam sido enganados.

O Commodore era um hotelzinho vagabundo no circuito do *borscht*.* Não chegava aos pés dos outros da região, os Concord e os Grossinger's, e havia um certo ar melancólico e nostálgico no estabelecimento, lembranças de dias melhores. Eu e Bob chegamos algumas semanas antes do início da temporada de verão, e nosso trabalho era preparar o terreno para receber os hóspedes de julho e agosto. Aparamos gramados e sebes, recolhemos lixo, pintamos paredes, consertamos telas. Deram-nos uma pequena cabana para morar, um cubículo meio bambo com menos espaço que uma cabine de banhos na praia, e aos poucos fomos cobrindo as paredes de nosso quarto com poemas — versos malucos de pé quebrado, trovas escabrosas, quadrinhas empoladas —, morrendo de rir e bebendo de um gole só uma garrafa de cerveja Budweiser depois da outra. Bebíamos cerveja por falta de coisa melhor para fazer, mas, tendo em vista a comida que nos davam, o lúpulo acabou se tornando um componente necessário de nossa dieta. Na época só havia cerca de doze empregados por lá, e o hotel economizava o que podia na nossa alimentação. O menu era sempre o mesmo, no almoço e no jantar: *chow mein* de frango marca Chung King, saído diretamente da lata. Trinta anos já se passaram desde então, e até hoje eu prefiro passar fome a comer mais uma garfada dessa porcaria.

Nada disso valeria a pena contar se não fosse por Casey e Teddy, os dois encarregados da manutenção interna do hotel com

(*) Os hotéis de veraneio (em sua maioria freqüentados por judeus) dos montes Catskill, onde se serve sopa de beterraba (*borscht*). (N. T.)

quem trabalhei naquele verão. Casey e Teddy vagabundeavam juntos havia mais de dez anos, e àquela altura já formavam um par, uma dupla indissolúvel, uma unidade dialética. Tudo o que eles faziam, faziam em dupla, viajando de um lugar a outro, de um emprego a outro, como se fossem uma pessoa só. Eram amigos de verdade, dois grãos de farinha do mesmo saco. Não eram homossexuais, não tinham o menor interesse erótico um no outro — eram camaradas. Casey e Teddy eram exemplares clássicos do vagabundo americano, personagens que pareciam saídos das páginas de um romance de John Steinbeck, e no entanto eram tão engraçados, os dois juntos, com suas tiradas espirituosas, seus porres e sua alegria, que a companhia deles era irresistível. Às vezes me faziam pensar em alguma dupla de comediantes esquecida, do tempo do *vaudeville* e do cinema mudo. O espírito do Gordo e do Magro sobrevivia neles, só que não eram limitados pelas restrições do *show business*. Faziam parte do mundo real, e representavam no palco da vida.

Casey era o "escada", e Teddy, o palhaço. Casey era magro, Teddy roliço. Casey era branco, Teddy preto. Nos dias de folga, os dois iam juntos à cidade, bebiam até se embriagar, e depois voltavam para o *chow mein* do jantar, os dois com exatamente o mesmo corte de cabelo, ou com camisas idênticas. A idéia era sempre gastar todo o dinheiro de uma vez só, e exatamente da mesma maneira, centavo por centavo. As camisas ficaram na minha cabeça como um exemplo dos mais impagáveis. Eles não conseguiam parar de rir quando entraram com as roupas iguais, com uma mão na ilharga, um apontando para o outro, como se tivessem pregado uma grande peça no mundo. Eram as camisas mais berrantes, mais feias que é possível imaginar, um duplo atentado ao bom gosto, e Casey e Teddy atingiram os píncaros da hilaridade ao desfilar com elas para mim e Bob. Em seguida, Teddy foi para o salão de baile vazio no andar térreo do prédio principal, sentou-se ao piano e começou a tocar o que denominou de "Concerto Vinho do Porto". Passou uma hora e meia arrancando do teclado improvisos dissonantes, enchendo o salão com uma tempestade de barulho inebriado. Teddy era um homem de vários talentos, mas a música não era um deles. No entanto, estava muito satisfeito da vida, enquanto a tarde morria, um maestro dadaísta em paz consigo próprio e com o mundo.

Teddy contou-me que nascera na Jamaica e entrara para a marinha britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Um dia seu navio foi torpedeado. Não sei quanto tempo se passou até ele ser salvo (minutos? horas? dias?), mas o fato é que foi achado por um navio americano. Daí em diante, passou para a marinha dos Estados Unidos, dizia ele, e quando a guerra terminou já era cidadão americano. Achei aquela história meio suspeita, mas foi o que Teddy me contou, e quem era eu para duvidar dele? Nos últimos vinte anos, tinha feito praticamente tudo que um homem pode fazer, trabalhado em todas as profissões imagináveis. Vendedor, artista de rua na Greenwich Village, barman, bêbado de expediente integral. Nada disso era importante para ele. Cada história que contava era acompanhada por uma gargalhada grave, ressoante, e este riso era como uma constante afirmação do ridículo de sua condição, um sinal de que seu único objetivo ao falar era rir de si próprio. Teddy fazia cenas em lugares públicos, agia como uma criança malcriada, desmascarava as pretensões dos outros. Às vezes sua companhia tornava-se cansativa, mas havia também algo de admirável nas confusões que aprontava. Atuava de modo quase científico, como se estivesse realizando um experimento, bagunçando as coisas pelo puro prazer de ver onde elas iam estar quando a poeira baixasse. Teddy era um anarquista, e como não tinha nenhuma ambição nem queria nada do que as outras pessoas queriam, jamais tinha que obedecer às regras dos outros; podia sempre seguir as suas.

Não faço idéia de como e onde ele conheceu Casey. Seu amigo era um personagem menos pitoresco que ele, e o que mais me vem à mente quando penso nele é o fato de que era desprovido de paladar e olfato. Alguns anos antes, Casey se metera numa briga de botequim, levara uma pancada na cabeça e daí em diante ficou totalmente desprovido da capacidade de sentir odores. Por isso, para ele, tudo que comia tinha gosto de papelão. Se fechasse os olhos, não sabia dizer o que estava comendo. *Chow mein* ou caviar, batata ou pudim — não fazia nenhuma diferença. Fora isso, Casey estava em excelente forma; era um peso meio-médio cheio de energia, com um sotaque de irlandês dos cortiços de Nova York. A tarefa que lhe cabia era rir das brincadeiras de Teddy e cuidar para que seu amigo não levasse a coisa longe demais e terminasse preso. Uma noite, naquele verão, isso quase aconteceu: Teddy se pôs de pé num restaurante em Monticello e começou a agitar o menu, gritando: "Eu não vou comer essa comida japonesa de cachorro!". Porém Casey o acalmou e todos conseguimos terminar a refeição. Creio que nem é preciso acrescentar que não estávamos num restaurante japonês.

Em termos de qualquer avaliação objetiva, Casey e Teddy eram dois joões-ninguém, dois bobalhões excêntricos, porém causaram uma impressão indelével em mim, e nunca mais conheci pessoas como eles. Acho que era por isso que eu trabalhava em lugares como o Commodore Hotel. Não tinha nenhuma intenção de transformar aquilo numa carreira, mas essas pequenas incursões nos cus-do-mundo sempre levavam a alguma descoberta interessante, a uma contribuição inesperada à minha formação. Casey e Teddy são um exemplo perfeito disso. Eu tinha dezenove anos quando os conheci, e as coisas que eles fizeram naquele verão até hoje alimentam minha imaginação.

Em 1967, matriculei-me num programa da Columbia que levava terceiranistas para o estrangeiro, e fui a Paris. As semanas que eu passara lá após concluir o secundário tinham atiçado meu apetite pela cidade, e não perdi a oportunidade de voltar.

Paris continuava sendo Paris, mas eu já não era a mesma pessoa que fora na minha primeira ida. Eu tinha passado os dois anos anteriores num delírio de livros, e mundos inteiros haviam sido despejados dentro da minha cabeça, transfusões transformadoras tinham reconstituído meu sangue. Quase tudo o que ainda é importante para mim nos campos da literatura e da filosofia descobri naqueles dois anos. Agora, quando olho para trás, parece-me quase impossível absorver tamanho volume de leituras. Eu bebia livros em quantidades avassaladoras, consumia países e continentes inteiros de livros, jamais conseguia me dar por satisfeito. Dramaturgos elisabetanos, filósofos pré-socráticos, romancistas russos, poetas surrealistas. Eu lia livros como se meu cérebro estivesse pegando fogo, como se minha sobrevivência estivesse em jogo. Uma obra levava a outra, um pensamento levava a outro, e de um mês para o outro mudavam minhas idéias a respeito de tudo.

O programa acabou sendo uma terrível decepção. Fui a Paris cheio de planos grandiosos, achando que poderia assistir a todas as palestras e cursos que bem entendesse (Roland Barthes no Collège de France, por exemplo), mas quando me sentei para discutir essa possibilidade com o diretor do programa ele me disse de cara que tais coisas estavam fora de questão. Nem pensar, disse o homem. Você tem que estudar francês, gramática, passar em certas provas, ganhar não-sei-quantos créditos e meios-créditos, acumular tantas horas de aula aqui e tantas lá. Achei aquilo um absurdo, um currículo para crianças de colo. Eu já passei por tudo isso, respondi. Já sei falar francês. Para que andar para trás? Porque — disse ele — as regras são essas, e é assim que vai ser.

Ele foi tão inflexível, tão desdenhoso comigo, tão predisposto a encarar meu entusiasmo como arrogância e achar que minha intenção era ofendê-lo, que imediatamente chegamos a um impasse. Eu não tinha nada de pessoal contra aquele homem, mas ele parecia estar decidido a transformar nossa discordância em conflito. Queria me diminuir, esmagar-me com seu poder, e quanto mais a conversa se prolongava mais aumentava minha resistência. Por fim, chegou um momento em que julguei que não agüentava mais. Está bem, disse eu, se é assim que tem que ser, não quero. Saio do programa, saio da faculdade, saio dessa porra toda. E então me levantei da cadeira, apertei a mão do homem e fui embora.

O que fiz foi uma loucura. A idéia de não obter diploma não me preocupava, mas dar as costas para a faculdade significava que eu perderia automaticamente a isenção do serviço militar. Numa época em que as convocações para a guerra do Vietnã estavam aumentando de modo assustador, de repente eu me havia colocado numa ótima situação para ser recrutado. Não haveria problema nenhum se eu fosse a favor da guerra; só que não era. Era contra, e por nada deste mundo seria capaz de lutar nela. Se tentassem me convocar, eu me recusaria a servir. Se me prendessem, iria para a cadeia. Esta era uma decisão categórica — uma posição absoluta, inegociável. Eu me recusava a tomar parte na guerra, mesmo se esta recusa estragasse minha vida.

Assim mesmo, larguei a faculdade. Agi sem nenhum medo, sem a menor dúvida ou hesitação, e dei esse salto com os olhos

bem abertos. Eu imaginava que a queda seria dolorosa, mas não foi. Em vez disso, vi-me flutuando no ar como uma pena, e nos meses que se seguiram senti-me mais livre e feliz do que nunca.

Eu morava num hotelzinho na rue Clément, bem em frente ao Marché Saint-Germain, um mercado que há muito tempo foi derrubado. O hotel era barato, mas limpo, bem melhor que a espelunca onde eu havia ficado dois anos antes, e o jovem casal que o administrava era extremamente gentil comigo. O homem se chamava Gaston (corpulento, bigodinho, camisa branca, avental preto em qualquer situação) e passava a maior parte do tempo servindo os fregueses do café no térreo, um lugarzinho minúsculo que funcionava ao mesmo tempo como ponto de encontro da vizinhança e recepção do hotel. Era lá que eu tomava o café da manhã e lia o jornal; foi lá que me viciei em fliperama. Caminhei muito naqueles meses, tal como em Dublin, mas passei também horas incontáveis lendo e escrevendo no meu quarto. A maior parte do que produzi nessa época se perdeu, mas lembro que escrevi e traduzi poemas, e também elaborei um roteiro longo e extraordinariamente complexo para um filme mudo (uma mistura de filme de Buster Keaton com sapateado filosófico). Além das mil leituras que vinha fazendo nos últimos dois anos, eu também ia muito ao cinema, principalmente nos cines Thalia e New Yorker, que eram pertinho de Morningside Heights. O Thalia passava dois filmes diferentes por dia e, como a meia-entrada custava apenas cinqüenta cêntimos, eu passava tanto tempo lá quanto nas salas de aula de Columbia. Constatei que, em matéria de cinemas, Paris era ainda mais bem servida que Nova York. Virei freqüentador regular da Cinemathèque e dos cineclubes da Rive Gauche, e depois de algum tempo me apaixonei tanto pelo cinema que cheguei a cogitar em me tornar diretor. Cheguei até a me informar a respeito do I.D.H.E.C., o instituto de cinema de Paris, mas os formulários eram tão longos e complicados que nem me dei ao trabalho de preenchê-los.

Quando não estava em meu quarto nem no cinema, eu estava fuçando em alguma livraria, comendo em restaurantes baratos, conhecendo várias pessoas, pegando gonorréia (muito doloroso) e me regozijando em ter tomado a decisão que tomara. Seria difícil exagerar a felicidade que senti naqueles meses. Eu estava ao

mesmo tempo entusiasmado e em paz comigo mesmo e, muito embora soubesse que meu pequeno paraíso um dia teria que terminar, fazia o possível para prolongá-lo, para adiar a hora do acerto de contas enquanto pudesse.

Consegui me agüentar até meados de novembro. Quando voltei para Nova York, o semestre do outono de Columbia já estava pelo meio. Eu julgava não ter mais nenhuma possibilidade de ser aceito pela universidade, mas havia prometido a minha família que voltaria e discutiria a questão com as autoridades da instituição. Afinal, meus pais estavam preocupados comigo, e eu julgava que tinha essa dívida para com eles. Uma vez feito isso, minha idéia era voltar para Paris e começar a procurar emprego. O exército que se dane, pensei. Se eu acabasse virando um fugitivo, que assim fosse.

Nada aconteceu conforme eu imaginava. Marquei hora para conversar com um dos sub-reitores de Columbia e esse homem foi tão simpático comigo, estava tão claramente do meu lado, que derrubou minhas defesas em poucos minutos. Não, disse ele, na sua opinião o que eu estava fazendo não era bobagem. Ele compreendia minha atitude e tinha admiração pelo espírito do meu empreendimento. Por outro lado, havia o problema da guerra; Columbia não queria que eu fosse lutar se eu próprio não estava disposto a ir, muito menos que eu fosse parar na cadeia por me recusar a servir o exército. Se eu quisesse voltar para a faculdade, a porta estava aberta. Eu poderia voltar no dia seguinte e, oficialmente, seria como se não tivesse perdido um único dia de aula.

Como discutir com um homem assim? Não era um burocrata que estava apenas fazendo seu serviço. Falava com muita tranqüilidade e ouvia com atenção o que eu dizia; assim, não demorou para que eu me desse conta de que a única coisa que o movia era o desejo sincero de impedir que um rapaz de vinte anos de idade cometesse um erro, impedi-lo de foder com sua própria vida quando tal coisa não era necessária. Para isso, haveria tempo depois, *n'est-ce pas?* Ele próprio não era muito velho — tinha trinta, trinta e cinco anos, talvez — e ainda me lembro de seu nome, embora nunca mais o tenha visto: Platt. Quando a universidade foi fechada naquela primavera por causa da greve dos estudantes, pediu demissão em sinal de protesto contra o modo como as

autoridades universitárias enfrentaram o problema. Depois fiquei sabendo que ele foi trabalhar na ONU.

O período de conflitos em Columbia durou do início de 1968 até a formatura da minha turma, em junho de ano seguinte. As atividades normais praticamente cessaram nessa época. O campus virou um campo de batalha de manifestações e greves. Havia tumultos, batidas policiais, pancadaria geral e brigas entre facções do movimento. Excessos retóricos abundavam; fronteiras ideológicas eram traçadas; paixões explodiam para todos os lados. Sempre que a poeira baixava um pouco, surgia outra questão, e tudo recomeçava mais uma vez. Em última análise, não se conseguiu nada de muito importante. O lugar onde ia ser construído um ginásio foi mudado, algumas exigências acadêmicas foram suprimidas, o presidente renunciou e foi substituído por outro. Foi só. Apesar dos esforços de milhares de pessoas, a torre de marfim não desabou. Assim mesmo, ela balançou por algum tempo e muitas de suas pedras despencaram para o chão.

Participei de algumas coisas e mantive distância de outras. Ajudei a ocupar um dos prédios do campus, levei uma dura da polícia e passei uma noite na cadeia, mas de modo geral fui mais um observador, um simpatizante. Por mais que me agradasse a idéia de entrar para o movimento, constatei que não tinha temperamento para envolver-me em atividades grupais. Meus instintos solitários eram muito fortes e jamais consegui me convencer a embarcar no grande navio da solidariedade. Infelizmente ou não, continuei a remar na minha canoa — talvez de modo um pouco mais desesperado, um pouco mais inseguro quanto a meu destino, porém teimoso demais para saltar fora. De qualquer modo, provavelmente não haveria tempo para isso. Minha canoa estava em plena corredeira e eu tinha que fazer toda a força para não perder o remo. Se bobeasse, corria sério risco de me afogar.

Alguns se afogaram. Uns tornaram-se vítimas de sua própria retidão e nobres intenções, e a perda humana foi catastrófica. Ted Gold, uma turma à frente da minha, despedaçou-se num prédio na West Village quando a bomba que ele estava preparando explodiu por acidente. Mark Rudd, meu amigo de infância e meu

vizinho no alojamento de Columbia, entrou para o Weather Underground* e viveu na clandestinidade por mais de dez anos. Dave Gilbert, porta-voz da SDS, cujos discursos me impressionavam como modelos de perceptividade e inteligência, está na cadeia, cumprindo pena de setenta e cinco anos por seu envolvimento no assalto a um carro-forte da Brink's. No verão de 1969, fui ao correio em Massachusetts com uma amiga que ia postar uma carta. Enquanto ela esperava na fila, olhei para um cartaz na parede, com os dez homens mais procurados pelo FBI. Constatei que eu conhecia sete deles.

Era este o clima da universidade nos meus dois últimos anos lá. Apesar de todos os fatores dispersivos e do tumulto constante, consegui escrever bastante, porém meus esforços não deram em muita coisa aproveitável. Comecei dois romances e abandonei ambos, escrevi várias peças que não me agradaram, produzi um poema após o outro e os resultados foram quase sempre decepcionantes. Naquela época, minhas ambições eram muito maiores que minhas capacidades, e com freqüência me sentia frustrado, perseguido por uma sensação de fracasso. As únicas realizações que me inspiravam orgulho eram minhas traduções de poesia francesa, mas isso era uma atividade secundária para mim e estava longe de ser o que eu pretendia. Ainda assim, certamente não fiquei de todo desanimado. Afinal, continuava a escrever, e quando comecei a publicar artigos sobre livros e filmes no *Columbia Daily Spectator* passei a ver meu trabalho em letra de fôrma de modo regular. Creio que a gente tem que começar por algum lugar. Eu podia não estar progredindo tão depressa quanto desejava, mas pelo menos estava avançando. Caminhava para a frente, inseguro, passo a passo, mas ainda não sabia correr.

Quando penso naquele tempo agora, vejo-me em fragmentos. Diversas batalhas estavam sendo travadas ao mesmo tempo e havia pedaços de mim espalhados sobre um campo extenso, cada um atracado com um anjo diferente, um impulso diferente, uma concepção diversa de mim mesmo. Isso às vezes me levava a agir de maneiras que eram fundamentalmente alheias a minha personalidade. Transformava-me em uma pessoa que não era eu, experimentava por algum tempo habitar um corpo alheio, imaginava ter me reinventado. O sujeito melancólico, meditabundo e metido a besta se desmaterializava, dando lugar a um cínico falastrão. O intelectual livresco, até excessivo, de repente dava meia-volta e virava filho espiritual de Harpo Marx. Lembro-me de vários exemplos desse tipo de traquinagem, mas o que melhor exprime o clima da época foi um besteirol que publiquei na *Columbia Review*, a revista literária dos alunos de graduação. Por motivos que agora me parecem absolutamente indevassáveis, resolvi lançar o Primeiro Prêmio Anual Christopher Smart. Eu estava no quarto ano, e as regras do concurso saíram na última página do número do outono. Escolho a esmo algumas frases do texto: "O objetivo do prêmio é conceder reconhecimento aos grandes antihomens de nossa época [...] homens de talento que renunciaram a todas as ambições mundanas, que voltaram as costas para os banquetes dos ricos. [...] Tomamos como modelo Christopher Smart [...] o poeta inglês setecentista que desprezou a glória fácil a que fazia jus como inventor do dístico rimado [...] em troca de uma vida de bebedeiras, loucura, fanatismo religioso e escritos proféticos. No excesso, encontrou seu verdadeiro caminho; rejeitando o talento promissor que nele viram os poetas acadêmicos da Inglaterra, concretizou sua verdadeira grandeza. Difamada e ridicularizada nos últimos duzentos anos, sua reputação foi arrastada na lama. [...] Christopher Smart foi relegado à esfera dos desconhecidos. Tentamos agora, numa era desprovida de heróis, ressuscitar seu nome".

O objetivo do concurso era recompensar o fracasso. Não pequenos tropeços e impasses cotidianos, mas quedas monumentais, atos gigantescos de auto-sabotagem. Em outras palavras, eu queria escolher a pessoa que tivesse partido do máximo para conseguir o mínimo, que tivesse começado com todas as vantagens, todos os talentos, todas as expectativas de sucesso mundano, para não dar em nada. Os candidatos deveriam escrever um ensaio de cinqüenta palavras no mínimo, relatando seu fracasso ou o de uma pessoa conhecida. O vencedor receberia uma edição em dois volumes, com estojo, das obras reunidas de Christopher Smart. Para surpresa minha — e só minha — não houve nem um candidato.

(*) Facção mais radical, clandestina, da organização estudantil esquerdista Students for a Democratic Society (SDS). (N. T.)

Era uma brincadeira, é claro, uma molecagem literária, mas por trás de minhas intenções humorísticas havia algo de perturbador, algo que não tinha nada de engraçado. Por que esta compulsão a santificar o fracasso? Por que o tom debochado e arrogante, a postura de sabe-tudo? Talvez eu esteja enganado, porém agora me ocorre que isso era uma manifestação do medo, do terror que me inspirava o futuro incerto que eu havia preparado para mim mesmo, e que o que me levara a criar o concurso, no fundo, era a intenção de sagrar a mim mesmo vencedor. As regras malucas eram uma maneira de apostar dos dois lados, de me esquivar dos golpes que a vida me reservava. Perder era ganhar, ganhar era perder e, portanto, mesmo que o pior viesse a acontecer eu poderia atribuir-me uma vitória moral. Triste consolo, talvez, mas sem dúvida já era uma medida de desespero. Em vez de expor meu medo às claras, eu o enterrava sob uma avalanche de tiradas de espírito e comentários sarcásticos. O processo não era consciente. Eu estava tentando enfrentar as derrotas antes mesmo que elas acontecessem, enrijar-me para as lutas que me aguardavam. Durante os anos que se seguiram, minha frase predileta da língua inglesa era uma citação do poeta elisabetano Fulke Greville: "Escrevo para os que foram pisoteados pelo boi negro".

Pois acabei conhecendo Christopher Smart. Não o verdadeiro Christopher Smart, talvez, mas uma de suas reencarnações, um exemplo vivo de promessas que não deram em nada, de um talento literário malogrado. Foi na primavera de meu último ano de faculdade, poucas semanas antes de minha formatura. De repente surgiu do nada, no campus de Columbia, um homem que começou a causar sensação. De início, eu tinha apenas uma vaga consciência de sua presença, mas pequenos fragmentos das histórias que circulavam a seu respeito chegaram aos meus ouvidos. Soube, por exemplo, que o homem se identificava como "Doc",* e que — por motivos obscuros que tinham algo a ver com o sistema econômico dos Estados Unidos e o futuro da humanidade — ele estava dando dinheiro a pessoas desconhecidas, sem pedir nada em troca. Naquele tempo havia tantas maluquices acontecendo que não dei muita atenção ao caso.

(*) Abreviação coloquial de *doctor*; "doutor". (N. T.)

Uma noite, dois amigos meus me convenceram a ir com eles ao Times Square para ver o mais recente western-espaguete de Sergio Leone. Depois do cinema, resolvemos fechar a noitada com um pulinho no Metropole Café, na Broadway, esquina com Forty-eighth Street. O Metropole fora outrora uma casa de jazz séria, mas agora virara uma discoteca, com paredes espelhadas, estroboscópios e dançarinas só de tapa-sexo numa plataforma elevada. Pegamos uma mesa num canto ao fundo e começamos a beber. Quando nossas vistas se adaptaram à escuridão, um dos meus amigos viu Doc sentado sozinho no canto oposto do salão. Foi até lá e convidou-o a vir para a nossa mesa; quando o homem misterioso, barbudo e um tanto desgrenhado sentou-se a meu lado, resmungando um comentário a respeito de Gene Krupa e a decadência daquele lugar, por um momento desviei o olhar das dançarinas para apertar a mão do lendário e esquecido romancista H. L. Humes.

Ele fora um dos fundadores da *Paris Review* nos anos 50, publicara dois livros de sucesso (*Underground city* e *Men die*), e depois, quando estava começando a obter uma certa reputação, desapareceu. Simplesmente sumiu do mundo da literatura, e nunca mais se ouviu falar dele.

Não conheço sua história por completo, mas os fragmentos que ouvi dele próprio indicam que passou por um mau pedaço, uma longa série de reveses e desgraças. Ele fazia alusões a tratamentos de choque, um casamento desfeito, internações em hospitais psiquiátricos. Segundo seu próprio depoimento, parara de escrever por motivos físicos, e não por opção. A terapia de eletrochoque danificara seu organismo, dizia, e toda vez que ele pegava uma caneta suas pernas inchavam, o que lhe causava dores insuportáveis. Como não podia mais valer-se da palavra escrita, agora utilizava a fala para transmitir sua "mensagem" ao mundo. Naquela noite, deu-nos uma demonstração grandiosa de seu domínio absoluto do novo meio de expressão. Primeiro dentro da boate, depois numa caminhada Broadway acima até Morningside Heights, num total de quase setenta quarteirões, Doc falou sem parar, enchendo nossos ouvidos com um monólogo diferente de tudo que eu já ouvira antes. Era o palavreado bombástico de um novo profeta visionário *beat*, uma enxurrada implacável e pas-

sional de paranóia e brilho intelectual, uma viagem mental que passava por fora dos trilhos, saltava do fato para a metáfora, da metáfora para a especulação, com tal velocidade e de modo tão imprevisível que o ouvinte ficava estupefato, incapaz de dizer uma só palavra. Ele viera para Nova York com o objetivo de cumprir uma missão. Tinha quinze mil dólares no bolso e, se suas teorias sobre as finanças e as estruturas do capitalismo estavam corretas, usaria aquele dinheiro para derrubar o governo americano.

Era muito simples. Seu pai havia acabado de morrer, deixando-lhe a quantia mencionada acima como herança; em vez de gastar o dinheiro em seu próprio proveito, nosso amigo resolvera dá-lo. Mas não o daria todo de uma vez só, nem tampouco beneficiaria uma única pessoa ou instituição de caridade, e sim a todos, o mundo inteiro ao mesmo tempo. Assim, fora ao banco, descontara o cheque e convertera a quantia em uma pilha de notas de cinqüenta dólares. Usando esses trezentos retratos do presidente Ulysses S. Grant como cartões de visita, iria apresentar-se aos outros conspiradores e desencadear a maior revolução econômica da história. Afinal, o dinheiro era uma ficção, papel comum que só adquire valor porque um grande número de pessoas resolve atribuir-lhe valor. A base do sistema é a fé — não a verdade, a realidade, mas a crença coletiva. E o que aconteceria se esta fé fosse solapada, se um grande número de pessoas de repente começasse a duvidar do sistema? Teoricamente, o sistema entraria em colapso. Era esse, em resumo, o objetivo do experimento de Doc. As notas de cinqüenta dólares que ele entregava a estranhos não eram apenas presentes, eram armas na luta em prol da construção de um mundo melhor. Com sua prodigalidade, queria dar um exemplo, provar que era possível desencantar-se e quebrar a fascinação que o dinheiro exercia sobre nossas mentes. Cada vez que desembolsava mais um maço de notas, ele instruía o beneficiado a gastar a quantia o mais depressa possível. Gaste, dê para outra pessoa, faça o dinheiro circular, dizia ele, e diga à pessoa seguinte para fazer o mesmo. Do dia para a noite, uma reação em cadeia teria início, e logo haveria um número tão grande de notas de cinqüenta voando pelo ar que o sistema começaria a entrar em parafuso. Ondas seriam emitidas; cargas de nêutrons de milhares, milhões de fontes diferentes dispariam de um lado para o outro, como

bolinhas de borracha numa sala, e quando ganhassem velocidade e ímpeto ganhariam a força de balas de revólver, e as paredes começariam a rachar.

Não sei até que ponto ele realmente acreditava nisso. Por mais louco que estivesse, um homem inteligente como ele certamente seria capaz de identificar uma idéia idiota. Doc nunca assumiu o fato em público, mas no fundo creio que ele tinha consciência das asneiras que dizia. Isso, naturalmente, não o impedia de divertir-se à grande, nem de propalar seu plano toda vez que tinha oportunidade de fazê-lo, mas aquilo era mais uma maluquice ensaiada que um ato político. H. L. Humes não era nenhum esquizofrênico recebendo ordens de um centro de comando em Marte. Era um escritor destruído, esgotado, que havia ido a pique nos bancos de areia de sua própria consciência; em vez de abandonar a vida de uma vez por todas, havia elaborado aquela pequena farsa para levantar seu próprio moral. O dinheiro lhe proporcionava um novo público, e desde que houvesse alguém a assisti-lo ele permanecia inspirado, a mil por hora, um autêntico homem dos sete instrumentos. Saltava de um lado para o outro como um bufão, dando cambalhotas, atravessando arcos de fogo, bancando o homem-bala e — ao que tudo indicava — curtindo muito tudo o que fazia.

Aquela noite, enquanto subia a Broadway com meus amigos e eu, deu um espetáculo dos bons. Em meio à sua torrente de palavras, gargalhadas súbitas, rasgos de música cósmica, sem mais nem menos Doc dava meia-volta e abordava um desconhecido, interrompendo uma frase para enfiar uma nota de cinqüenta dólares na mão de alguém, insistindo com o beneficiado para que gastasse aquele dinheiro como se não existisse o amanhã. Naquela noite, a rua foi possuída por uma atmosfera de loucura, e Doc era a atração principal, o flautista de Hamelin do caos. Era impossível não ser envolvido por aquele clima, e devo admitir que achei seu desempenho divertidíssimo. Porém, quando já chegávamos ao final da caminhada, estando eu prestes a ir para casa, cometi um erro sério. Àquela altura, já devia ser uma ou duas da madrugada. À minha direita, ouvi Doc murmurar em voz baixa. "Algum de vocês tem um lugar para eu dormir?", perguntou ele; e seu jeito era tão desinteressado, tão *cool*, tão absolutamente

indiferente às coisas deste mundo, que nem pensei duas vezes. "Claro", respondi; "você pode dormir no sofá lá em casa se quiser." Nem é preciso dizer que ele aceitou meu convite. E nem é preciso dizer que eu não fazia idéia da fria em que havia entrado.

Não que eu não gostasse dele, nem que nós não nos déssemos bem. Nos dois primeiros dias, aliás, tudo deu certo. Doc instalou-se no sofá e raramente saía de lá, raramente sequer punha os pés em contato com o chão. Fora uma ou outra ida ao banheiro, ele só fazia ficar sentado, comer pizza, fumar maconha e falar. Eu comprava a pizza para ele (com seu dinheiro), e depois de me ter ouvido dizer cinco ou seis vezes que eu não tinha nenhum interesse por maconha, ele finalmente entendeu e parou de me oferecer. Porém falava incessantemente, o mesmo repertório de bordões confusos que havia exibido na primeira noite, só que agora sua argumentação era mais extensa, mais desenvolvida, mais concentrada. As horas se passavam e Doc jamais se calava. Mesmo quando eu me levantava e saía da sala ele continuava falando, pregando suas idéias para as paredes, o teto, as luminárias, e normalmente nem percebia que eu não estava presente.

Não teria havido nenhum problema se o apartamento fosse um pouco maior. Mas só havia uma sala, um quarto e uma cozinha, e como o quarto era pequeno demais para conter outra coisa que não uma cama, minha escrivaninha estava na sala — onde ficava também o sofá. Com Doc permanentemente instalado no sofá, era quase impossível trabalhar ali. O semestre chegava ao fim, eu tinha que escrever uma série de trabalhos finais para poder completar meu curso e me formar, mas nos primeiros dois dias nem me dei ao trabalho de tentar. Calculei que tinha uma certa folga, e portanto não entrei em pânico. Doc iria embora em breve, e uma vez que eu recuperasse o uso da minha sala, seria possível trabalhar de novo. Na manhã do terceiro dia, porém, me dei conta de que aquele hóspede não tinha nenhuma intenção de ir embora. Não que ele estivesse adiando a partida de propósito; a idéia de partir simplesmente não lhe passara pela cabeça. O que fazer? Eu não tinha coragem de pô-lo para fora. Ele já me inspirava muita pena, e tomar uma medida drástica como essa seria demais.

Os dias que se seguiram foram muitíssimo difíceis. Fiz o que pude para me agüentar, tentando ver se alguns pequenos ajustes

poderiam melhorar a situação. No final, talvez as coisas tivessem dado certo, não sei; mas, três ou quatro dias depois que transferi Doc para o quarto e me instalei na sala, a catástrofe ocorreu. Foi num dos domingos mais bonitos de minha vida, e a culpa foi exclusivamente minha. Um amigo convidou-me para jogar uma partida de basquete ao ar livre, e para não deixar Doc sozinho no apartamento levei-o comigo. Tudo correu bem. Participei do jogo enquanto Doc, sentado ao lado da quadra, ouvia rádio e falava sozinho ou com meus amigos, quando alguém se aproximava dele. Quando voltávamos para casa no final da tarde, porém, alguém nos viu na rua. "Ah-ah", disse essa pessoa, "então é lá que ele está se escondendo." Era um sujeito de quem eu não gostava, e quando lhe pedi que não contasse para ninguém onde Doc estava hospedado, percebi que era a mesma coisa que dirigir um pedido a um poste de luz. É claro que, no dia seguinte, bem cedo, a campainha de meu apartamento começou a tocar. A celebridade do campus fora descoberta; e depois de seu misterioso desaparecimento de uma semana, foi com o maior prazer que H. L. Humes recebeu seus discípulos. O dia inteiro, grupos de alunos de dezenove, vinte anos entravam no meu apartamento e sentavam-se no chão para absorver sua tortuosa sabedoria. Doc era o rei filósofo, o paxá metafísico, o santo boêmio que desmascarava as mentiras que os professores afirmavam; e os estudantes não se cansavam de ouvi-lo.

Fiquei profundamente aporrinhado. Meu apartamento se transformara numa sala de reuniões vinte e quatro horas por dia, e, por mais que eu quisesse responsabilizar Doc pelo fato, eu sabia que a culpa não era dele. Seus acólitos estavam ali por iniciativa própria, sem que ninguém os houvesse convidado ou convocado, e, quando as multidões começaram a chegar, teria sido tão inútil eu pedir a Doc que as mandasse embora quanto o seria mandar o sol parar de brilhar. Ele vivia para falar. Era sua última defesa contra o esquecimento e, enquanto aqueles garotos estivessem ali, sentados a seus pés e bebendo cada palavra sua, ele podia temporariamente iludir-se, convencer-se de que nem tudo estava perdido para ele. Isso eu compreendia. Até aí, tudo bem; por mim, Doc podia continuar falando até a virada do século. Eu só não queria era que ele fizesse isso no meu apartamento.

Dividido entre a compaixão e a repulsa, acabei chegando, covardemente, a uma solução intermediária. Foi num dos raros intervalos de tranqüilidade ocorridos nesse período, quando não havia nenhum visitante inesperado no apartamento. Anunciei a Doc que ele podia ficar — só que eu ia embora. Expliquei que estava cheio de trabalho para fazer, e para não expulsá-lo antes que ele tivesse encontrado outro lugar para se instalar, preferia ir para o apartamento de minha mãe em Newark e escrever meus trabalhos de final de curso. Dentro de exatamente uma semana eu voltaria, e quando chegasse em casa não queria encontrá-lo mais lá. Doc escutou com atenção o meu plano. Quando terminei, perguntei se ele compreendia. "Saquei, bicho", respondeu, com sua voz rouquenha de músico de jazz. "Pode crer." E não se falou mais nisso. Começamos a falar sobre outras coisas e, em algum momento de nossa conversa nessa noite, Doc mencionou o fato de que, muitos anos antes, quando jovem, em Paris, ele conhecera Tristan Tzara. Este é um dos poucos fatos concretos que ainda sei a respeito dele. Com o passar dos anos, quase tudo o mais que H. L. Humes me disse desapareceu. Lembro-me do som de sua voz, mas muito pouco do teor de suas falações. Todas aquelas enormes maratonas verbais, aquelas marchas forçadas rumo às regiões mais remotas da razão, aquelas horas infindáveis a escutá-lo destrinchando suas tramas e conspirações e correspondências secretas — tudo isso reduziu-se a um borrão. As palavras agora são apenas um zumbido no meu cérebro, um enxame ininteligível de nadas.

Na manhã seguinte, quando eu fazia minha mala e me preparava para ir embora, ele tentou me dar dinheiro. Recusei, mas ele continuou insistindo, retirando notas de cinqüenta dólares de seu maço, como se fosse um apostador de corridas de cavalos, dizendo que eu devia aceitar, que eu era um bom menino, que nós tínhamos que "compartilhar a riqueza", e acabei não resistindo à pressão e aceitando trezentos dólares. Senti-me péssimo na época, e até hoje me sinto péssimo quando me lembro. Eu não queria me rebaixar a participar daquele jogo patético que ele estava encenando; no entanto, quando meus princípios finalmente foram postos à prova, sucumbi à tentação e deixei a ganância tomar conta de mim. Trezentos dólares era muito dinheiro em

1969, e a atração que esta quantia representava acabou sendo mais forte do que eu. Pus as notas no bolso, despedi-me de Doc com um aperto de mão e saí o mais depressa possível. Quando voltei uma semana depois, o apartamento estava perfeitamente arrumado, e não havia o menor sinal da passagem de Doc. Ele havia ido embora, tal como prometera.

Só voltei a vê-lo mais uma vez. Foi cerca de um ano depois; eu estava voltando do centro da cidade no ônibus nº 4. Quando o veículo estava entrando na 110th Street, vi-o pela janela, parado em pé na esquina da Fifth Avenue com o Central Park. Pelo visto, a situação dele não era boa. As roupas estavam amarrotadas; parecia sujo; havia em seus olhos uma expressão perdida, vazia, que eu não vira neles antes. Deve estar tomando drogas pesadas, pensei. Então o ônibus seguiu em frente e o perdi de vista. Nos dias e semanas que se seguiram, fiquei achando que voltaria a vê-lo, mas isto não aconteceu. Vinte e cinco anos se passaram, e então, uns cinco ou seis meses atrás, abri o *New York Times* e vi por acaso uma pequena nota na seção de obituários anunciando sua morte.

Aos poucos, fui aprendendo a improvisar, habituando-me a agüentar os trancos da vida. Nos meus últimos dois anos em Columbia, arranjei uma série de trabalhos como *free lance* e aos poucos fui tomando gosto pelo tipo de trabalho literário comercial que me sustentaria até os trinta anos de idade — e que terminaria por me fazer afundar. Creio que havia nisso um certo romantismo, uma necessidade de reafirmar meu status marginal e provar que eu era capaz de me virar sozinho sem ter que me submeter às concepções de sucesso das outras pessoas. Minha vida só daria certo se eu me mantivesse fiel a meus princípios e me recusasse a abrir mão deles. A arte era sagrada; para seguir a vocação de artista era necessário fazer todos os sacrifícios que me fossem impostos, manter a pureza de meus propósitos até o fim.

Saber francês ajudava. Não era de modo algum uma habilitação muito exclusiva, mas meu conhecimento do idioma era bom o bastante para que me oferecessem trabalhos de tradução de vez em quando. Por exemplo, textos sobre artes plásticas, e um documento extraordinariamente chato da embaixada da França a

respeito de reorganização do pessoal, que se estendia por mais de cem páginas. Também dei aulas particulares a uma secundarista durante uma primavera, indo até o outro lado da cidade todo sábado de manhã para falar com ela sobre poesia; e uma vez fui fisgado por um amigo meu para ficar ao lado de Jean Genet numa plataforma ao ar livre e traduzir (de graça) um discurso que ele faria em favor dos Panteras Negras. Genet, com uma flor vermelha enfiada atrás da orelha, sorriu quase o tempo todo em que esteve no campus de Columbia. Parecia sentir-se bem em Nova York, e recebia com muito *aplomb* toda a atenção que lhe davam. Uma noite, não muito tempo depois, encontrei por acaso um conhecido no West End, o velho bar freqüentado por estudantes na esquina de Broadway com 114th Street. Ele me disse que estava começando a trabalhar numa editora de livros pornográficos e que, se eu quisesse tentar escrever um livro de sacanagem, o preço era mil e quinhentos dólares por romance. Eu estava mais do que disposto a tentar, mas minha inspiração morreu após vinte ou trinta páginas. Constatei que havia um número limitado de modos de descrever aquele único ato, e meu estoque de sinônimos esgotou-se logo. Comecei então a escrevinhar resenhas para uma publicação vagabunda que visava o público estudantil. Vendo que aquela revista não ia dar em nada, resolvi assinar meus artigos com um pseudônimo, para a coisa ficar mais emocionante. O nome que escolhi foi Paul Quinn. Lembro que me pagavam vinte e cinco dólares por resenha.

Quando foram divulgados os resultados do sorteio militar no final de 1969, dei sorte com o número 297. Uma escolha aleatória de cartões salvou minha pele, e o pesadelo para o qual vinha me preparando havia anos de repente evaporou. A quem deveria agradecer por aquele inesperado ato de compaixão? Eu escapara de um sofrimento e uma preocupação imensos; minha vida agora estava de novo sob meu próprio controle; a sensação de alívio era incalculável. Agora a prisão não era mais uma perspectiva para o futuro. O horizonte estava livre para todos os lados; eu podia caminhar na direção que bem entendesse. Desde que não carregasse muito peso, nada me impediria de ir tão longe quanto minhas pernas agüentassem.

Se acabei trabalhando num petroleiro durante alguns meses,

foi acima de tudo por obra do acaso. Não se pode trabalhar num navio sem caderneta de marítimo, e só se pode obter caderneta de marítimo quando se trabalha num navio. A menos que se conheça alguém capaz de quebrar esse círculo vicioso, é impossível entrar. Quem fez isso para mim foi o segundo marido de minha mãe, Norman Schiff. Minha mãe casou-se de novo cerca de um ano depois de divorciar-se de meu pai, e em 1970 eu e meu padrasto já éramos ótimos amigos havia cinco anos. Um homem muito bom e generoso, ele sempre me deu apoio, sempre foi a favor de minhas ambições vagas e pouco práticas. Sua morte em 1982 (aos cinqüenta e cinco anos de idade) foi uma das maiores tristezas da minha vida; na época, porém, quando eu estava terminando meu último ano de faculdade, ele ainda estava razoavelmente bem de saúde. Era advogado, atuando principalmente como mediador em questões trabalhistas, e um de seus muitos clientes naquele período era o sindicato dos marítimos da Esso, para os quais ele dava assistência jurídica. Foi assim que a idéia se instalou na minha cabeça. Perguntei-lhe se ele conseguiria me arranjar trabalho num petroleiro da Esso e ele disse que dava um jeito. E, sem maiores prolegômenos, conseguiu um emprego para mim.

Havia muita papelada para preencher, idas à sede do sindicato em Belleville, Nova Jérsei, exames físicos em Manhattan, e depois um período indefinido de espera até aparecer vaga num dos navios que aportavam na região de Nova York. Neste ínterim, arranjei um emprego temporário no Departamento de Recenseamento dos Estados Unidos, coletando dados para o censo de 1970 no Harlem. O trabalho consistia em subir e descer escadas em cortiços mal iluminados, bater às portas dos apartamentos e ajudar as pessoas a preencher os formulários. Nem todo mundo queria ser ajudado, é claro, e muitos moradores ficavam desconfiados quando viam aquele universitário branco andando pelos corredores do prédio, mas vários me receberam bem, de modo que cheguei a ter a impressão de que não estava desperdiçando meu tempo de todo. Trabalhei nisso cerca de um mês, e então — mais cedo do que eu esperava — o navio me chamou.

Por acaso, eu estava sentado na cadeira do dentista nesse momento, prestes a extrair um dente do siso. Desde que meu nome entrou para a lista, todo dia eu telefonava para meu padrasto,

avisando-o onde poderiam me encontrar, e foi ele que me localizou no consultório. A hora não podia ser mais comicamente imprópria: a novocaína já tinha sido injetada em minha gengiva e o dentista tinha acabado de pegar o alicate para atacar meu dente podre quando a recepcionista veio avisar que havia um telefonema para mim. Urgentíssimo. Saí da cadeira de avental e tudo, e Norman me avisou que eu tinha três horas para fazer as malas e embarcar no navio *Florence* da Esso, em Elizabeth, Nova Jérsei. Pedi desculpas ao dentista, constrangido, e saí correndo de lá.

O dente ficou na minha boca mais uma semana. Quando finalmente saiu, eu estava em Baytown, Texas.

O *Florence* era um dos petroleiros mais velhos da frota, um naviozinho pequeno, relíquia de um tempo já extinto. Coloque um Chevrolet duas-portas ao lado de uma limusine enorme e você terá uma idéia do que era meu navio em comparação com os superpetroleiros de hoje em dia. O *Florence*, que já estava em funcionamento no tempo da Segunda Guerra Mundial, havia acumulado milhares de milhas marinhas quando nele embarquei pela primeira vez. Tinha leitos suficientes para uma tripulação de cem, mas bastavam trinta e três marítimos para assumir as tarefas que precisavam ser feitas. Ou seja: cada um tinha sua própria cabine — o que era uma grande vantagem, considerando-se o tempo que tínhamos que passar juntos. Em outros empregos, à noite a pessoa vai para casa, mas nós éramos obrigados a ficar juntos vinte e quatro horas por dia. Cada vez que a gente levantava os olhos, via sempre as mesmas caras. Trabalhávamos juntos, morávamos juntos, comíamos juntos; se não tivéssemos oportunidade de ter um mínimo de privacidade, a rotina se tornaria insuportável.

Nosso navio ia da costa atlântica ao golfo do México e voltava, carregando e descarregando combustível de avião em diversas refinarias ao longo do caminho: Charleston, Carolina do Sul; Tampa, Flórida; Galveston, Texas. Minhas responsabilidades eram passar o esfregão no chão e fazer as camas, primeiro para a tripulação e depois para os oficiais. O nome técnico dessa função era *moço de convés*, mas em linguagem normal era uma combinação de zelador, lixeiro e camareiro. Não vou dizer que ficava

entusiasmado de ter que lavar privadas e catar meias sujas, mas depois que peguei o jeito da coisa o trabalho tornou-se inacreditavelmente fácil. Em menos de uma semana, aperfeiçoei-me tanto que só precisava de duas ou duas horas e meia para terminar as tarefas do dia. Assim, eu tinha muito tempo livre, a maior parte do qual passava sozinho em meu camarote. Eu lia livros, escrevia, fazia as mesmas coisas de sempre — só que agora conseguia ser mais produtivo, concentrava-me mais, pois não havia muitas coisas que dispersassem minha atenção. Sob diversos aspectos, era quase uma existência ideal, uma vida perfeita.

Então, após um ou dois meses desta rotina deleitável, fui "deslocado". O navio raramente viajava mais de cinco dias de um porto a outro, e em quase todos os portos alguns membros da tripulação abandonavam o navio e entravam pessoas novas. Os recém-chegados recebiam vagas segundo o critério de antigüidade. A hierarquia era rígida: quanto mais tempo você ficava na empresa, mais peso você tinha. Eu, que estava na posição mais baixa possível, não tinha peso algum. Se um veterano queria meu lugar, era só pedir. Minha sorte havia durado bastante, mas foi no Texas que finalmente ela chegou ao fim. Fui substituído por um homem chamado Elmer, um solteirão fundamentalista, burro como uma porta, que era ninguém menos que o moço de convés mais famoso e mais antigo de todos. O que eu fazia em duas horas ele levava seis para fazer. Era o mais lerdo dos lerdos, um sujeito retardado, satisfeito consigo próprio, que não falava com ninguém, andava de um lado do navio para o outro num mundo só dele, totalmente ignorado pelos outros membros da tripulação; e nunca, em toda a minha vida, vi alguém comer tanto quanto ele. Elmer era capaz de ingerir montanhas de comida — repetia uma, duas, três vezes em cada refeição —, mas o que me fascinava nele não era tanto a quantidade de comida e sim o modo como ele satisfazia seu apetite: de modo caprichoso, delicado, com um senso de decoro compulsivo. O melhor de tudo era a operação de limpeza no final. Tendo enchido a barriga, Elmer abria o guardanapo sobre a mesa e começava a alisar o papel fino, transformando-o num quadrado plano. Então dobrava-o em seções longitudinais precisas, metodicamente dividindo-as ao meio até que todo o guardanapo estivesse dobrado em oito partes. No final, o quadra-

do transformara-se numa longa tira retilínea, com os quatro cantos alinhados com perfeição. Nesse momento, Elmer segurava as pontas com cuidado, levava o guardanapo aos lábios e começava a esfregar. Toda a ação se concentrava na cabeça: um lento movimento giratório de um lado para o outro, que durava vinte ou trinta segundos. Do início ao fim, as mãos de Elmer permaneciam imóveis. Ficavam paradas no ar, enquanto a cabeçorra virava para a esquerda, para a direita, novamente para a esquerda, e assim por diante; enquanto isso, os olhos jamais traíam o menor pensamento ou emoção. A Operação Limpeza dos Lábios era um processo insistente, mecânico, um ato de purificação ritual. Limpeza vem logo depois da santidade, Elmer me disse uma vez. Quem o via usar o guardanapo compreendia o que havia de religioso naquela atividade.

Pude observar os hábitos alimentares de Elmer bem de perto porque fui deslocado para a cozinha. O trabalho de ajudante de cozinheiro quadruplicou meu expediente, e tornou minha vida muito mais movimentada. Agora entre minhas tarefas incluíam-se servir três refeições por dia à tripulação (cerca de vinte homens), lavar pratos à mão, limpar a sala de refeições e escrever o cardápio para o taifeiro, que na maioria das vezes estava bêbado demais para se dar a esse trabalho. Meus intervalos eram curtos — no máximo uma hora entre as refeições — e, no entanto, embora tivesse que trabalhar muito mais que antes, minha renda diminuiu. Antes eu tinha tempo suficiente para trabalhar uma ou duas horas extras à noite, raspando e pintando na praça de caldeiras, por exemplo, ou consertando trechos enferrujados do tombadilho, e esses trabalhinhos de voluntário engordavam bastante meu contracheque. Não obstante, apesar das desvantagens, o trabalho de cozinha me parecia um desafio maior que lavar o chão. Era, por assim dizer, um trabalho público e, além de todo o esforço físico que me exigia, obrigava-me também a lidar com os homens do modo mais diplomático possível. Em última análise, era esta a tarefa mais importante: aprender a enfrentar as reclamações implicantes e mal-humoradas, esquivar-me dos insultos, saber pagar na mesma moeda.

Tirando Elmer, a tripulação era um bando de homens sujos e mal-educados. Em sua maioria, moravam no Texas e na Louisiana,

e fora um punhado de hispânicos, um ou dois negros e um ou outro estrangeiro que aparecia de vez em quando, o representante típico da espécie era branco, proletário e conservador. Predominava uma atmosfera jocosa, abundavam histórias engraçadas e piadas pornográficas e conversas sobre armas e carros, mas havia em muitos daqueles homens correntezas profundas e perigosas de racismo, e eu fazia questão de escolher meus amigos a dedo. Ouvir um colega de trabalho defender o *apartheid* sul-africano na hora do café ("lá eles sabem lidar direito com essa crioulada") não traz muita alegria à alma, e se terminei andando principalmente com os homens de pele mais escura e de fala espanhola, havia um bom motivo para isso. Sendo um judeu nova-iorquino com formação universitária, naquele navio eu era um completo alienígena, um marciano. Teria sido fácil para mim inventar histórias a meu respeito, mas esse tipo de coisa não me interessava. Se alguém me perguntava qual era minha religião e minha origem geográfica, eu respondia. Se a pessoa não gostasse da resposta, problema dela. Eu não ia esconder quem eu era nem fingir ser outra pessoa só para não ter problemas. Na verdade, acabei vivendo só uma situação desagradável em todo o tempo em que estive no navio. Um dos homens começou a me chamar de Sammy toda vez que eu passava. Ele parecia achar isso engraçado, mas eu, por não ver graça nenhuma no apelido, pedi-lhe que parasse. O homem repetiu a coisa no dia seguinte, e mais uma vez disse-lhe que parasse com aquilo. Quando, no terceiro dia, ele insistiu, percebi que com palavras educadas não seria possível resolver o problema. Agarrei-o pela camisa, empurrei-o contra a parede e disse-lhe, com toda tranqüilidade, que se ele voltasse a me chamar por aquele nome eu o mataria. Fiquei chocado de ouvir minha própria voz dizendo tal coisa. Eu não era o tipo de pessoa que partia para a violência, e nunca tinha feito uma ameaça semelhante a ninguém, mas por um breve instante um demônio apossou-se de minha alma. Por sorte, minha disposição para brigar foi o bastante para impedir que houvesse briga. Meu adversário levantou as mãos num gesto de paz. "Foi só uma brincadeira", disse ele, "só uma brincadeira." E a coisa ficou por isso mesmo. Com o passar do tempo, chegamos mesmo a nos tornar amigos.

Eu adorava a sensação de estar no meio da água, cercado de

céu e luz e mais nada, a imensidade do vazio. Aonde quer que fôssemos, havia gaivotas nos seguindo, sobrevoando o navio em círculos, à espera dos baldes de lixo que despejávamos no mar. Hora após hora, esperavam pacientemente a baixa altitude, quase sem bater asas, até a hora em que os restos eram jogados fora, quando então mergulhavam desesperadas na espuma, uma gritando para a outra, como bêbados numa partida de futebol. Há poucos prazeres comparáveis ao espetáculo daquela espuma; nada como ficar sentado na popa de um navio grande olhando para as águas brancas e revoltas que ele deixa em seu rastro. É um espetáculo hipnótico, e em dias tranqüilos a pessoa é inundada por uma extraordinária sensação de bem-estar. Por outro lado, o mau tempo também tem os seus encantos. À medida que o verão dava lugar ao outono, as inclemências do tempo multiplicavam-se e vinham ventos violentos e chuvas torrenciais; nesses momentos o navio parecia ser tão frágil quanto um barquinho de papel. Já houve casos de petroleiros que se partiram ao meio; para que isso aconteça, basta uma única onda de mau jeito. O pior momento por que passamos, lembro, ocorreu quando estávamos ao largo do cabo Hatteras, no final de setembro ou início de outubro, um período de doze ou quinze horas em que o navio foi jogado de um lado para o outro por uma tempestade tropical. O comandante passou a noite em claro, ao leme, e mesmo depois que o pior já havia passado, quando o taifeiro me instruiu a levar o café da manhã para o comandante na manhã seguinte, quase fui arrastado para dentro do mar ao pôr o pé no passadiço com minha bandeja. A chuva tinha parado, mas o vento continuava fortíssimo.

Assim mesmo, trabalhar no *Florence* não tinha muito a ver com aventuras em alto-mar. O petroleiro era essencialmente uma fábrica flutuante que, em vez de me levar a conhecer uma vida exótica e agitada, me fez sentir-me como um operário. Agora eu era mais um entre milhões, um inseto a executar suas funções ao lado de uma infinidade de outros, e cada tarefa que eu realizava fazia parte do grande empreendimento extenuante do capitalismo americano. O petróleo era a fonte básica de riqueza, a matéria-prima que alimentava a máquina do lucro e a mantinha em funcionamento, e eu gostava de estar onde estava, sentia gratidão por ter ido parar dentro do ventre da besta. As refinarias onde carregávamos e descarregávamos eram estruturas enormes, infernais, labirintos de canos sibilantes e torres de fogo, e quando se atravessava uma delas à noite tinha-se a impressão de estar vivendo o pior dos pesadelos. Acima de tudo, jamais me esquecerei dos peixes, as centenas de peixes mortos, iridescentes, a flutuar nas águas fétidas, saturadas de óleo, em torno das docas da refinaria. Estes peixes formavam o comitê de recepção que nos aguardava toda vez que os rebocadores nos arrastavam para mais um porto. Aquela feiúra era tão universal, tão intimamente associada à atividade de ganhar dinheiro e ao poder que o dinheiro conferia aos que o haviam ganho — a ponto até de desfigurar a paisagem, de virar do avesso o mundo natural — que comecei a sentir uma certa admiração involuntária por ela. Quando se vai ao fundo das coisas, eu dizia a mim mesmo, a gente vê que o mundo é isso. Aquela feiúra, independentemente do que eu pudesse pensar dela, era a verdade.

Sempre que chegávamos a algum porto, eu fazia questão de desembarcar e passar algum tempo em terra firme. Era minha primeira ida ao Sul, e aqueles rápidos passeios levaram-me a lugares que me pareciam muito mais estranhos e incompreensíveis do que as coisas que eu vira em Paris ou Dublin. O Sul era outro país, um universo americano diferente daquele que eu conhecera no Norte. Na maior parte do tempo eu ia atrás de um ou dois de meus companheiros de bordo, acompanhando-os em suas idas aos lugares que costumavam freqüentar. Lembro-me de Baytown, Texas, com muita nitidez, pelo simples fato de que passamos mais tempo lá do que em qualquer outro lugar. Para mim, era uma cidadezinha triste e decadente. Na rua principal, uma fileira de cinemas elegantes se transformaram em igrejas batistas, e seus letreiros, em vez de anunciar as últimas produções de Hollywood, agora ostentavam ameaçadoras citações bíblicas. Na maioria das vezes, terminávamos em bares de marinheiros em ruelas de bairros pobres. Eram todos basicamente iguais: botequins sórdidos, lugares escuros e úmidos onde se bebia e esquecia. O interior era sempre despojado — nenhum quadro nas paredes, nenhum toque aconchegante de uma taverna tradicional. No máximo, havia uma mesa de sinuca, acionada por moedas de vinte e cinco cêntimos, uma *jukebox* cheia de discos de música country e um menu de bebidas em que só havia uma opção: cerveja.

Uma vez, quando o navio estava num dique seco em Houston para fazer um pequeno reparo, passei a tarde num boteco de última categoria com um graxeiro dinamarquês chamado Teddy, um sujeito meio doido que ria à menor provocação e falava inglês com um sotaque tão carregado que eu não entendia quase nada do que ele dizia. Caminhando pela rua, ao sol ofuscante do Texas, cruzamos com um casal embriagado. Ainda era cedo, mas aquele homem e aquela mulher já estavam tão bêbados, tão profundamente imersos no torpor do álcool, que deviam estar bebendo desde o nascer do dia. Caminhavam trôpegos pela calçada, abraçados, indo ora para um lado, ora para o outro, as cabeças caídas, os joelhos bambos, e no entanto ainda tinham energia suficiente para discutir, em altos brados e com os mais retumbantes palavrões. O tom de suas vozes indicava que aquela discussão já durava anos — dois beberrões à procura do próximo trago, sempre a repetir as mesmas falas um para o outro, a mesma rotina. Os dois terminaram no bar onde eu e Teddy resolvemos passar a tarde e, estando a apenas uns três metros deles, pude acompanhar o pequeno drama que se desenrolava:

O homem debruçou-se para a frente e gritou com a mulher, sentada do outro lado da mesa, com uma voz arrastada de bêbado: "Darlene, me pegue outra cerveja".

Darlene, que estava cochilando no momento, levou um bom tempo para abrir os olhos e conseguir focalizá-los no homem. Passou-se mais um momento e por fim ela exclamou: "Hein?".

"Me pegue uma cerveja", repetiu o homem. "É pra já."

Darlene estava acordando agora, e uma bela impertinência, uma atitude do tipo vá-se-foder, subitamente iluminou-lhe o semblante. Claramente, ela não estava disposta a receber ordens. "Pegue você mesmo, Charlie", retrucou. "Eu não sou sua escrava não."

"Porra", exclamou Charlie, "você é minha mulher ou não é? Para que foi que eu casei com você, afinal? Pegue logo a porra da cerveja!"

Darlene soltou um suspiro escandaloso, histriônico. Sem dúvida, estava tramando alguma coisa, mas suas intenções ainda eram obscuras. "Está bem, querido", disse ela, assumindo a voz de uma esposa submissa e sofredora. "Vou lá pegar para você." Levantou-se da mesa e foi cambaleando até o balcão.

Charlie permaneceu sentado com um sorriso estampado nos lábios, satisfeito com sua pequena vitória masculina. Ali quem mandava era ele, sim, ele e mais ninguém. Naquela família, quem usava as calças era o papai ali.

Um minuto depois, Darlene voltou à mesa com uma garrafa de Budweiser. "Tome a sua cerveja, Charlie", disse ela, e em seguida, com um rápido movimento de pulso, despejou o conteúdo da garrafa na cabeça do marido. Formaram-se bolhas nos cabelos e nas sobrancelhas do homem; riachos de líquido amarelado escorriam-lhe rosto abaixo. Charlie tentou agarrá-la, mas estava bêbado demais para conseguir aproximar-se dela. Darlene jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. "E então, gostou da cerveja, Charlie? Gostou da porra da cerveja?"

De todas as cenas que presenciei em bares, nenhuma se compara ao humor negro do batismo de Charlie; mas em matéria de estranheza, como mergulho no âmago do grotesco, tenho que destacar o Big Mary's Place em Tampa, Flórida. Era um armazém grande, fortemente iluminado, que recebia estivadores e marinheiros havia muitos anos. Entre suas atrações contavam-se meia dúzia de mesas de sinuca, um longo balcão de mogno onde funcionava o bar, um teto absurdamente alto e espetáculos ao vivo de dançarinas de discoteca seminuas. Essas garotas eram a característica essencial do empreendimento, o detalhe que distinguia o Big Mary's Place de outras casas do gênero — e bastava olhar para elas de relance para compreender que não eram contratadas em função de sua beleza, nem de seus dotes artísticos. O único critério era volume. Quando maior, melhor — era este o lema de Big Mary; quanto maior se era, mais se ganhava. O efeito era um tanto perturbador. Aquilo era uma exposição de carne humana, um desfile de gordura branca a tremelicar, e, com quatro garotas dançando ao mesmo tempo na plataforma atrás do balcão, tinha-se a impressão de estar assistindo a uma apresentação de candidatas para o papel principal numa montagem de *Moby Dick*. Cada dançarina era uma montanha de carne, uma massa de banha trêmula mal contida por um biquíni fio-dental, e, à medida que os turnos se revezavam, a agressão aos olhos tornava-se impiedosa. Não faço idéia de como fui parar lá, mas lembro bem que meus companheiros naquela noite eram duas das criaturas mais deli-

cadas do navio (Martinez, um pai de família do Texas, e Donnie, um menino de dezessete anos de Baton Rouge, Louisiana), e que ambos ficaram tão bestificados quanto eu. Vejo-os ainda agora, sentados à minha frente, de queixo caído, contendo-se com muito esforço para não rir de constrangimento. A certa altura, a própria Big Mary veio sentar-se a nossa mesa. Uma mulher esplêndida como um dirigível, com um conjunto de calça e casaco laranja, um anel em cada dedo; queria saber se estávamos nos divertindo. Quando lhe garantimos que sim, ela fez sinal para uma das moças no balcão. "Barbara", gritou ela, com uma voz metálica, voz de três maços de cigarro por dia, "venha cá com essa sua bundona!" Barbara veio, toda sorridente e bem-humorada, rindo quando Big Mary cutucou-a na barriga e beliscou os grossos pneus acima das ancas. "Esta aqui era magricela no começo", explicou Mary, "mas eu lhe dei uma boa engordada. É ou não é, Barbara?", perguntou, cacarejando como um cientista maluco que acaba de realizar um experimento bem-sucedido; e Barbara concordou com ela em gênero, número e grau. Enquanto eu ouvia a conversa das duas, ocorreu-me de repente que me enganara. Eu não tinha entrado para a marinha mercante e sim para o circo.

Outro amigo meu era Jeffrey, o segundo cozinheiro, de Bogalusa, Louisiana. Nós dois tínhamos nascido no mesmo dia e, com exceção de Donnie, o caçulinha, éramos os membros mais jovens da tripulação. Éramos ambos marinheiros de primeira viagem e, como trabalhávamos juntos na cozinha, acabamos nos conhecendo razoavelmente bem. Jeffrey era um sujeito nascido com a bunda para a lua — inteligente, bonito, *bon vivant*, mulherengo, sempre com roupas espalhafatosas — e no entanto muito prático e ambicioso, um sujeito com os pés bem plantados no chão, que tinha total consciência de que estava utilizando o emprego no navio para aprender a cozinhar. Não tinha nenhuma intenção de transformar o trabalho no petroleiro numa carreira, de virar marujo profissional. Seu sonho era trabalhar num restaurante de primeira, quem sabe até ser dono de um restaurante desses, e, a menos que algum obstáculo imprevisto o tenha impedido de realizar seu projeto, estou certo de que é isto que ele está fazendo agora. Não poderia haver duas pessoas mais diferentes do que eu e Jeffrey, e no entanto nos dávamos bem. Era natural que às

vezes fôssemos passear juntos quando o navio atracava, mas como Jeffrey era negro, e como ele passara toda a vida no Sul, ele sabia que muitos dos lugares que eu freqüentava com membros brancos da tripulação lhe eram vedados. Ele deixou isso muito claro da primeira vez que combinamos de sair juntos: "Se você quer que eu vá com você, só vai poder ir aos lugares onde eu posso entrar". Tentei convencê-lo de que ele podia ir aonde bem entendesse, mas Jeffrey não engoliu minha argumentação. "Lá no Norte, até pode ser", insistiu ele. "Aqui no Sul é diferente." Não forcei a barra. Quando eu saía com Jeffrey para tomar cerveja, íamos sempre a bares de negros. Fora a cor da pele da clientela, a atmosfera era a mesma.

Uma noite, em Houston, Jeffrey me convenceu a ir a uma boate de dança com ele. Eu jamais dançava e nunca ia a boates, mas a idéia de passar algumas horas num lugar que não fosse um botequim de terceira categoria era tentadora e resolvi arriscar. A tal boate era uma discoteca animadíssima, com centenas de jovens, a casa noturna para negros mais quente da cidade. Havia um conjunto tocando no palco, estroboscópios psicodélicos iluminando as paredes, bebidas destiladas servidas no balcão. Todo o ambiente pulsava de sexualidade, caos e música barulhenta. Era um embalo de sábado à noite, à texana.

Jeffrey estava embecadíssimo e não levou mais de quatro minutos para puxar conversa com uma das inúmeras garotas estonteantes que zanzavam pelo bar, e quatro minutos depois os dois estavam dançando, perdidos num oceano de corpos. Sentei-me a uma mesa e fiquei bebendo, o único branco no recinto. Ninguém criou caso comigo, mas algumas pessoas começaram a me encarar de modo estranho, e quando terminei minha dose de bourbon dei-me conta de que era hora de puxar o carro. Peguei o telefone, pedi um táxi e fiquei esperando no estacionamento. Quando o carro chegou alguns minutos depois, o motorista começou a xingar. "Porra, que merda. Se eu soubesse que você estava ligando daqui eu não vinha." "Por quê?", perguntei. "Porque isto aqui é o pior lugar de Houston. Só no mês passado mataram seis aqui. Todo fim de semana alguém leva um tiro."

Os meses que passei naquele navio no final davam a impressão de ser anos. O tempo passa de modo diferente quando você

está no mar e, levando-se em conta que a maior parte das experiências que eu estava tendo era inteiramente nova para mim, e que por este motivo eu vivia na defensiva, consegui amontoar uma quantidade surpreendente de impressões e lembranças numa parte relativamente pequena da minha vida. Até hoje não entendo de todo o que eu estava tentando provar com aquela incursão na marinha mercante. Creio que minha atenção era desequilibrar-me a mim mesmo. Ou então só verificar se eu era mesmo capaz de fazer aquilo, de segurar as pontas num mundo que não era meu. Sob este aspecto, creio que não fracassei. Não sei o que foi que realizei durante aqueles meses, mas ao mesmo tempo estou certo de não ter fracassado.

Recebi minha documentação de baixa em Charleston. A companhia fornecia passagem de avião para a cidade de origem, mas quem quisesse podia embolsar o dinheiro da passagem e viajar de outra maneira. Resolvi ficar com o dinheiro. A viagem de trem parador levava vinte e quatro horas; fomos eu e um companheiro de bordo nova-iorquino, Juan Castillo. Juan tinha quarenta e muitos ou cinqüenta e poucos anos, um homem pequeno e gordo, com uma cabeça grande e um rosto que parecia feito com as cascas e polpas de dezenove batatas amassadas. Havia desembarcado de um petroleiro pela última vez na vida; em reconhecimento a seus vinte e cinco anos de serviço à companhia, a Esso lhe dera um relógio de ouro. Não sei quantas vezes Juan tirou o relógio do bolso e olhou para ele durante a longa viagem, mas toda vez que o fazia ele sacudia a cabeça por alguns segundos e depois caía na gargalhada. A certa altura, o condutor parou para conversar conosco em uma de suas caminhadas pelo vagão. Estava muito elegante com seu uniforme, lembro-me; era um cavalheiro negro sulista da antiga. Num tom altivo, um pouco condescendente, abriu a conversação com a pergunta: "Vocês dois estão indo para o Norte para trabalhar nas siderúrgicas?".

Eu e Juan certamente devíamos formar um par e tanto. Lembro-me de estar usando uma jaqueta de couro surrada, mas fora isso não consigo ver a mim mesmo, não faço idéia do que os outros viam quando olhavam para mim. A pergunta do condutor é a única pista de que disponho. Juan havia tirado fotografias de seus companheiros de bordo para colocar no álbum da família, e lembro-me de posar no tombadilho olhando para a lente da câmara enquanto ele tirava a foto. Juan prometeu que me mandaria uma cópia, mas não mandou.

Cheguei a pensar em passar mais uma temporada num petroleiro da Esso, mas acabei desistindo. Meu salário ainda estava sendo enviado a mim pelo correio (para cada dois dias passados no navio, eu recebia um dia de salário em terra) e minha conta bancária estava começando a ficar razoavelmente robusta. Nos últimos meses, eu vinha lentamente chegando à conclusão de que meu próximo passo deveria ser ir morar no estrangeiro por algum tempo. Estava disposto a trabalhar num navio outra vez se necessário, mas achava que minhas reservas financeiras já davam para o gasto. Os três ou quatro mil dólares que havia ganho no petroleiro me pareciam representar uma quantia suficiente para começar, e assim, em vez de continuar na marinha mercante, abruptamente mudei de rumo e comecei a planejar uma ida a Paris.

A França era uma opção lógica, mas acho que não fui para lá movido por razões lógicas. O fato de eu falar francês, vir traduzindo poesia francesa, conhecer e gostar de várias pessoas que moravam na França — certamente essas coisas pesaram na minha decisão, mas não foram os fatores determinantes. O que me fez querer ir, creio, foi a lembrança do que havia ocorrido comigo em Paris três anos antes. Ainda não tinha conseguido me livrar daquilo e, porque aquela visita fora interrompida, porque eu havia partido achando que voltaria em breve, viera-me a sensação de ter deixado alguma coisa pelo meio, de não ter me saciado. A única coisa que tinha vontade de fazer no momento era sentar-me e escrever. Se conseguisse retomar a introspecção e a liberdade daquele período, julgava eu, estaria na melhor situação possível para escrever. Não tinha nenhuma intenção de me tornar um expatriado. Abandonar os Estados Unidos não fazia parte do meu plano e jamais me ocorreu a possibilidade de nunca mais voltar. Queria um pouco de espaço, uma oportunidade de descobrir, de uma vez por todas, se eu era mesmo quem eu achava que era.

O que ficou mais vívido em minha memória dessas minhas últimas semanas em Nova York foi a conversa de despedida que

tive com Joe Reilly, um sem-teto que freqüentava o saguão do meu prédio na West 107th Street. Era um edifício de nove andares, mal-conservado; como a maioria dos lugares no Upper West Side, era habitado por uma população bem heterogênea. Sem fazer nenhum esforço, consigo evocar um bom número de moradores, mesmo passados vinte e cinco anos. O carteiro porto-riquenho, por exemplo, e o garçom chinês, e a cantora de ópera gorda e loura que tinha um cachorro Lhassa Apso. Para não falar no modista negro homossexual, com seu casaco preto de pele, nem dos clarinetistas cujas brigas terríveis atravessavam as paredes de meu apartamento e envenenavam minhas noites. No térreo desse edifício de tijolo cinzento, um dos apartamentos fora dividido ao meio, e cada metade era habitada por um homem confinado a uma cadeira de rodas. Um deles trabalhava na banca de jornais da esquina de Broadway com 110th Street; o outro era um rabino aposentado. O rabino era um homem particularmente encantador, com um cavanhaque pontudo de artista e uma boina preta que não tirava da cabeça, sempre inclinada para o lado, de um modo jovial e elegante. Quase todos os dias ele saía de casa em sua cadeira de rodas e passava um tempo no saguão, conversando com Arthur, o zelador, ou com os moradores que entravam e saíam do elevador. Uma vez, chegando ao prédio, vi-o em seu lugar de sempre através da porta de vidro, conversando com um vagabundo que trajava um sobretudo escuro e comprido. Achei aquela dupla implausível, mas a postura do vagabundo e a inclinação da cabeça do rabino indicavam que os dois se conheciam bem. Era um vagabundo clássico, um beberrão com o rosto coberto de sarna, roupas imundas, a cabeça meio calva cheia de cortes, uma ruína escrofulosa que parecia ter acabado de sair de um bueiro. Então, quando empurrei a porta e entrei no saguão, ouvi-o falar. Acompanhada de uma gesticulação exagerada, teatral — o braço esquerdo levantado de repente, um dedo da mão direita apontando para o céu —, saiu uma frase de sua boca, pronunciada com uma voz grave e poderosa, uma seqüência de palavras tão inusitada e inesperada que de início não acreditei no que estava ouvindo. "Não se tratava, em absoluto, de um mero contato efêmero!", exclamou ele, saboreando cada sílaba daquela sentença rebuscada e literária com tanto prazer, com um virtuosismo

tão ostensivo, uma pompa tão magnífica, que parecia um ator trágico recitando uma fala de um melodrama vitoriano. Era puro W. C. Fields — porém várias oitavas abaixo, com a voz mais firmemente em controle dos efeitos que estava tentando criar. Talvez uma mistura de W. C. Fields com Ralph Richardson, mais uma pitada de retórica bombástica de botequim. Como quer que a definisse, eu nunca ouvira uma voz fazer o que aquela voz estava fazendo.

Quando me aproximei do rabino para cumprimentá-lo, ele me apresentou a seu amigo, e foi assim que fiquei sabendo o nome daquele cavalheiro singular, o mais impressionante dos fracassados, o primeiro e único Joe Reilly.

Segundo o rabino me informou depois, Joe havia começado a vida como filho de uma rica família nova-iorquina e chegara a ser proprietário de uma galeria de arte na Madison Avenue. Fora então que o rabino o conhecera — nos velhos tempos, antes da decadência e queda de Joe. Naquela época, o rabino já não estava pregando, porém era dono de uma editora de música. O namorado de Joe era compositor, e como o rabino publicava suas obras, seu caminho acabara cruzando com o de Joe. Então, muito subitamente, o namorado morreu. Joe sempre tivera problemas com o álcool, segundo o rabino, mas depois dessa desgraça começou a beber pra valer e sua vida foi entrando em parafuso. Perdeu a galeria; a família deu-lhe as costas; os amigos se afastaram. Pouco a pouco, Joe foi afundando na sarjeta, no fundo do fundo, e, na opinião do rabino, nunca mais conseguiria sair de lá. Para ele, era um caso perdido.

A partir daí, sempre que Joe aparecia eu lhe dava alguns trocados. O que me comovia nessas ocasiões era o fato de que ele nunca deixava a máscara cair. Agradecia-me na floreada linguagem dickensiana que sabia utilizar com a maior naturalidade, afirmando que me pagaria em breve, tão logo as circunstâncias lho permitissem. "Agradeço-lhe sobremaneira esta cortesia, meu jovem", dizia ele. "Naturalmente, é apenas um empréstimo, de modo que não há por que preocupar-se com o reembolso. Como talvez você saiba, mas talvez também não saiba, ultimamente tenho sido golpeado por alguns reveses da fortuna, e esta sua generosidade decerto me ajudará muito a recuperar minha situa-

ção." As quantias em questão eram sempre ninharias — quarenta cêntimos aqui, vinte e cinco cêntimos lá, o que eu por acaso tivesse no bolso —, mas Joe jamais abria mão de seu entusiasmo, jamais deixava transparecer que tinha consciência de que havia se transformado numa figura abjeta. Coberto de trapos, como um palhaço de circo, o corpo imundo emitindo o mais insuportável dos fedores, ele persistia em manter a pose de homem de mundo, de dândi temporariamente enfrentando uma situação adversa. O orgulho e a capacidade de iludir-se que exibia nessas ocasiões eram ao mesmo tempo cômicos e profundamente dolorosos, e cada vez que eu executava o ritual de lhe dar mais uma esmola, era-me difícil manter o equilíbrio. Nunca sabia se devia rir ou chorar, admirá-lo ou manifestar piedade por ele. "Vejamos, meu jovem", prosseguia ele, examinando as moedas que eu colocara em sua mão, "tenho aqui em minha mão, vejamos, hum, cinqüenta e cinco cêntimos. Acrescentem-se a esta quantia os oitenta cêntimos que você me deu da última vez, e mais, hum, os quarenta cêntimos da vez anterior, conclui-se que lhe devo o montante de... deixe ver... um dólar e quinze cêntimos." Era assim a aritmética de Joe. Ele pinçava cifras aleatórias na esperança de que a conta parecesse fazer sentido. "Tudo bem, Joe", respondia eu. "Um dólar e quinze cêntimos. Da próxima vez você acerta comigo."

Quando voltei a Nova York depois de trabalhar no navio, Joe parecia estar afundando, ter perdido terreno. Tive a impressão de que estava mais magoado agora, e sua verve de outrora dera lugar a uma atitude angustiada, um desespero lamuriento e lacrimoso. Uma tarde, perdeu o *aplomb* ao me relatar que fora espancado num beco na noite da véspera. "Roubaram meus livros", disse ele. "Você pode imaginar uma coisa dessas? Os animais roubaram meus livros!" De outra feita, durante uma nevasca, ao sair de meu apartamento no nono andar e caminhar até o elevador, encontrei-o sentado sozinho na escada, a cabeça enterrada nas mãos.

"Joe", perguntei, "você está bem?"

Ele levantou a cabeça. Seus olhos estavam carregados de tristeza, sofrimento e derrota. "Não, meu jovem", disse ele, "não estou nada bem, nem um pouco bem."

"Posso fazer alguma coisa por você?", indaguei. "Você está com uma cara péssima, realmente péssima."

"Pode, sim", respondeu ele. "Já que você perguntou, há uma coisa que você pode fazer por mim", e nesse momento estendeu o braço de repente e segurou-me a mão. Então, olhando-me bem nos olhos, reuniu todas as suas forças e disse, com uma voz trêmula de emoção: "Você pode me levar para seu apartamento, deitar-se na cama e deixar-me fazer amor com você".

Este pedido abrupto pegou-me totalmente de surpresa. Eu estava pensando em algo assim como uma xícara de café ou um prato de sopa. "Isso eu não posso fazer", respondi. "Gosto de mulher, Joe, e não de homem. Desculpe, mas esse tipo de coisa eu não faço, não."

O que ele disse em seguida permanece na minha cabeça como uma das melhores e mais pungentes afirmações que já ouvi na minha vida. Sem perder um segundo, e sem o menor vestígio de desapontamento ou pesar, Joe deu de ombros e disse, com voz animada e forte: "Bem, você me perguntou — e eu respondi".

Parti rumo a Paris em meados de fevereiro de 1971. Depois daquele encontro na escada, passei algumas semanas sem ver Joe. Então, poucos dias antes de minha viagem, esbarrei nele na Broadway. Ele estava com um aspecto bem melhor, e aquela expressão abjeta havia desaparecido de seu rosto. Quando eu lhe disse que estava me mudando para Paris, ele imediatamente retomou seu tom efusivo e confiante de sempre. "Curioso você mencionar Paris", disse ele. "Aliás, é mesmo uma coincidência notável. Dois ou três dias atrás, estava eu descendo a Fifth Avenue quando esbarrei em ninguém menos que meu velho amigo Antoine, diretor das Cunard Lines. 'Joe', ele me disse, 'você não está com um aspecto muito bom.' E eu respondi: 'É verdade, Antoine, não ando muito em forma ultimamente'. Pois o Antoine disse que queria me ajudar, dar-me uma mão, por assim dizer, para me recolocar nos trilhos. E o que ele propôs, ali mesmo na Fifth Avenue, outro dia mesmo, foi me mandar para Paris num de seus navios e me instalar no Hôtel Georges v. Todas as despesas pagas, é claro, e mais um guarda-roupa novo de lambuja. Disse que eu poderia ficar lá o tempo que quisesse — duas semanas, dois meses, até dois anos. Se eu resolver ir, e creio que vou, devo estar de partida até o fim do mês. Isto quer dizer, meu jovem, que nós dois estaremos em Paris na mesma época. Uma idéia agradável,

não é mesmo? Você há de me ver por lá. Vamos tomar chá, jantar juntos. Deixe recado para mim no hotel. Nos Champs-Elysées. É lá que vamos nos encontrar da próxima vez, meu caro. Em Paris, nos Champs-Elysées." E, despedindo-se de mim, apertou-me a mão e desejou-me boa viagem.

Nunca mais vi Joe Reilly. Mesmo antes de nos despedirmos naquele dia, eu sabia que estava falando com ele pela última vez, e quando ele desapareceu no meio da multidão alguns minutos depois, era como se já houvesse se transformado num fantasma. Durante todos os anos em que vivi em Paris, pensava em Joe todas as vezes que punha os pés nos Champs-Elysées. Até hoje, quando vou lá, lembro-me dele.

Meu dinheiro não durou tanto tempo quanto eu imaginava. Encontrei um apartamento uma semana após chegar a Paris, e depois de pagar a comissão da agência imobiliária, o depósito de segurança, o serviço de gás e eletricidade, o aluguel do primeiro mês, o aluguel do último mês e o seguro exigido por lei, não sobrou muita coisa. Assim, desde o início tive que me virar para não afundar. Nos três anos e meio em que morei na França, trabalhei nas mais variadas atividades, passei de um emprego *part-time* para outro, fiz trabalho de *free lance* até não poder mais. Quando estava sem emprego, vivia à cata de trabalho. Quando estava trabalhando, ficava pensando num jeito de arranjar mais serviço. Mesmo nos melhores períodos, raramente ganhava o bastante para me sentir tranqüilo, e no entanto, apesar de uma ou duas ocasiões de aperto, consegui evitar a ruína total. Ganhava o dinheiro com uma das mãos para logo gastar com a outra. Durante todo esse tempo, eu escrevia constantemente, e se boa parte do que produzi foi jogada fora (principalmente prosa), uma parte razoável (principalmente poemas e traduções) foi aproveitada. O fato é que, quando voltei para Nova York, em julho de 1974, a possibilidade de não escrever tornara-se inconcebível para mim.

A maior parte dos trabalhos que arranjei me chegou através de amigos, ou amigos de amigos, ou amigos de amigos de amigos. Viver num país estrangeiro restringe as oportunidades e, a menos que a gente conheça pessoas dispostas a ajudar, é quase impossível começar. Não apenas as portas não se abrem quando batemos nelas, como também não sabemos em que portas devemos bater. Por sorte, encontrei alguns aliados, e todos eles, em uma ou outra ocasião, moveram pequenas montanhas para me favorecer. Jacques Dupin, por exemplo, um poeta cuja obra eu vinha traduzindo havia anos, era, conforme fiquei sabendo, diretor de publicações da Galerie Maeght, uma das principais galerias de arte da Europa. Entre os pintores e escultores que lá expuseram, posso citar Miró, Giacometti, Chagall e Calder, para mencionar apenas uns poucos. Graças à intervenção de Jacques, fui contratado para traduzir vários catálogos e livros sobre arte, e em meu segundo ano em Paris, quando meus recursos financeiros já estavam perigando, ele salvou a situação arranjando-me um quarto para morar — de graça. Estes atos de bondade foram essenciais e não posso imaginar como eu poderia ter sobrevivido sem eles.

Uma vez fui parar na sucursal parisiense do *New York Times*. Não lembro quem foi que me encaminhou para lá, mas uma editora chamada Josette Lazar começou a me passar traduções sempre que podia: artigos para a seção de livros da edição dominical, artigos para a seção de opinião assinados por Sartre e Foucault, coisas assim. Num verão, quando mais uma vez meu dinheiro estava no fim, ela deu um jeito de me arrumar o emprego de telefonista noturno da redação do *Times*. O telefone tocava pouco, e eu passava a maior parte do tempo sentado a uma escrivaninha, trabalhando em poemas ou lendo livros. Uma noite, porém, recebi um telefonema desesperado de uma repórter de algum lugar na Europa. "O Siniavski fugiu da União Soviética", disse ela. "O que é que eu faço?" Eu não fazia a menor idéia do que ela devia fazer, mas como nenhum dos editores estava presente naquela hora, imaginei que devia dizer alguma coisa. "Vá atrás da notícia", aconselhei-a. "Vá aonde você tiver que ir, faça o que tiver que fazer, mas não abandone a notícia, aconteça o que acontecer." Ela me agradeceu efusivamente pelo conselho e desligou.

Havia empregos que começavam como uma coisa e terminavam virando outra, como um cozido que, de tanto a gente tentar consertar, se transforma num prato diferente. Vamos acrescentar mais alguns ingredientes para ver se o gosto não fica melhor... Um bom exemplo disso foi minha pequena aventura entre os

norte-vietnamitas de Paris. Tudo começou com um inocente telefonema de Mary McCarthy para meu amigo André du Bouchet. Ela lhe perguntou se ele conhecia alguém capaz de traduzir poesia do francês para o inglês, e quando André lhe deu meu nome ela me telefonou, convidando-me para ir a seu apartamento discutir o projeto. Estávamos no início de 1973, e a guerra do Vietnã ainda se arrastava. Mary McCarthy vinha escrevendo a respeito da guerra havia vários anos, e eu tinha lido a maioria de seus artigos, que a meu ver eram das melhores coisas publicadas na época em matéria de jornalismo. No decorrer de seu trabalho, ela havia entrado em contato com muitos vietnamitas, tanto do Norte quanto do Sul. Um deles, um professor de literatura, estava organizando uma antologia de poesia vietnamita e Mary McCarthy se oferecera para ajudar a preparar uma edição em inglês para ser publicada nos Estados Unidos. Os poemas já tinham sido traduzidos para o francês, e a idéia era passar essas traduções para o inglês. Fora assim que meu nome viera à baila, e era por isso que ela queria conversar comigo.

Em sua vida particular, Mary McCarthy era a senhora West. Seu marido era um próspero homem de negócios americano, e o apartamento deles em Paris era grande, cheio de objetos de arte, antigüidades e belos móveis. O almoço nos foi servido por uma empregada de uniforme preto e branco. Ao lado da mão direita de minha anfitriã havia um sino de porcelana, e toda vez que ela o pegava e balançava de leve a empregada reaparecia na sala de jantar para receber mais instruções. Havia um toque de *grande dame* no modo como Mary McCarthy enfrentava essas atividades protocolares, mas na verdade ela era tal como eu imaginara e desejara que fosse: espirituosa, simpática, despretensiosa. Falamos sobre muitas coisas naquela tarde; quando saí do apartamento, algumas horas depois, eu levava comigo seis ou sete livros de poesia vietnamita. O primeiro passo era familiarizar-me com esses livros. Depois, eu me reuniria com o professor e começaríamos a trabalhar na antologia.

Li os livros com prazer, principalmente *O livro de Kieu*, a epopéia nacional do Vietnã. Os detalhes me escapam, mas lembro que me interessei por alguns dos problemas formais apresentados pelas estruturas poéticas vietnamitas tradicionais, que não

encontram equivalência na poesia ocidental. Eu estava contente por ter recebido aquela oferta de trabalho. Não apenas iam me pagar bem como também eu talvez viesse a aprender alguma coisa, ainda por cima. Porém, cerca de uma semana depois de nosso almoço, Mary McCarthy me ligou para dizer que ocorrera uma emergência: seu amigo, o professor, tivera que voltar para Hanói. Ela não sabia quando ele voltaria a Paris, mas ao menos por ora o projeto fora suspenso.

Não havia nada a fazer. Empurrei os livros para o lado e torci para que a coisa não tivesse acabado de uma vez por todas, embora no fundo eu não tivesse mais esperanças. Vários dias se passaram até que, sem mais nem menos, recebi um telefonema de uma mulher vietnamita que morava em Paris. "O professor Fulano nos deu seu nome", disse ela. "Ele nos disse que o senhor faz traduções para o inglês. É verdade?" "É", respondi. "Faço, sim." "Ótimo", disse ela. "Temos um serviço para você."

O serviço era traduzir a nova constituição do Vietnã do Norte. Eu não tinha nenhum escrúpulo que me fizesse relutar em aceitar o trabalho, mas achei estranho eles recorrerem a mim. Era de se imaginar que um documento como esse fosse traduzido por alguém ligado ao governo — e diretamente do vietnamita para o inglês, não do francês; e, mesmo se fosse o caso de traduzir do francês, não por um americano, portanto um inimigo, que residia em Paris. Porém não fiz nenhuma pergunta. Eu ainda tinha esperanças referentes à antologia e não queria desperdiçar aquela oportunidade, de modo que aceitei. Na noite do dia seguinte, a mulher veio ao meu apartamento entregar-me os originais. Era uma bióloga de trinta e tantos anos — magra, vestida do modo mais sóbrio, excepcionalmente reservada. Não disse nada a respeito de pagamento, e com base em seu silêncio concluí que a coisa seria a leite de pato. Dadas as complexas nuanças políticas da situação (o fato de que os países a que pertencíamos estavam em guerra, meus sentimentos em relação à guerra etc.), eu não me sentia à vontade para lhe fazer perguntas sobre dinheiro. Em vez disso, comecei a perguntar-lhe a respeito dos poemas vietnamitas que eu andava lendo. Cheguei mesmo a fazê-la sentar-se a meu lado e desenhar um diagrama que explicava as formas poéticas tradicionais que haviam espicaçado minha curiosidade. Achei o

desenho muito elucidativo, mas quando lhe perguntei se podia ficar com ele para utilizá-lo no futuro, ela sacudiu a cabeça, amassou o papel e colocou-o no bolso. Fiquei tão atônito que não disse palavra. Bastou aquele gesto para me revelar a existência de todo um mundo, todo um universo subterrâneo de temores e traições, em que até mesmo um pedaço de papel era suspeito. Não confie em ninguém; não deixe rastro; destrua as provas. Não que ela tivesse medo do que eu pudesse vir a fazer com o diagrama. Estava apenas agindo movida pela força do hábito, e não pude evitar um sentimento de pena dirigido a ela, a nós dois. A guerra estava em toda parte, a guerra havia conspurcado tudo.

A constituição tinha oito ou dez páginas e, fora um ou outro clichê marxista-leninista ("títeres do imperialismo", "lacaios da burguesia"), era um texto muito seco. Fiz a tradução no dia seguinte, e quando liguei para minha amiga bióloga para dizer que o trabalho estava concluído, ela pareceu excessivamente satisfeita e grata. Foi só então que me falou do pagamento: um convite para jantar. "Como forma de agradecimento", disse ela. O restaurante ficava no quinto *arrondissement*, não muito longe de meu apartamento, e eu já comera lá várias vezes. Era o mais simples e mais barato restaurante vietnamita de Paris, mas era também o melhor. O único enfeite que lá havia era uma foto em preto-e-branco de Ho Chi Minh na parede.

Alguns dos outros trabalhos que arranjei eram coisas absolutamente simples e diretas: dar aulas de inglês para um aluno do colegial, atuar como intérprete simultâneo numa pequena conferência internacional de estudiosos judeus (jantar incluído), traduzir textos de Giacometti e sobre ele para o crítico de arte David Sylvester. Pela maioria desses trabalhos não me pagavam muito bem, mas todos eles me davam alguma coisa e, se nem sempre havia muita comida na minha geladeira, raramente faltava um maço de cigarros em meu bolso. Mesmo assim, eu não teria conseguido sustentar-me só com esses trabalhos pingados. Eles me ajudavam, mas não dariam para garantir minha sobrevivência por mais de umas poucas semanas, no máximo alguns meses. Eu precisava de uma outra fonte de renda para pagar as contas, e por sorte acabei encontrando. Mais exatamente, foi ela que me encontrou. Foi graças a ela que não passei fome durante meus dois primeiros anos em Paris.

A história remonta a 1967. Durante minha primeira estada em Paris como estudante, um amigo americano me apresentara a uma mulher a quem vou chamar de Mme. X. Seu marido, M. X, era um conhecido produtor de filmes à antiga (filmes épicos, grandes musicais; era acima de tudo um negociante), e foi através dela que comecei a trabalhar para M. X. A primeira oportunidade surgiu poucos meses depois de minha chegada. Não havia telefone no apartamento que aluguei — ainda eram muitos os apartamentos nessas condições em Paris em 1971 — e só havia duas maneiras de entrar em contato comigo: via *pneumatique*, um telegrama local rápido enviado pelo correio, ou indo até onde eu morava e batendo à porta. Um dia, pela manhã, não muito tempo depois de eu me levantar, Mme. X bateu à minha porta. "Você gostaria de ganhar cem dólares hoje?", perguntou. Parecia um serviço fácil: ler um roteiro de filme, depois preparar um resumo de seis ou sete páginas. O único problema era tempo. Um patrocinador em potencial do filme estava aguardando num iate no Mediterrâneo, e o resumo tinha que ser entregue a ele dentro de quarenta e oito horas.

Mme. X era uma pessoa exuberante, agitada, a primeira mulher de proporções lendárias que conheci. Nascida no México, casada desde os dezoito ou dezenove anos, mãe de um rapaz pouco mais moço que eu, levava uma vida independente, entrando e saindo da órbita de seu marido de uma maneira que eu ainda era muito verde para compreender. Tinha temperamento artístico; ora dedicava-se à pintura, ora à literatura, demonstrando talento nas duas áreas; porém faltavam-lhe disciplina e concentração para ir muito longe. Seu verdadeiro dom era incentivar outras pessoas; vivia cercada de artistas e pretensos artistas de todas as faixas etárias, travando conhecimento com gente famosa e gente desconhecida, ao mesmo tempo como colega e como mecenas. Aonde quer que fosse, era sempre o centro das atenções, uma mulher linda e sensível de longos cabelos negros, que usava capas com capuzes e jóias mexicanas que tilintavam — melancólica, generosa, leal, sonhadora. De algum modo, fui incorporado a sua lista, e por eu ser jovem e estar apenas começando, ela me classificava entre os amigos que precisavam de cuidados, os pobres e esforçados a quem era necessário dar uma mãozinha de vez em quando.

Havia outros nesta categoria, é claro, e dois deles foram convidados juntamente comigo naquela mesma manhã a ganhar a mesma quantia redonda que me fora prometida. Cem dólares hoje em dia não passam de um trocado, mas na época representavam mais de duas semanas de aluguel, e eu não tinha condição de esnobar uma quantia de tal monta. O trabalho deveria ser executado na residência de M. e Mme. X, um apartamento imenso como um palácio, no décimo sexto *arrondissement*, com um número incontável de cômodos de pé-direito alto. Devíamos começar às onze horas, e cheguei lá com meia hora de antecedência.

Eu já conhecia meus colegas de trabalho. Um era um americano de vinte e tantos anos, um pianista excêntrico, desempregado, que usava sapatos de mulher de salto alto e recentemente passara algum tempo no hospital com um problema pulmonar. O outro era um francês com dezenas de anos de experiência no cinema, trabalhando basicamente como diretor assistente. Entre outras realizações, fizera as cenas de carruagens de *Ben Hur* e as cenas de deserto de *Lawrence da Arábia*, mas após essa época de riqueza e sucesso ele entrara em declínio: crises de nervos, internações em clínicas psiquiátricas, desemprego. Ele e o pianista representavam importantes projetos de reabilitação para Mme. X; colocar-me junto com eles era um bom exemplo de seu modo de agir. Suas intenções, por melhores que fossem, eram invariavelmente minadas por projetos complexos e pouco práticos, a vontade de matar coelhos demais com uma só cajadada. Salvar uma única pessoa já é difícil; julgar-se capaz de salvar o mundo inteiro ao mesmo tempo é decepção na certa.

Pois bem, lá estávamos os três, o trio mais heterogêneo jamais formado, sentados em torno da mesa de jantar gigantesca do gigantesco apartamento dos X. Também o roteiro em questão era gigantesco. Tinha quase trezentas páginas — três vezes o tamanho de um roteiro normal — e mais parecia o catálogo telefônico de uma cidade grande. Como o francês era o único com experiência profissional na área de cinema, eu e o pianista permitimos que ele dirigisse as discussões. A primeira coisa que ele fez foi pegar uma folha de papel em branco e começar a anotar os nomes dos atores. Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis, Jr. e mais seis ou sete outros. Quando terminou, bateu com as palmas das

mãos na mesa, muito satisfeito, e perguntou: "Estão vendo este papel?". Eu e o pianista fizemos que sim. "Acreditem ou não, este papel vale dez milhões de dólares." Deu uns tapinhas na lista e empurrou-a para o lado. "Dez, talvez doze milhões de dólares." Falava com total convicção, sem o menor sinal de humor ou ironia. Após uma pequena pausa, abriu os originais na primeira página. "Bem, estamos prontos para começar?", perguntou.

Quase imediatamente ele ficou excitado. Na segunda ou terceira linha da primeira página, percebeu que o nome de um dos personagens começava com a letra Z. "Ah-ah!", exclamou. "Z. Isto é muito importante. Prestem atenção, meus amigos. Isto vai ser um filme político. Podem escrever o que estou dizendo."

Z era o nome de um filme de Costa-Gavras que fizera muito sucesso dois anos antes. Fora de fato um filme político, mas o roteiro que tínhamos que resumir não era de modo algum dessa espécie. Era um filme de ação sobre contrabando; a maior parte da história se passava no Saara. Havia caminhões, motocicletas e armas, diversas gangues de vilões a se digladiar, e um bom número de explosões espetaculares. A única coisa que o distinguia de mil outros filmes do gênero era sua duração desmesurada.

Cerca de um minuto e meio após começarmos a trabalhar, o pianista já havia perdido o interesse. Ficava olhando para a mesa, rindo baixinho, enquanto o francês passava de uma bobagem a outra. De repente, sem nenhuma transição nem preâmbulo, o coitado deu de falar sobre David Lean, relembrando várias discussões filosóficas que ele tivera com o diretor quinze anos antes. Então, sem mais nem menos, interrompeu suas reminiscências, levantou-se da mesa e começou a andar pela sala, endireitando os quadros nas paredes. Finda esta tarefa, anunciou que ia à cozinha procurar café. O pianista deu de ombros. "Acho que vou tocar piano", disse, e saiu na mesma hora.

Enquanto aguardava a volta dos dois, comecei a ler o roteiro. Não havia mais nada para fazer, e quando me dei conta de que nenhum dos dois ia voltar, já tinha lido boa parte do texto. Algum tempo depois, um dos associados de M. X apareceu na sala. Era um americano ainda jovem, simpático, que era também o amigo especial de Mme. X (as complexidades daquela família eram insondáveis); ele me disse que terminasse o trabalho sozinho,

garantindo-me que, se conseguisse preparar um resumo aceitável até as sete horas, os três pagamentos de cem dólares seriam meus. Respondi que faria o melhor possível. Enquanto eu me apressava a juntar minhas coisas para ir para casa, onde minha máquina de escrever me aguardava, ele me deu um conselho excelente. "Lembre-se: isto é cinema, não é Shakespeare. Quanto mais vulgar, melhor."

Acabei redigindo a sinopse com a linguagem extravagante e exagerada de um *trailer* de filme de Hollywood. Se queriam vulgaridade, eles iam ver o que era vulgaridade. Eu já havia assistido a muitos *trailers* na vida; evoquei todos os clichês de que me lembrei, empilhei um excesso em cima do outro, e acabei reduzindo a história a sete páginas de ação frenética, desenfreada, um banho de sangue condensado em uma prosa latejante, em tecnicolor. Terminei de bater o texto às seis e meia. Uma hora depois, um carro com chofer parou em frente ao prédio para levar a mim e minha namorada ao restaurante onde M. e Mme. X haviam nos convidado para jantar. Assim que chegássemos lá, eu deveria entregar-lhes o resumo pessoalmente.

M. X era um homenzinho enigmático, de seus cinqüenta e muitos anos. Era judeu russo de origem; falava várias línguas com igual fluência, às vezes passando do francês para o inglês e depois para o espanhol numa única conversa, mas sempre com o mesmo sotaque pesado, como se no final das contas não se sentisse à vontade em nenhuma delas. Produzia filmes havia trinta anos, e numa carreira de incontáveis altos e baixos tinha financiado filmes bons e filmes ruins, grandes produções e pequenas produções, cinema de arte e cinema-lixo. Com alguns filmes tivera lucros fabulosos; com outros, ficara totalmente endividado. Até aquela noite, eu só havia cruzado seu caminho umas poucas vezes, porém ele sempre me parecera uma pessoa lúgubre, um homem que escondia o jogo — astuto, fechado, incognoscível. Mesmo quando falava, dava a impressão de estar pensando em outra coisa, elaborando cálculos misteriosos que podiam ou não ter alguma coisa a ver com o que estava dizendo. Podiam até ter, mas seria um erro pressupor que tinham.

Aquela noite, no restaurante, M. X estava visivelmente tenso quando cheguei. Um negócio potencialmente lucrativo dependia

do trabalho de um dos amigos artistas de sua mulher; ele não parecia estar nada otimista. Eu mal havia acabado de me sentar quando ele pediu para ver as páginas que eu tinha escrito. Enquanto conversávamos fiado, nós três, em torno da mesa, M. X, as costas recurvas, em silêncio, lia meus parágrafos espalhafatosos e bombásticos. Pouco a pouco, um sorriso foi se esboçando em seus lábios. Começou a fazer que sim com a cabeça, e uma ou duas vezes chegou a murmurar "bom". Porém não erguia os olhos do papel. Foi só ao chegar à última frase que finalmente levantou a cabeça e pronunciou o veredicto.

"Excelente", disse ele. "É exatamente o que eu queria." O alívio em sua voz era quase palpável.

Mme. X comentou que havia lhe dito para não se preocupar, e ele confessou que tivera lá suas dúvidas. "Achei que ia ficar literário demais", disse. "Mas isto aqui está bom. Está perfeito."

Daí em diante, ficou muito efusivo. Estávamos num restaurante grande e espalhafatoso em Montmartre, e M. X imediatamente começou a estalar os dedos para a florista. Ela veio correndo a nossa mesa, e ele comprou uma dúzia de rosas, que entregou a minha namorada como um presente improvisado. Em seguida, enfiou a mão no bolso interno do paletó, retirou o talão de cheques e me fez um cheque de trezentos dólares. Foi o primeiro cheque de banco suíço que vi na minha vida.

Eu estava contente de ter conseguido produzir sob pressão, de ter ganho meus trezentos dólares, de ter me envolvido nos acontecimentos absurdos daquele dia, mas quando saímos do restaurante e voltei a meu apartamento na rue Jacques Mawas, eu imaginava que a história estivesse terminada. Jamais me passara pela cabeça a idéia de que M. X tivesse mais planos para mim. Na semana seguinte, porém, quando eu estava sentado à minha mesa uma tarde, trabalhando num poema, fui interrompido por alguém que batia com força a minha porta. Era um dos acólitos de M. X, um senhor de idade que eu já vira andando por seu apartamento em minhas visitas, mas com quem jamais tivera o prazer de conversar. Ele foi direto ao ponto: o senhor se chama Paul Auster? Quando respondi que sim, informou-me que M. X queria falar comigo. Perguntei quando. Agora, ele respondeu. Há um táxi esperando lá embaixo.

Era um pouco como ser preso pela polícia secreta. Creio que eu poderia ter recusado o convite, mas a atmosfera de filme de espionagem despertou minha curiosidade, e resolvi ver no que aquela história ia dar. No táxi, perguntei por que eu havia sido convocado daquela maneira, porém o velho limitou-se a dar de ombros. M. X o mandara buscar-me, e ele o fizera. Seu trabalho era cumprir ordens, e não fazer perguntas. Assim, continuei sem saber, e após remoer a pergunta com meus botões, concluí que a única explicação possível era que M. X não estava mais satisfeito com o trabalho que eu fizera. Quando entrei em seu apartamento, já estava esperando que ele me pedisse o dinheiro de volta.

M. X recebeu-me com um *veston* estampado com lapelas de cetim, e quando ele entrou na sala onde me deixaram a sua espera estava esfregando as mãos. Eu não fazia idéia do significado daquele gesto.

"Semana passada", disse ele, "você fez bom serviço para mim. Agora quero combinar pacote com você."

Então era isso que as mãos queriam dizer. Era o gesto de quem estava preparado para negociar; ao que parecia, de repente, com base naquele resumo feito às pressas e não muito a sério, eu ia trabalhar mesmo para M. X. Ele tinha pelo menos dois serviços para mim de saída, e se tudo corresse bem — compreendi — haveria outros. Como precisava de dinheiro, aceitei, mas um pouco desconfiado. Estava entrando num mundo que eu não conhecia; se não ficasse muito atento, coisas estranhas poderiam acontecer comigo. Não sei como nem por que eu tinha consciência deste fato, mas tinha. Quando M. X começou a falar em me dar um papel num filme que ia produzir, uma história de capa-e-espada que me obrigaria a aprender a montar e a lutar esgrima, reagi: "Vamos ver. Na verdade, não estou muito interessado em trabalhar como ator".

Ao que parecia, o homem do iate gostara de minha sinopse tanto quanto M. X. Agora ele queria levar a coisa para um outro patamar, e pedira uma tradução do roteiro do francês para o inglês. Era o primeiro serviço. O segundo era uma coisa menos rotineira. Mme. X estava escrevendo uma peça, disse-me M. X, e ele havia concordado em financiar uma montagem no Round House Theatre, em Londres, na próxima temporada. A peça era

sobre Quetzalcóatl, a mítica serpente emplumada, e como boa parte do texto era em versos, e boa parte dos versos era em espanhol, ele queria que eu passasse tudo para o inglês e fizesse com que o texto ficasse encenável. Ótimo, respondi, e a coisa ficou por isso mesmo. Fiz os dois serviços, todos ficaram satisfeitos, e dois ou três meses depois a peça de Mme. X foi montada em Londres. Foi uma produção privada, só para amigos, mas as críticas foram boas, e de modo geral pode-se dizer que a peça foi bem recebida. Um editor britânico por acaso assistiu ao espetáculo, e gostou tanto que propôs a Mme. X que ela transformasse a peça numa narrativa em prosa, que ele em seguida publicaria em forma de livro.

Foi aí que as coisas começaram a se complicar entre M. X e mim. Mme. X não tinha condições de escrever o livro sozinha e o marido achava que eu era a única pessoa no mundo capaz de ajudá-la. Sob circunstâncias diferentes, eu talvez tivesse aceito o encargo, mas como ele queria que eu fosse ao México para trabalhar, respondi que não estava interessado. Nunca me explicaram por que motivo o livro tinha que ser escrito no México. Pesquisa, cor local, algo assim; não sei direito. Eu gostava de Mme. X, mas ter que ficar com ela durante um tempo indeterminado não me parecia uma idéia muito boa. Nem era necessário pensar na proposta de M. X. Descartei-a na hora, achando que desse modo a questão estava encerrada de uma vez por todas. Porém o que ocorreu em seguida mostrou-me que eu estava enganado. Aprendi que a verdadeira indiferença tem poder, e minha recusa irritou M. X profundamente. Não estava acostumado a ouvir não e cismou que me faria mudar de idéia a todo custo. Nos meses seguintes, desencadeou uma campanha implacável com o objetivo de dobrar minha resistência, atacando com cartas, telegramas e promessas de quantias cada vez maiores. No fim, com relutância, cedi. Nessa ocasião, como em todas as outras decisões equivocadas que tomei na minha vida, agi contrariamente a meu próprio juízo, deixando que considerações secundárias se sobrepusessem à clareza de meus instintos. Neste caso, o que fez a balança pender para o outro lado foi o dinheiro. No momento, eu estava bastante apertado, lutando desesperadamente para não cair na insolvência, e a oferta de M. X se avultara de tal modo, eliminaria

tantos problemas ao mesmo tempo, que resolvi me convencer a aceitar uma solução negociada. Achei que estava sendo esperto. Tendo abandonado minha postura inflexível, apresentei as condições mais duras que me ocorreram. Eu ficaria no México exatamente um mês — nem mais, nem menos — e queria o pagamento integral em dinheiro vivo antes mesmo de sair de Paris. Era a primeira vez que eu fazia uma negociação, mas estava determinado a me proteger e recusei-me a abrir mão de qualquer um desses itens. M. X não ficou exatamente deliciado com minha rigidez, mas compreendeu que eu não arredaria pé e atendeu minhas exigências. No mesmo dia em que parti para o México, depositei vinte e cinco notas de cem dólares na minha conta bancária. Independentemente do que viesse a acontecer no próximo mês, pelo menos eu não estaria duro quando voltasse.

Eu já esperava que as coisas dessem errado, mas não imaginava que pudessem dar tão errado assim. Sem entrar em todos os detalhes complicados (o homem que ameaçou matar-me, a moça esquizofrênica que achava que eu era um deus hindu, o clima de miséria e alcoolismo suicida que encontrei em todas as casas em que pus os pés), os trinta dias que passei no México foram dos mais deprimentes e perturbadores da minha vida. Mme. X já estava lá havia duas semanas quando cheguei, e logo me dei conta de que ela não estava em condições de trabalhar no livro. Seu namorado tinha acabado de abandoná-la, e este drama amoroso a fez mergulhar no desespero mais absoluto. Eu até compreendia que ela estivesse se sentindo daquele jeito, porém estava tão angustiada, tão enlouquecida de sofrimento, que o livro era a última coisa em que queria pensar. O que fazer? Fiz de tudo para ela começar a trabalhar, tentei convencê-la a sentar-se e discutir o projeto comigo, mas ela simplesmente não estava interessada. Cada vez que tentávamos falar sobre trabalho, rapidamente a conversa se desviava para outro assunto. Vez após vez, ela acabava chorando. Nunca chegávamos a lugar algum. Depois de várias tentativas, dei-me conta de que ela só se dava ao trabalho de tentar por minha causa. Ela sabia que eu estava sendo pago para ajudá-la, e não queria me deixar na mão, não queria admitir que eu tinha ido até o México à toa.

Era este o problema central. A idéia de que um livro pode ser

escrito por uma pessoa que não é escritora já é um tanto discutível, mas admitindo-se tal possibilidade, e levando-se em conta que a pessoa que quer escrever o livro tem alguém para ajudá-la, talvez os dois, com muito esforço e dedicação, cheguem a um resultado aceitável. Por outro lado, se a pessoa que não é escritora não quer escrever o livro, de que adianta a ajuda da outra? Era este o beco sem saída em que eu me encontrava. Estava disposto a ajudar Mme. X a escrever seu livro, mas só poderia ajudá-la se ela quisesse; caso contrário, só me restava esperar que ela mudasse de idéia.

E assim foi que fiquei fazendo hora na cidadezinha de Tepotzolán, na esperança de que Mme. X acordasse um belo dia e descobrisse que passara a encarar a vida de outra maneira. Estava hospedado na casa do irmão de Mme. X (cujo casamento infeliz com uma americana estava em seus estertores) e passava meu tempo andando sem rumo pelo vilarejo poeirento, passando por cima de cachorros sarnentos, espantando as moscas do rosto, aceitando convites para tomar cerveja com os bêbados do lugar. Meu quarto ficava num prédio de estuque, separado da casa principal, na propriedade do irmão, e eu dormia sob um mosquiteiro de musselina, para me proteger das tarântulas e dos mosquitos. A moça maluca vivia me visitando com um de seus amigos, um hare krishna centro-americano de cabeça raspada e roupas laranja, e o tédio me corroía como uma doença tropical. Escrevi dois ou três poemas curtos, mas o resto do tempo sentia-me lânguido, incapaz de pensar, perseguido por uma ansiedade insistente e inidentificável. Até as notícias que vinham do mundo exterior eram más. Um terremoto matou milhares de pessoas na Nicarágua, e meu jogador de beisebol favorito, Roberto Clemente, o mais elegante e empolgante jogador de sua geração, morreu na queda de um pequeno avião que tentava levar mantimentos de emergência para as vítimas. Se houve alguma coisa de agradável no miasma e estupor daquele mês, foram as horas que passei em Cuernavaca, a cidadezinha radiante que serve de cenário para *À sombra do vulcão* de Malcolm Lowry. Ali, por puro acaso, conheci um homem que me foi apresentado como o último descendente vivo de Montezuma — um senhor alto e majestoso, com seus sessenta anos, de maneiras impecáveis, que usava plastrom.

Quando por fim voltei a Paris, M. X combinou de encontrar-se comigo no saguão de um hotel nos Champs-Elysées — não o Georges V, mas outro, exatamente do outro lado da rua. Não me lembro por que escolheu este ponto de encontro, mas creio que foi por ter se reunido com outra pessoa ali perto logo antes, uma pura questão de conveniência. Fosse como fosse, acabamos não conversando no hotel. Assim que cheguei, ele me fez sair de novo e apontou para seu carro, que nos aguardava bem em frente ao hotel. Era um Jaguar castanho-claro forrado de couro, e o homem sentado ao volante estava de camisa branca. "Vamos conversar lá dentro", disse M. X. "É mais reservado." Entrou no banco de trás, o chofer deu a partida e o carro afastou-se do meio-fio. "Fique dando voltas", disse M. X ao motorista. De repente tive a sensação de ter entrado num filme de gângster.

Àquela altura ele já estava a par da maioria dos fatos, porém queria que eu lhe desse um relatório completo, uma autópsia do fracasso. Fiz o possível para lhe explicar o que havia acontecido, e mais de uma vez lamentei as coisas não terem dado certo, mas como Mme. X não estava mais interessada no livro, argumentei, eu nada podia fazer para motivá-la. M. X parecia aceitar minhas explicações com muita tranqüilidade. Não dava a impressão de estar zangado, nem mesmo muito decepcionado. Mas quando eu achava que a conversa estava encerrada, ele tocou no assunto do meu pagamento. Já que nada fora feito, disse ele, era razoável que eu lhe devolvesse o dinheiro, não era? Não, respondi, não era nem um pouco razoável. O negócio fora acertado e eu tinha ido até o México em boa-fé, e havia cumprido o combinado. Ninguém me dissera que eu deveria escrever o livro *para* Mme. X, e sim *com* ela, e se ela não estava disposta a trabalhar, não cabia a mim forçá-la a fazê-lo. Fora justamente por isso que eu tinha pedido o pagamento adiantado. Eu temia que algo assim acontecesse, e precisava ter certeza de que seria pago pelo meu tempo, qualquer que fosse o resultado.

Ele entendeu a lógica de minha argumentação, mas isso não queria dizer que estivesse disposto a recuar. Está bem, disse ele, fique com o dinheiro, mas se quer continuar a trabalhar para mim vai ter que fazer mais alguns serviços até ficarmos quites. Em outras palavras: em vez de devolver-lhe o dinheiro em espécie, eu

teria que devolvê-lo em forma de trabalho. Retruquei que não aceitava a proposta. Estávamos quites, respondi; eu não lhe devia nada, e se ele quisesse me contratar para outros serviços, teria que pagar o preço justo. Como era de se esperar, ele não aceitou minha proposta. Eu achei que você queria um papel no filme, argumentou M. X. Eu nunca disse tal coisa, respondi. Porque se você quiser, prosseguiu ele, vamos ter que acertar essa questão antes. Mais uma vez, disse-lhe que não havia nada para acertar. Está bem, respondeu ele; se é assim que você vê a coisa, então não temos mais nada a dizer um ao outro. Com este comentário, virou-se para o outro lado e mandou o chofer parar o carro.

Tínhamos passado cerca de meia hora dando voltas, lentamente, rumo aos arredores de Paris, e o bairro onde o carro parou me era desconhecido. Era uma noite fria de janeiro, e eu não fazia a menor idéia de onde estava; mas a conversa chegara ao fim e não havia nada mais a fazer senão despedir-me dele e sair do carro. Se não me falha a memória, nem sequer trocamos um aperto de mãos. Saltei para a calçada, fechei a porta e o carro deu a partida. E assim terminou minha carreira no cinema.

Fiquei na França mais um ano e meio. Metade desse tempo passei em Paris, e a outra na Provença, onde eu e minha namorada trabalhamos como caseiros na sede de uma fazenda, no norte de Var. Quando voltei para Nova York, tinha menos de dez dólares no bolso e nenhum plano concreto para o futuro. Estava com vinte e sete anos de idade, minhas únicas realizações eram um livro de poesia e um punhado de ensaios literários obscuros, e o problema do dinheiro continuava tão mal resolvido quanto estava antes de eu partir para a Europa. Para complicar ainda mais a situação, eu e minha namorada resolvemos nos casar. Foi uma decisão irrefletida, mas já que tantas coisas estavam prestes a mudar, pensamos, por que não mudar logo tudo ao mesmo tempo?

Imediatamente comecei a procurar trabalho. Dei telefonemas, segui indicações, compareci a entrevistas, explorei todas as possibilidades. Estava tentando agir de modo sensato e, depois de todos os altos e baixos por que eu havia passado, todos os períodos difíceis e apertos desesperados que me vinham aprisionando

havia anos, estava decidido a não repetir os erros do passado. Dizia a mim mesmo que tinha aprendido a lição, e dessa vez ia saber fazer as coisas como deviam ser feitas.

Mas não tinha aprendido, e não fiz nada como devia ser feito. Apesar de todas as minhas boas intenções, constatei que eu era incorrigível. Até encontrei um emprego, só que em vez de aceitar o cargo de horário integral que me ofereceram (como editor-assistente numa grande editora), optei por outro de meio expediente, ganhando metade do salário. Eu havia jurado que ia engolir o óleo de rícino, mas na hora exata em que a colher chegou, fechei a boca. Até a coisa acontecer, eu não imaginava que fosse fazer o que fiz, resistir de modo tão teimoso. Apesar de tudo, pelo visto eu ainda não tinha abandonado a esperança absurda e ridícula de sobreviver segundo meus próprios princípios. Um emprego de meio expediente me parecia uma boa solução, mas nem isso me satisfez. Eu queria a independência total e, quando me ofereceram um trabalho de tradução como *free lance*, larguei o emprego e mais uma vez resolvi me virar sozinho. Do início ao fim, a experiência durou apenas sete meses. Pode parecer pouca coisa, mas foi o único período de minha vida adulta em que ganhei um salário regular.

Sob todos os pontos de vista, o emprego que eu havia arranjado era excelente. Meu patrão era Arthur Cohen, um homem com muitos interesses, muito dinheiro e uma inteligência de primeira. Autor de romances e ensaios, ex-executivo de editora, colecionador de arte apaixonado, ele recentemente havia aberto uma pequena empresa para descarregar seu excesso de energia. Em parte *hobby*, em parte empreendimento comercial sério, a Ex Libris era uma firma de obras raras, especializada em publicações ligadas à arte do século XX — não livros *sobre* arte e sim livros que eram eles próprios objetos de arte. Revistas do movimento dadaísta, por exemplo, ou livros cujo projeto gráfico era de membros da Bauhaus, ou fotos de Stieglitz, ou uma edição das *Metamorfoses* de Ovídio com ilustrações de Picasso. A contracapa de cada catálogo da Ex Libris anunciava: "Livros e periódicos em edições originais para documentar a arte do século XX: futurismo, cubismo, Dadá, Bauhaus e construtivismo, De Stijl, surrealismo, expressionismo, arte do pós-guerra, bem como arquitetura, tipografia, fotografia e *design*".

Arthur estava abrindo a firma quando me contratou como seu único empregado. Minha principal tarefa era ajudá-lo a escrever os catálogos da Ex Libris, que eram editados duas vezes por ano e tinham cento e poucas páginas. Minhas outras tarefas eram escrever cartas, preparar os catálogos para o correio, atender a pedidos de clientes e fazer sanduíches de atum para o almoço. Eu passava as manhãs em casa, trabalhando por conta própria; ao meio-dia ia até a Riverside Drive e pegava o ônibus nº 4 para ir ao escritório. A Ex Libris ocupava um apartamento alugado num prédio de arenito marrom na East 69th Street, com dois cômodos que viviam abarrotados de milhares de livros, revistas e gravuras. Empilhados em mesas e dentro de armários, enfiados em prateleiras, esses objetos preciosos tomavam conta de todo o espaço. Eu passava quatro ou cinco horas lá todas as tardes, e era um pouco como trabalhar num museu, um pequeno santuário da vanguarda.

Arthur trabalhava numa sala e eu na outra, cada um de nós instalado numa mesa, examinando os objetos a serem vendidos e preparando os meticulosos verbetes de catálogo em fichas de treze por dezoito centímetros. Tudo que tinha a ver com francês e inglês era preparado por mim; Arthur lidava com o que vinha em alemão e russo. Seu domínio abrangia a tipografia, o *design* e a arquitetura; eu me encarregava do campo literário. O trabalho tinha um lado um tanto detalhista (medir os livros, examiná-los e anotar as imperfeições, especificar a proveniência e os proprietários anteriores em certos casos), mas era emocionante pegar em muitos daqueles objetos, e Arthur me dava total liberdade para manifestar minha opinião a respeito deles, até mesmo com uma certa dose de humor quando me dava vontade. Eis alguns exemplos do segundo catálogo, só para dar uma idéia do meu trabalho:

> 233. DUCHAMP, M. & HALBERSTADT, V *L'Opposition et les cases conjuguées sont réconciliées par M. Duchamp et V. Halberstadt.* Editions de L'Exchiquier. St. Germain-en-Laye e Bruxelas, 1932. Texto paralelo em alemão e inglês nas páginas da esquerda. 112 pp. com dupla numeração e ilustrações em duas cores. 24,4 cm × 27,9 cm. Capa de papel impressa.

O famoso livro de xadrez escrito por Duchamp, com *design* de sua autoria (Schwarz, p. 589). Embora seja um texto sério, referente

a um problema de xadrez, é tão obscuro que é praticamente inútil. Segundo Schwarz, Duchamp teria afirmado: "Os finais de jogos que envolvem este problema não têm o menor interesse para qualquer jogador de xadrez; é aí que está a graça da coisa. Só três ou quatro pessoas no mundo se interessam por isso, e são as únicas que tentaram as mesmas linhas de pesquisa que eu e Halberstadt, já que escrevemos o livro juntos. Os campeões de xadrez jamais lêem este livro, porque o problema que ele estuda ocorre no máximo uma vez na vida. São problemas possíveis, mas de tão raros quase chegam a ser utópicos" (p. 63).

US$ 1000,00

394. STEIN, Gertrude. *Testimony: Against Gertrude Stein.* Textos de Georges Braque, Eugene Jolas, Maria Jolas, Henri Matisse, André Salmon, Tristan Tzara. Servire Press. Haia, fevereiro de 1935. (Transition Pamphlet nº 1; suplemento de *Transition* 1934-1935; nº 23). 16 pp. 14,4 cm × 22,5 cm. Capa de papel impressa. Grampeado.

À luz da redescoberta de Stein que vem ocorrendo nos anos 70, a importância deste panfleto é inegável. Ele serve como antídoto ao cabotinismo literário e tem valor próprio como documento importante da história da literatura e da arte. Tendo em vista as incorreções e distorções de fatos encontradas em *The Autobiography of Alice B. Toklas*, a *Transition* realizou esta mesa-redonda para permitir que algumas das personalidades retratadas no livro de Gertrude Stein refutassem a imagem por ela apresentada. O veredicto, ao que parece, é unânime. Matisse: "Em suma, é mais como um traje de arlequim, cujas partes, tendo sido mais ou menos inventadas por ela própria, foram costuradas sem considerações de bom gosto nem relação com a realidade". Eugene Jolas: "É bem provável que *The Autobiography of Alice B. Toklas*, com sua boemia vazia e superficial e suas deformações egocêntricas, venha a se tornar um dia símbolo da decadência que caracteriza a literatura contemporânea". Braque: "A senhorita Stein não entendeu nada do que se passou em torno dela". Tzara: "Por trás do estilo 'gugu-dadá', que é até agradável como reação afetada aos interstícios da inveja, é fácil detectar um espírito tão grosseiro, tão acostumado aos artifícios da mais baixa prostituição literária, que não acredito ser necessário enfatizar a presença de um caso clínico de megalomania". Salmon: "E que confusão! Quanta incompreensão de uma época! Felizmente há outros que a descreveram melhor". Por fim, o texto de Maria Jolas é particularmente notável por apresentar um relato detalhado dos

tempos iniciais da *Transition*. Este panfleto foi originalmente publicado para ser vendido somente como suplemento da revista.

US$ 95,00

437. GAUGUIN, Paul. *Noa Noa. Voyage de Tahiti.* Les Editions G. Crès & Cie. Paris, 1924. 154 pp., ilustradas com 22 xilogravuras de Daniel de Monfreid sobre obras de Paul Gauguin. 14,6 cm × 20,2 cm. Capa de papel com sobrecapa ilustrada.

Esta é a primeira edição definitiva, com material introdutório e poemas de Charles Morice. O relato dos primeiros dois anos de Gauguin no Taiti, notável não apenas pelas importantes revelações biográficas mas também pelo inteligente olhar antropológico com que o autor aborda uma cultura estranha. Gauguin segue a persuasiva máxima de Baudelaire: "Dites, qu'avez-vous vu?", e o resultado é o milagre da visão: um francês, no auge do colonialismo europeu, viajando para um "país subdesenvolvido" nem para conquistar nem para converter, mas para aprender. Esta experiência é o acontecimento central da vida de Gauguin, como artista e como homem. Inclui também: *Noa Noa*, tradução para o inglês de O. F. Theis. Nicholas L. Brown. Nova York, 1920. (Quinta reimpressão; primeira impressão em 1919). 148 pp. + 10 reproduções de Gauguin. 13,5 cm × 19,8 cm. Papelão recoberto de papel e tecido. (Edição francesa um pouco manchada; lombada um pouco gasta tanto na edição francesa quanto na tradução inglesa.)

US$ 65,00

509. RAY, Man. *Mr. and Mrs. Woodman.* Edition Unida. Sem indicação de cidade, 1970. Sem numeração; com 27 fotos originais e uma gravura de Man Ray, assinada e numerada. 26,7 cm × 30,2 cm. Encadernado em couro, páginas de papelão com bordas douradas; caixa de couro e papel marmoreado.

Uma das mais estranhas das muitas obras estranhas de Man Ray. O senhor e a senhora Woodman são duas figuras de madeira, semelhantes a fantoches, construídas por Man Ray em Hollywood, em 1947, e o livro, feito em 1970, é uma série de fotografias montadas desses personagens engraçados e surpreendentemente realistas, em algumas das posturas eróticas mais contorcidas imagináveis. De certo modo, pode-se dizer que este livro é um manual de sexo para pessoas de madeira. A tiragem foi de apenas cinqüenta exemplares; este é o nº 31, assinado por Man Ray. Todas as fotografias são originais do próprio artista, com sua marca ca-

racterística. O livro vem acompanhado de uma gravura original, numerada e assinada, feita por Man Ray especialmente para esta edição.

US$ 2100,00

Eu e Arthur nos dávamos bem, sem tensões nem conflitos, e trabalhávamos juntos numa atmosfera de amizade e tranqüilidade. Se eu fosse uma pessoa um pouco diferente, talvez tivesse ficado anos nesse emprego, mas, como não era, comecei a ficar entediado e inquieto após alguns meses. Dava-me prazer examinar o material sobre o qual eu tinha que escrever, mas faltava-me a mentalidade do colecionador, e jamais consegui sentir pelos objetos que vendíamos a admiração e a reverência adequadas. Quando você resolve escrever sobre o catálogo da exposição surrealista de 1947 em Paris, com projeto gráfico de Marcel Duchamp, por exemplo — que trazia na capa o célebre seio falso, juntamente com o aviso: *Prière de toucher* ["Favor tocar"] —, e constata que o catálogo é protegido por várias camadas de plastibolha, embrulhadas em papel pardo, por sua vez enfiado dentro de um saco plástico, é inevitável que pare por um momento para se perguntar se tudo isso não é uma tremenda perda de tempo. *Prière de toucher*. O aviso de Duchamp é uma brincadeira evidente com as placas que se encontram por toda a França: *Prière de ne pas toucher* ("Favor não tocar"). Ele vira do avesso a proibição e nos pede que acaricie o objeto que ele fez. E que objeto poderia ser melhor do que aquele seio esponjoso, perfeitamente formado? Não venere — diz ele — não leve a sério, não cultue esta atividade frívola que chamamos arte. Vinte e sete anos depois, o aviso é virado do avesso mais uma vez. O seio nu é coberto. A coisa feita para ser tocada torna-se intocável. A brincadeira de Duchamp transforma-se numa transação muito séria e, mais uma vez, a última palavra é do dinheiro.

Não é minha intenção criticar Arthur. Ninguém amava essas coisas mais do que ele, e se os catálogos que mandávamos a clientes potenciais eram de natureza comercial, eram também fruto de trabalho intelectual, documentos elaborados com o maior rigor. Se havia uma diferença entre nós, não era que eu entendesse a questão melhor do que ele (muito pelo contrário), e sim que ele era comerciante e eu não; por isso Arthur era o patrão e eu ganhava umas merrecas por hora. Arthur gostava de ter lucro, gostava do dia-a-dia da administração de sua empresa e, embora fosse também um homem de muita sofisticação e refinamento, um intelectual de verdade, que vivia no mundo das idéias, não havia como negar o fato de que era um negociante astuto. Ao que parecia, a vida intelectual não era incompatível com a atividade de ganhar dinheiro. Eu me conhecia bem o bastante para saber que tal coisa não era possível para mim, porém compreendi então que para outras pessoas isso era perfeitamente possível. Havia pessoas que não precisavam optar. Não tinham que dividir o mundo em dois campos opostos. Podiam muito bem viver nos dois lugares ao mesmo tempo.

Algumas semanas depois que comecei a trabalhar para ele, Arthur recomendou-me a um amigo seu que estava precisando de alguém para um trabalho de curta duração. Arthur sabia que eu estava precisado de um dinheirinho extra, e menciono esse pequeno favor para mostrar como ele me tratava bem. Como o amigo em questão era Jerzy Kosinski e, o trabalho em questão era ajudá-lo a preparar os originais de seu mais recente romance, vale a pena falar um pouco mais sobre o episódio. Em anos recentes, tem havido muita polêmica em torno de Kosinski, e como boa parte dessa controvérsia está ligada ao romance com o qual trabalhei (*Cockpit*), creio que devo dar meu testemunho pessoal a respeito do caso. Conforme Arthur me explicou, o trabalho resumia-se a rever o texto para ver se não havia nenhum problema com o inglês. Sabendo que o inglês não era a língua materna de Kosinski, achei perfeitamente razoável que ele quisesse uma revisão antes de entregar o livro à editora. O que eu não sabia era que outras pessoas já haviam trabalhado naquele texto antes de mim — três ou quatro, dependendo do relato. Kosinski jamais mencionou esse fato para mim, mas os problemas que o livro ainda tinha não estavam de modo algum relacionados à gramática. Os defeitos eram de uma natureza mais fundamental, tinham mais a ver com o livro em si do que com o modo como a história era contada. Corrigi uma ou outra frase aqui, mudei uma ou outra palavra ali, mas o romance estava essencialmente concluído quando os originais chegaram às minhas mãos. Teria sido possível terminar o serviço em um ou dois dias, mas, como Kosinski

não permitia que o texto saísse de sua casa, eu era obrigado a ir até seu apartamento na West Fifty-seventh Street para trabalhar, e, como ele ficava o tempo todo a minha volta, interrompendo-me uma vez a cada vinte minutos com histórias, casos e comentários nervosos, a coisa se arrastou por sete dias. Não sei por que, mas Kosinski parecia muitíssimo interessado em causar forte impressão em mim, e conseguiu mesmo. Era uma pessoa tão tensa, seu comportamento era tão estranho e maníaco que não havia como não ficar impressionado. O que tornava suas interrupções duplamente estranhas era o fato de que quase todas as histórias que ele me contava também apareciam em seu livro — o mesmo livro que eu estava revendo quando ele entrava no recinto para conversar. Por exemplo, a maneira como Kosinski organizou sua fuga da Polônia; seu hábito de andar na Times Square às duas da madrugada disfarçado de agente secreto porto-riquenho; a mania de ir a restaurantes caros com um uniforme militar falso (preparado por seu alfaiate, sem qualquer referência identificável a nenhum posto militar, país ou força armada), quando então, sendo o uniforme muito vistoso e coberto de medalhas e estrelas, o maître deslumbrado lhe dava a melhor mesa da casa, sem que Kosinski tivesse feito reserva, oferecesse qualquer gorjeta ou mesmo olhasse para ele. O livro era supostamente uma obra de ficção; porém, quando me contava essas histórias, o autor as apresentava como fatos, eventos ocorridos em sua vida. Ele saberia a diferença entre as duas coisas? Não posso afirmar com certeza, não posso sequer arriscar um palpite; mas se tivesse que dar uma resposta, diria que ele sabia. Kosinski me parecia inteligente demais, cônscio demais de sua própria pessoa e do efeito que exercia sobre os outros, para não se deleitar com a confusão que criava. Afinal, o tema comum a todas as suas histórias era o logro, era fazer os outros de bobos, e o modo como Kosinski ria quando as contava — um riso debochado, como se saboreasse seu próprio cinismo — fazia-me pensar que talvez ele estivesse apenas brincando comigo, lisonjeando-me com elogios só para testar os limites de minha credulidade. Pode ser. Por outro lado, pode ser que não. A única coisa que sei com certeza é que Kosinski era um verdadeiro labirinto de complexidades. Quando, em meados dos anos 80, começaram a surgir boatos e artigos nas revistas segundo os quais Kosinski era

plagiário, usava *ghost writers* e mentia sobre seu passado, não me surpreendi. Anos depois, quando ele se matou sufocando-se num saco plástico, fiquei surpreso. Kosinski morreu no mesmo apartamento onde eu trabalhara para ele em 1974, no mesmo banheiro onde eu usara a privada e lavara as mãos. Basta-me pensar por um momento que revejo todas essas coisas.

Tirando esse incidente, os meses em que trabalhei na Ex Libris correram com tranqüilidade. Não acontecia muita coisa e, como a maior parte das transações se dava via correio, era raro vir alguém ao escritório e perturbar nosso trabalho. Porém num final de tarde, quando Arthur tinha dado uma saída, John Lennon bateu à porta; queria ver fotos de Man Ray.

"Oi", disse ele, estendendo-me a mão. "Eu sou o John."

"Oi", respondi, apertando-lhe a mão com força. "Eu sou o Paul."

Enquanto eu procurava as fotos num armário, Lennon parou diante da tela de Robert Motherwell que ficava pendurada na parede ao lado da mesa de Arthur. Não havia naquela pintura nada de muito especial — duas linhas pretas retas contra um fundo laranja — e, depois de examiná-la por alguns momentos, ele virou-se para mim e disse: "Essa aí parece ter dado muito trabalho, não é?". Depois de todas as pretensões que eu vira no mundo da arte, gostei de ouvir aquele comentário.

Eu e Arthur nos despedimos como amigos, sem qualquer ressentimento da minha parte ou da dele. Fiz questão de encontrar um substituto antes de largar o emprego, o que tornou minha partida relativamente simples e indolor. Ainda mantivemos contato por algum tempo, e de vez em quando nos telefonávamos para trocar notícias, mas depois nos afastamos; quando Arthur morreu de leucemia, alguns anos atrás, não consegui sequer lembrar-me da última vez que eu falara com ele. Depois veio o suicídio de Kosinski. E, se acrescentarmos o assassinato de Lennon, mais de dez anos antes, quase todo mundo associado aos meses que passei naquele escritório já morreu. Até mesmo o amigo de Arthur, Robert Motherwell, o bom pintor responsável pela má pintura que provocou o comentário de Lennon, já se foi. A uma certa altura da vida, damo-nos conta de que passamos tanto tempo com os mortos quanto com os vivos.

* * *

Os dois anos que se seguiram foram de intensa atividade. Entre março de 1975, quando saí da Ex Libris, e junho de 1977, quando nasceu meu filho, lancei mais dois livros de poesia, escrevi algumas peças em um ato, publiquei de quinze a vinte textos críticos e traduzi meia dúzia de livros com minha mulher, Lydia Davis. Essas traduções eram nossa principal fonte de renda; trabalhávamos em parceria, a tantos dólares por mil palavras, aceitando o que aparecesse. Tirando um livro de Sartre (*Life/Situations*, uma coletânea de ensaios e entrevistas), os livros que as editoras nos davam eram chatos e desinteressantes, e sua qualidade variava de não muito bom a ruim mesmo. O pagamento também era bem ruim, e embora a cada livro recebêssemos um pouco mais, se fizéssemos as contas para ver quanto ganhávamos por hora era um ou dois centavos mais do que um salário mínimo. O jeito era trabalhar depressa, fazer traduções a toda a velocidade, sem parar para respirar. Sem dúvida, haverá maneiras mais estimulantes de ganhar a vida, mas eu e Lydia enfrentávamos essa rotina com muita disciplina. A editora nos entregava o livro, nós o partíamos ao meio (literalmente rasgando-o em duas metades, quando só tínhamos um exemplar), e estabelecíamos uma quota diária para nós. Acontecesse o que acontecesse, a meta tinha que ser atingida. Tantas páginas tinham que ser feitas por dia, e todos os dias, com vontade ou não, nós as fazíamos. Fritar hambúrgueres numa lanchonete daria mais ou menos o mesmo dinheiro, mas pelo menos éramos livres, ou achávamos que éramos, e jamais lamentei ter largado meu emprego. Boa ou má, era esta a vida que eu escolhera. Quando não estava traduzindo, estava escrevendo por conta própria, de modo que, durante esse período, era raro o momento em que eu não estava sentado à minha mesa, colocando palavras numa folha de papel.

Os textos críticos eu não escrevia por dinheiro, mas quase todos os artigos que publiquei foram pagos, e isso ajudava um pouco a aumentar minha renda. Assim mesmo, a vida era difícil, e mês após mês tínhamos consciência de que, se faltasse trabalho por algum tempo, afundaríamos na pobreza. Então, no outono de 1975, seis meses depois de começar essa caminhada a dois na corda bamba, minha sorte melhorou. Recebi uma bolsa de cinco mil dólares da Ingram Merrill Foundation, e por algum tempo a pressão sobre mim diminuiu um pouco. Aquele dinheiro era tão inesperado, tão imenso em suas ramificações, que eu me sentia como se um anjo tivesse descido do céu e me dado um beijo na testa.

O principal responsável por essa minha sorte foi John Bernard Myers. John não tirou esse dinheiro de seu próprio bolso, porém foi ele que me falou sobre a fundação e me incentivou a tentar ganhar a bolsa. O verdadeiro benfeitor, naturalmente, foi o poeta James Merrill. Da maneira mais silenciosa e discreta possível, havia anos que ele distribuía parte da fortuna de sua família a outros escritores e artistas, escondendo-se por trás de seu segundo nome para não chamar atenção para sua extraordinária generosidade. Uma comissão se reunia a cada seis meses para examinar os novos candidatos e distribuir as bolsas. John era secretário da comissão e, embora não participasse da escolha dos agraciados, ia às reuniões e sabia o que se passava pela cabeça dos membros. Não tinha certeza, disse-me, porém achava que eles tenderiam a me dar apoio. Assim, fiz uma seleção de meus poemas e enviei-os à comissão. Na reunião seguinte, ficou provado que o palpite de John estava certo.

Creio que nunca encontrei uma pessoa mais engraçada e efusiva do que John. Quando o conheci, no final de 1974, ele já era uma figura obrigatória no cenário artístico de Nova York havia trinta anos, principalmente como diretor da Tibor de Nagy Gallery nos anos 50, mas também como co-fundador do Artists Theatre, diretor de várias revistas literárias efêmeras e defensor e empresário de jovens talentosos. Foi ele o primeiro a conseguir exposições importantes para artistas como Red Grooms, Larry Rivers, Helen Frankenthaler e Fairfield Porter; foi ele que publicou os primeiros livros de Frank O'Hara, John Ashbery e outros poetas da chamada escola de Nova York. As peças que produziu foram colaborações entre muitos desses mesmos poetas e pintores — O'Hara e Rivers, por exemplo, ou James Schuyler e Elaine de Kooning; um era autor do texto e o outro o cenógrafo. A bilheteria do Artists Theatre não arrecadava muita coisa, mas John e seu sócio mantiveram o teatro em funcionamento durante anos, e, numa época em que o *off-Broadway* ainda não existia, era prati-

camente o único teatro experimental de Nova York. O que distinguia John de todos os outros empresários, editores e produtores que já conheci era o fato de que seu objetivo não era ganhar dinheiro. Na verdade, ele provavelmente não era lá grande coisa como homem de negócios, porém tinha uma paixão genuína por todas as manifestações artísticas, padrões rigorosos, mente aberta e uma fome imensa de obras que fossem diferentes, desafiadoras, novas. Era um homenzarrão de cerca de um metro e noventa de altura, e sua aparência física com freqüência me fazia pensar em John Wayne. Porém John Bernard Myers — na medida em que era homossexual e não só não tentava esconder sua condição como também se orgulhava dela; que fazia questão de zombar de si próprio, com toda espécie de gestos afetados e poses extravagantes; e que adorava piadas bobas e canções ridículas, tendo um imenso repertório de brincadeiras infantis — nada tinha a ver com John Wayne. Esse John não tinha nada de durão; era todo entusiasmo e boa vontade, um homem que dedicara sua vida às coisas belas, e era incapaz de ocultar seus sentimentos.*

Quando o conheci, ele estava lançando uma nova revista — "de palavras e imagens" — chamada *Parenthèse*. Não me lembro quem me sugeriu que enviasse meus trabalhos a ele; a partir daí, John passou a fazer questão de incluir alguma coisa minha em quase todos os números. Mais tarde, quando fechou a revista e partiu para a publicação de livros, o primeiro título em sua lista foi uma coletânea de poemas meus. Sua fé em meu trabalho era absoluta, e ele me deu apoio numa época em que poucas pessoas sabiam que eu existia. Nas notas finais do número 4 de *Parenthèse*, por exemplo, em meio às listagens de realizações passadas dos colaboradores, ele fez questão de afirmar que "Paul Auster causou sensação no mundo literário com sua análise brilhante da obra de Laura Riding Jackson, seus ensaios sobre pintura francesa e sua poesia". Se esta afirmação não era verdadeira, pois John era o único a me dar atenção, tudo bem: *alguém* estava me dando guarida e, naqueles primeiros tempos de dificuldades e incertezas, em que eu na verdade não causava sensação alguma, esse incentivo foi da

(*) Em seu livro *Tracking the marvelous: a life in the New York art world*, publicado pela Random House em 1983, John apresenta um relato vívido de suas aventuras.

maior importância. John foi a primeira pessoa a me dar apoio explícito, e jamais deixei de lhe ser grato.

Quando o dinheiro da bolsa chegou, eu e Lydia voltamos a pôr o pé na estrada. Sublocamos nosso apartamento e fomos para as Montanhas Laurêntidas no Quebec; lá nos enfurnamos na casa de um amigo pintor por uns dois meses, enquanto ele estava viajando; depois voltamos para Nova York, onde passamos uma ou duas semanas; e logo em seguida fizemos as malas outra vez e atravessamos o país de trem, até São Francisco. Acabamos nos instalando em Berkeley, alugando um pequeno conjugado mobiliado perto da universidade, e moramos seis meses lá. Não estávamos tão folgados a ponto de poder largar as traduções, mas agora o ritmo de trabalho era menos frenético, o que me dava mais tempo para escrever. Continuei fazendo poemas, mas comecei a ter novos impulsos e idéias, e quando dei por mim estava trabalhando numa peça. Depois escrevi outra, e em seguida mais outra, e quando voltei a Nova York mostrei-as a John. Eu não sabia como julgar o que havia escrito. As peças tinham surgido inesperadamente e os resultados eram muito diferentes de tudo que eu já havia feito antes. Quando John me disse que tinha gostado, fiquei achando que talvez tivesse dado um passo na direção certa. O que menos passava pela minha cabeça era a idéia de utilizá-las de algum modo prático. Não me ocorrera em absoluto a idéia de encená-las ou de publicá-las. Para mim, não passavam de exercícios minimalistas, uma tentativa inicial de fazer algo que podia ou não acabar dando em uma coisa concreta. Quando John disse que gostaria de montar a peça mais longa, fui apanhado totalmente de surpresa.

Ninguém teve culpa do que aconteceu. John foi logo agindo, com a afobação e a energia de sempre, mas tudo dava errado, e depois de algum tempo começou a parecer que não estávamos produzindo uma peça, e sim tentando demonstrar o poder indestrutível da Lei de Murphy. Encontramos um diretor e três atores, e logo depois marcamos uma leitura do texto com o fim de levantar financiamento para a produção. Ou pelo menos era isto que planejávamos fazer. Para começo de conversa, os atores eram jovens e inexperientes, e não sabiam ler as falas com convicção e sentimento; mas o pior de tudo foi a platéia. John convidou uma

dúzia de amigos, todos colecionadores de arte riquíssimos, e nenhum desses financiadores potenciais tinha menos de sessenta anos nem o menor interesse por teatro. John esperava que a peça os seduzisse, que os pegasse pela emoção e pela razão, de tal modo que eles se sentiriam impelidos a sacar seus talões de cheque na mesma hora. A leitura foi realizada num luxuoso apartamento no Upper West Side, e minha tarefa era ser encantador com aqueles mecenas, sorrir, conversar fiado e convencê-los de que eles estavam apostando no cavalo certo. O problema era que eu não tinha o menor talento para sorrir e conversar fiado. Cheguei lá num estado de extrema tensão, enjoado de puro nervosismo, e rapidamente virei duas doses de *bourbon* para desfazer o nó no estômago. O efeito do álcool foi justamente o contrário, e quando começou a leitura eu já estava com uma dor de cabeça cavalar; a cabeça latejava, pulsava, uma sensação que foi ficando cada vez mais insuportável à medida que o tempo passava. A peça seguia em frente, aos trancos e barrancos, e do início ao fim os ricaços permaneciam em silêncio, absolutamente apáticos. Falas que eu julgava engraçadas não produziam sequer um sorriso. A platéia recebia as piadas com tédio, o *pathos* com indiferença, toda a peça com perplexidade. Quando terminou, após alguns aplausos secos e tépidos, eu só pensava numa maneira de sair dali e me esconder. Minha cabeça estava rachando de dor. Sentia-me ferido, humilhado, incapaz de falar, mas não podia abandonar John, e assim, durante os trinta minutos que se seguiram, fiquei a ouvi-lo falar sobre a peça com seus amigos perplexos, esforçando-me para não cair no tapete desmaiado. John segurou as pontas corajosamente, mas cada vez que se virava para mim tudo que eu conseguia fazer era olhar para os sapatos e murmurar um comentário breve e ininteligível. Por fim, sem mais nem menos, dei uma desculpa esfarrapada e caí fora.

Um homem comum teria desistido após uma tal derrota, mas John não desanimou. Aquela noite não resultou em um tostão de apoio financeiro, porém ele tocou para a frente assim mesmo e começou a improvisar um novo plano, substituindo seu sonho de glória teatral por uma alternativa mais modesta e prática. Já que não íamos poder pagar um teatro de verdade, disse ele, vamos ter que nos virar com outra coisa. O que importava era a peça, e

mesmo que a temporada se resumisse a um único espetáculo só para convidados, ela seria encenada. Se não por mim, afirmou John, e se não por ele, então ao menos por seu amigo Herbert Machiz, que morrera naquele verão. Herbert dirigira as montagens no velho Artists Theatre e, como fora companheiro de John por vinte e cinco anos, meu protetor estava decidido a reavivar o Artists Theatre em memória de Herbert — mesmo que fosse só por uma noite.

O dono de um estúdio de restaurações na East Sixty-ninth Street ofereceu seu espaço a John. Por acaso, ficava a um quarteirão do escritório da Ex Libris — uma coincidência interessante, embora sem importância. Porém havia outra, mais relevante: o estúdio, outrora uma cocheira, já pertencera a Mark Rothko. Fora lá que Rothko se suicidara em 1970, e agora, menos de sete anos depois, minha peça seria apresentada no mesmo lugar. Não quero parecer supersticioso, mas levando-se em conta o modo como as coisas terminaram, chego a pensar que estávamos sob o impacto de uma maldição, que o projeto estava fadado ao fracasso, independentemente do que fizéssemos ou deixássemos de fazer.

Começaram as preparações. O diretor e os três atores trabalhavam com afinco e aos poucos os desempenhos foram melhorando. Não vou dizer que chegaram a ficar bons, mas ao menos não estavam mais constrangedores. Um dos atores se destacava dos outros e, à medida que os ensaios avançavam, comecei a fundar minhas esperanças em seu trabalho, rezando para que sua ousadia e sua inventividade alçassem a montagem a um nível de competência razoável. Foi marcada uma data no início de março, foram enviados os convites e foram alugadas cento e cinqüenta cadeiras dobráveis, a serem entregues na antiga cocheira. Eu devia ter sido mais realista, mas na verdade comecei a experimentar um certo otimismo. Então, dias antes da grande noite, o ator bom pegou uma pneumonia e, como não havia substituto (impensável numa produção como aquela), tudo indicava que seria necessário cancelar o espetáculo. Porém o ator, que havia investido muito tempo e esforço nos ensaios, não se deu por vencido. Apesar da febre alta, apesar de estar cuspindo sangue horas antes do início da representação, ele saiu da cama, tomou uma dose brutal de antibióticos e conseguiu chegar lá na hora marca-

da. Foi o mais nobre dos gestos, o lance corajoso de um soldado nato; fiquei muito impressionado com sua coragem — não, impressionado é pouco; fiquei foi cheio de admiração — mas a triste verdade era que ele não tinha condição de estar ali. Tudo que havia brilhado nos ensaios de repente tornou-se baço. O desempenho era chocho, o ritmo não funcionava, cena após cena era desperdiçada. Em pé, atrás da platéia, assisti a tudo aquilo sem poder fazer nada. Vi minha pequena peça morrer diante de cento e cinqüenta pessoas, e não pude sequer levantar o dedo mindinho na tentativa de impedir que a coisa acontecesse.

Antes de virar aquela página infeliz, resolvi refazer o texto. O desempenho dos atores tinha sido apenas um dos problemas, e eu não queria pôr toda a culpa no diretor e nos atores. Dei-me conta de que a peça era longa demais, arrastada e confusa; seria necessária uma cirurgia radical para consertá-la. Comecei a cortar, aparar, tirar fora tudo que parecia fraco ou supérfluo; quando terminei, metade da peça tinha ido para o lixo, um dos personagens fora eliminado e o título fora mudado. Datilografei a nova versão, agora intitulada O *Gordo e o Magro vão para o Céu*, arquivei-a numa pasta junto com as outras duas peças que eu havia escrito (*Blecautes* e *Esconde-esconde*), e guardei a pasta numa gaveta de minha mesa. Minha idéia era deixá-la lá dentro e nunca mais abrir aquela gaveta.*

Três meses depois do fracasso da peça, meu filho nasceu. Ver Daniel entrar no mundo foi uma felicidade suprema para mim, um evento de tamanha grandeza que, no próprio momento em que comecei a chorar ao ver seu corpinho e segurá-lo pela primeira vez, dei-me conta de que o mundo havia mudado, que eu passara de um estado de ser a outro. A paternidade era a linha divisória, o grande muro entre a juventude e a idade adulta, e eu agora estava do outro lado, para o resto da vida.

Era bom estar lá. Emocional, espiritual e mesmo fisicamente, era lá mesmo que eu queria estar, e sentia-me de todo preparado para assumir as exigências desse novo lugar. Financeiramente,

(*) V. Apêndice 1.

porém, não estava nem um pouco preparado para coisa nenhuma. Para subir esse muro, a gente paga um pedágio, e quando cheguei ao outro lado meus bolsos estavam quase vazios. A essa altura, eu e Lydia não estávamos mais em Nova York; tínhamos nos mudado para uma casa às margens do Hudson, a umas duas horas ao norte da cidade, e foi lá que a coisa ficou feia de verdade. A tempestade durou um ano e meio, e quando o vento amainou o bastante para eu poder sair do esconderijo e ver a extensão do estrago, constatei que havia perdido tudo. Toda a paisagem tinha sido devastada.

Sair da cidade foi o primeiro de uma longa série de erros de cálculo. Achávamos que seria mais barato viver no interior, mas isto simplesmente não era verdade. Os gastos com o carro, a calefação, os consertos da casa e as contas do pediatra engoliam todas as economias que achávamos ter feito, e logo estávamos trabalhando tanto só para não afundar que não tínhamos tempo para fazer mais nada. Outrora eu sempre conseguira reservar algumas horas por dia para trabalhar nos meus poemas, meus escritos, depois de passar a primeira parte do dia escrevendo por dinheiro. Agora, à medida que aumentava nossa necessidade de dinheiro, cada vez restava-me menos tempo para trabalhar em meus textos. Comecei a ficar um dia sem escrever, depois dois, depois uma semana, e depois de algum tempo perdi meu ritmo de trabalho. Quando eu conseguia arranjar uma horinha, estava tão tenso que não escrevia direito. Os meses passavam, e todos os papéis em que eu encostava a caneta terminavam no lixo.

No final de 1977, estava me sentindo encurralado, desesperado para encontrar uma solução. Eu passara a vida evitando o assunto dinheiro, e agora, de repente, não conseguia pensar em outra coisa. Sonhava com viradas milagrosas, bilhetes de loteria caindo do céu, planos mirabolantes para enriquecer da noite para o dia. Até mesmo os anúncios que via nas caixas de fósforo começaram a me fascinar. "Ganhe dinheiro criando minhocas no porão." Eu estava morando numa casa com porão, e confesso que cheguei a pensar nisso. Minha maneira antiga de agir dera em desastre, e eu estava disposto a experimentar idéias novas, uma nova maneira de enfrentar o dilema que me havia atormentado desde o início: como conciliar as necessidades do corpo com as

do espírito. Os termos da equação ainda eram os mesmos: de um lado, tempo; do outro, dinheiro. Eu apostara que conseguiria equilibrar os dois, mas depois de anos em que fora obrigado a sustentar primeiro uma boca, depois duas e por fim três, havia afinal sido derrotado. Não era difícil entender por quê. Eu trabalhara muito por tempo e pouco por dinheiro, e o resultado era que agora não tinha nem uma coisa nem outra.

No início de dezembro, um amigo veio da cidade me visitar por uns dias. Nós nos conhecíamos desde a faculdade, e ele também se transformara num escritor que passava necessidade — mais um ex-aluno de Columbia que não tinha onde cair morto. Talvez estivesse ainda pior do que eu. A maior parte de seus escritos estavam inéditos, e ele se agüentava pulando de um emprego temporário para outro, todos patéticos, viajando sem rumo de um estado para o outro, como um vagabundo, sem um tostão no bolso, em busca de aventuras estranhas. Recentemente tinha voltado a Nova York e estava trabalhando numa loja de brinquedos, como parte do exército de balconistas contratados só para a época do Natal. Fui buscá-lo de carro na estação do trem e, na viagem de meia hora até minha casa, quase só falamos sobre jogos e brinquedos, as coisas que ele vendia na loja. Por algum motivo que até hoje desconheço, essa conversa deslocou uma pedrinha que havia se prendido em algum ponto de meu inconsciente, uma obstrução que ocultava um pequeno recanto de minha memória, e agora reencontrei algo que passara quase vinte anos perdido. Aos dez ou doze anos de idade, eu inventara um jogo. Usando um baralho normal de cinqüenta e duas cartas, uma tarde, sentado na cama, havia descoberto uma maneira de jogar beisebol com cartas. Agora, enquanto conversava com meu amigo no carro, o jogo voltou-me à lembrança de repente. Lembrei-me de tudo: os princípios básicos, as regras, até os menores detalhes.

Em circunstâncias normais, o mais provável era que eu esquecesse disso mais uma vez logo em seguida. Porém eu estava numa situação de desespero, empurrado contra a parede, sabendo que, se não tivesse uma idéia depressa, o pelotão de fuzilamento ia encher meu corpo de balas. Só mesmo uma solução caída do céu para me tirar daquela enrascada. Se eu conseguisse ganhar uma bolada, o pesadelo terminaria de repente. Eu

poderia subornar os soldados, sair da cadeia pela porta da frente, voltar para casa e retomar minha carreira de escritor. Se não estava mais sendo suficiente traduzir livros e escrever artigos para revistas, então eu tinha obrigação, para comigo mesmo e minha família, de tentar outra saída. Pois bem, as pessoas compravam jogos, não era mesmo? E se eu transformasse meu velho jogo de beisebol numa coisa realmente boa, boa de verdade, e conseguisse vendê-lo? Quem sabe eu não daria sorte e conseguiria ganhar minha bolada?

Hoje essa história quase parece piada, mas na época era um negócio muito sério para mim. Eu sabia que a chance de dar certo era quase zero, mas, uma vez que a idéia me possuiu, não consegui mais livrar-me dela. Coisas ainda mais malucas já haviam acontecido, dizia a mim mesmo; e se não estava disposto a dedicar um pouco de tempo e esforço ao projeto, então eu era mesmo um merda.

O jogo inventado na minha infância estruturava-se em torno de umas poucas operações simples. O arremessador era quem desvirava as cartas: cada carta vermelha, do ás ao dez, era um arremesso legal; cada carta preta, do ás ao dez, era um arremesso fora da *strike zone*. Quando uma figura era desvirada, o rebatedor acertava a bola. Então o rebatedor desvirava uma carta. Se desse do ás ao nove, ele estava eliminado, sendo que cada número de carta correspondia a um jogador da defesa: Arremessador=ás (1); Receptor=2; Primeira-Base=3; Segunda-Base=4; Terceira-Base=5; Cortador=6; Campo-Esquerdo=7; Campo-Central=8; Campo-Direito=9. Se, por exemplo, o rebatedor desvirava um 5, isto queria dizer que quem o eliminava era o terceira-base. Se o 5 era preto, era bola no chão; se vermelho, era bola no ar (ouros=bola para o alto; copas=bola para a frente). Quando a bola ia para o campo externo (7, 8, 9), carta preta era bola em arco baixo, vermelha era bola em arco alto. Dez era uma corrida até a primeira base; valete, até a segunda; dama, até a terceira; rei, um *homerun*.

Era uma coisa meio tosca, mas funcionava mais ou menos bem, e embora a distribuição de pontos fosse matematicamente incorreta (deveria haver mais corridas à primeira base que à segunda, mais à segunda que *homeruns* e mais *homeruns* que à terceira), os jogos eram com freqüência disputados e emocio-

nantes. Mais importante ainda, os resultados pareciam escores de beisebol de verdade — 3 a 2, 7 a 4, 8 a 0 —, e não de futebol americano ou basquete. Os princípios fundamentais eram corretos. Era só criar um baralho especial. Deste modo seria possível tornar o jogo estatisticamente preciso, acrescentar estratégias e opções (tacadas com efeito, bolas de sacrifício etc.), atingindo um outro nível de sutileza e sofisticação. Era mais uma questão de fazer os cálculos matemáticos, mas eu conhecia muito bem o beisebol, e não demorei para chegar às fórmulas corretas. Joguei uma série de partidas e, depois de umas duas semanas constatei que não era preciso fazer mais nenhuma mudança. Em seguida, vinha a parte mais tediosa do projeto. Tendo decidido como seriam as cartas (dois baralhos de noventa e seis cartas cada um), tive que desenhá-las a mão, com quatro canetas de escrita fina (uma vermelha, uma verde, uma preta e uma azul). Já não lembro quantos dias levei para completar a tarefa, mas quando consegui chegar ao fim tinha a impressão de jamais ter feito outra coisa na vida. O desenho das cartas não ficou nenhuma maravilha; porém eu não tinha nem talento para a coisa nem experiência no ramo, de modo que isso já era de se esperar. Meu objetivo era chegar a uma apresentação bem clara, algo que pudesse ser compreendido de um só relance, sem confundir ninguém, e, levando-se em conta o volume de informações que cada carta tinha que conter, acho que ao menos isso eu consegui. A beleza e a elegância podiam esperar. Se alguém manifestasse interesse pelo meu jogo, esse problema ficaria a cargo de um profissional de *design*. Provisoriamente, depois de muitas dúvidas e hesitações, resolvi chamar minha pequena invenção de Action Baseball.

Mais uma vez, meu padrasto me salvou. Por acaso, um amigo seu trabalhava numa das maiores fábricas de brinquedos do país, e quando mostrei meu jogo a este homem ele ficou muito bem impressionado, achando que era possível que interessasse a um público. Eu ainda estava preparando as cartas, mas ele me estimulou a aprontá-las o mais depressa possível e levar o jogo à Feira de Brinquedos de Nova York, que iria realizar-se em cinco ou seis semanas. Eu nunca ouvira falar da tal feira, mas todos me garantiram que era o evento anual mais importante da indústria de brinquedos. Todos os anos, em fevereiro, companhias do mundo

inteiro reuniam-se no Toy Center, na esquina da Twenty-third Street com Fifth Avenue, para exibir os produtos a serem lançados no mercado na temporada seguinte, ver o que estavam fazendo os competidores e elaborar planos para o futuro. A Feira de Brinquedos de Nova York é para os brinquedos o que a Feira de Livros de Frankfurt é para os livros e o Festival de Cannes é para o cinema. O amigo de meu padrasto fez tudo por mim. Colocou meu nome na lista de "inventores", o que me dava o direito de usar um crachá e acesso irrestrito à feira, e como se isso não fosse bastante, ainda marcou uma entrevista para mim com o presidente da firma em que trabalhava — às nove da manhã do primeiro dia do evento.

Agradeci a ajuda, mas ao mesmo tempo tive a sensação de que havia comprado passagem para um vôo a outro planeta. Eu não sabia o que me esperava, não tinha nenhum mapa da região, nenhum livro quê me ajudasse a entender os hábitos e costumes das criaturas com quem eu teria que falar. A única solução que me ocorreu foi pôr paletó e gravata. Era minha única gravata; ficava guardada no armário para situações de emergência, como casamentos e enterros. Agora as reuniões de trabalho seriam acrescentadas à lista. Imagino a triste figura que fiz ao entrar no Toy Center naquela manhã para pegar meu crachá. Levava na mão uma pasta, mas dentro só havia uma coisa — meu jogo, guardado numa caixa de charutos. Era só isso que eu tinha, o jogo e várias cópias xerox das regras. Eu ia conversar com o presidente de uma firma que movimentava milhões de dólares e não tinha nem mesmo cartão de visitas.

Embora ainda fosse cedo, o lugar já estava cheio. Para todos os lados viam-se fileiras imensas de estandes, exibindo bonecas e marionetes e carros de bombeiros e dinossauros e criaturas extraterrestres. Todos os brinquedos possíveis e imagináveis estavam reunidos naquele salão, e não havia um que não apitasse ou estalasse ou piasse ou rugisse. Enquanto eu atravessava aquela multidão ruidosa, ocorreu-me a idéia de que o único objeto silencioso no prédio era a pasta debaixo de meu braço. Naquele ano, a grande febre eram os jogos de computador, a maior inovação na história dos brinquedos desde a invenção do boneco de corda, e eu estava tentando ficar rico com um baralho. Talvez eu conseguisse, mas foi só quando entrei naquele salão barulhento que me dei conta do quanto isso era improvável.

Minha entrevista com o presidente da companhia acabou sendo uma das mais curtas reuniões de trabalho na história do capitalismo americano. O que me incomodou não foi o fato de que ele rejeitou meu jogo (eu já estava preparado para isso, já estava mais do que pronto para ouvir um não), e sim sua frieza, sua completa falta de consideração humana, tão absoluta que até hoje me dói lembrar o que aconteceu. Ele nem era muito mais velho que eu, aquele executivo com terno muito bem talhado, olhos azuis, cabelos louros e rosto duro, sem expressão, que tinha o ar e os modos de um chefe de uma rede de espiões nazistas. Ele mal me apertou a mão, mal me cumprimentou, mal reconheceu minha presença. Não houve conversa fiada, amabilidades nem perguntas. "Mostre o que você trouxe", disse ele, secamente; abri minha pasta e peguei a caixa de charutos. Seus olhos brilharam de desprezo. Era como se eu lhe tivesse entregue um cocô de cachorro, pedindo-lhe que cheirasse. Abri a caixa e peguei as cartas. A essa altura, eu já não tinha mais nenhuma esperança; sabia que ele não estava mais interessado, mas não me restava mais nada a fazer senão começar a jogar o jogo. Embaralhei as cartas, falei na necessidade de ler os três níveis de informação estampados nas cartas, e fui jogando. Ainda no início da primeira entrada, o homem levantou-se da cadeira e estendeu-me a mão. Como ele não havia dito palavra, não entendi por que diabos ele queria trocar um aperto de mãos comigo. Continuei desvirando cartas, explicando o que cada uma delas queria dizer: bola fora da *strike zone*, arremesso legal, tacada. "Obrigado", disse o nazista, por fim segurando-me a mão. Eu continuava sem entender o que estava acontecendo. "O senhor está dizendo que não quer ver mais?", perguntei. "Ainda nem deu para explicar como é que é o jogo." "Obrigado", repetiu ele. "Pode ir." Sem mais uma palavra, ele virou-se e me deixou com minhas cartas, que ainda estavam espalhadas na mesa. Levei um ou dois minutos para guardar tudo na caixa de charutos, e foi justamente naquela hora, naqueles sessenta ou noventa segundos, que cheguei ao fundo do poço, que atingi o que até hoje considero o ponto mais baixo de minha existência.

De algum modo, consegui me recuperar. Saí para tomar o café da manhã, esfriei a cabeça e voltei à feira, onde passei o resto do dia. Visitei os estandes de todos os fabricantes de jogos que

encontrei, apertei mãos, sorri, bati em portas, demonstrei as maravilhas do Action Baseball a todos os que se dispuseram a me conceder dez ou quinze minutos. Os resultados foram todos igualmente desanimadores. A maior parte das grandes companhias não estava mais trabalhando com inventores independentes (para evitar disputas na justiça) e os pequenos ou estavam interessados em jogos de computador de bolso (bip-bip) ou então não queriam nem olhar para jogos ligados a esportes (vendiam pouco). Estas pessoas, porém, pelo menos eram educadas. Depois do sadismo de que eu fora vítima naquela manhã, isso me dava um certo consolo.

Mais para o final da tarde, exausto após tantas tentativas infrutíferas, encontrei uma companhia especializada em jogos de cartas. Até então só havia produzido um jogo, mas tinha sido um sucesso extraordinário, e agora estava pretendendo lançar outro. Era uma firma pequena, com orçamento baixo, operada por dois sujeitos de Joliet, Illinois, uma empresa de fundo de quintal sem nenhuma daquelas papagaiadas e métodos de promoção das outras companhias expositoras. Isto já era bom sinal, mas o melhor de tudo era que os dois sócios confessavam-se aficionados de beisebol. Não tinham muito o que fazer no momento, estavam só batendo papo no estande deles, e quando lhes falei do meu jogo eles pareceram interessar-se em examiná-lo. Não apenas olhá-lo de relance, mas jogar uma partida inteira, até o fim.

Se eu tivesse marcado as cartas, a partida que joguei com eles não poderia ter sido mais emocionante, mais realista. A disputa foi intensa, todas as jogadas cheias de tensão, e após oito entradas e meia de ameaças, duelos, rebatedores que iam para fora com as bases carregadas, o escore era 2 a 1. Os dois de Joliet eram o time de casa, e quando vieram pela última vez pegar o taco, estavam precisando de um acerto para empatar e dois para ganhar. Os dois primeiros rebatedores não fizeram nada e rapidamente chegaram à última tacada, sem nenhum corredor nas bases. Porém o rebatedor seguinte fez um ponto, de modo que eles ainda tinham chance. Em seguida, para espanto de todos, quando a contagem estava em dois lançamentos fora da *strike zone* e dois legais, o rebatedor seguinte conseguiu fazer um *homerun* e ganhou a partida. Eu não poderia ter encomendado um jogo melhor que este:

uma vitória no último turno definindo a partida. Foi uma partida clássica, emocionante, e quando o homem de Joliet virou a última carta, em seu rosto viu-se estampada uma expressão de júbilo puro, indisfarçável.

Eles me disseram que queriam pensar um pouco antes de me dar uma resposta. Evidentemente, iam precisar de um baralho, e prometi-lhes enviar uma cópia xerox colorida para Joliet assim que pudesse. Foi assim que a coisa terminou: com um aperto de mãos, uma troca de endereços e promessas mútuas de nos mantermos em contato. Depois de todos os eventos melancólicos e desanimadores daquele dia, de repente havia motivo para ter esperanças e saí da feira pensando que talvez aquela minha idéia maluca desse em alguma coisa.

Naquela época, o xerox colorido era um processo ainda novo, e as cópias me custaram uma pequena fortuna — não me lembro exatamente quanto, mas creio que foi mais de cem dólares, talvez até duzentos. Despachei o pacote para Joliet e rezei para que chegasse lá depressa. Passaram-se semanas e, enquanto eu me esforçava para me concentrar nos outros trabalhos que tinha a fazer, fui aos poucos me dando conta de que aquilo ia dar mais uma vez em decepção. O entusiasmo implicaria rapidez; a indecisão, adiamentos; quanto mais eles demorassem a responder, menores as minhas chances. Quase dois meses já se haviam passado quando a resposta chegou, e àquela altura eu nem precisava mais ler a carta para saber qual seria seu teor. Surpreendi-me, porém, ao ver como ela era curta e absolutamente desprovida de calor humano. Eu havia passado quase uma hora com os dois, tivera a impressão de que eles haviam gostado e se interessado, e a rejeição resumia-se a um único parágrafo mal redigido. Metade das palavras continha erros de grafia e em quase todas as frases havia um problema de sintaxe. Era um documento constrangedor, uma carta escrita por idiotas, e depois que meu sentimento de humilhação foi passando comecei a envergonhar-me de os ter julgado de modo tão equivocado. Quem confia em bobos acaba fazendo papel de bobo.

Mesmo assim, eu não queria entregar os pontos ainda. Já havia ido tão longe que não ia ser um único obstáculo que me faria parar; assim, abaixei a cabeça e toquei para a frente. Sentia-me na

obrigação de continuar até esgotar todas as possibilidades, levar aquele plano malfadado até o fim. A família de minha mulher me pôs em contato com um homem que trabalhava na Ruder and Finn, uma importante firma nova-iorquina de relações públicas. Ele adorou o jogo, pareceu realmente entusiasmado quando o mostrei para ele, e fez tudo para me ajudar. Isto acabou sendo um problema. Todo mundo gostava do Action Baseball, ou pelo menos um número de pessoas suficiente para me impedir de abandonar o projeto, e com o apoio de um homem simpático e bem colocado como aquele não fazia sentido desistir. Meu novo aliado chamava-se George, e era ele quem cuidava da conta da General Foods, um dos clientes mais importantes da Ruder and Finn. Seu plano, que me pareceu engenhoso, era convencer a General Foods a colocar o Action Baseball na caixa do cereal Wheaties como oferta especial. ("Aí, garotão! Mande pelo correio duas tampas de Wheaties e um cheque ou ordem de pagamento no valor de três dólares e noventa e oito cêntimos, e você vai ganhar este jogo incrível!") George fez a proposta e durante algum tempo a coisa pareceu viável. A companhia estava pensando em fazer uma nova campanha de promoção para os Wheaties, e meu amigo achou que esta seria uma boa idéia. Porém meu jogo não foi escolhido. Preferiram o campeão olímpico do decatlo e, durante muitos anos, a partir daí, toda caixa de Wheaties ostentava a efígie sorridente de Bruce Jenner. A escolha foi compreensível. Afinal, o *slogan* do produto era "o cereal dos campeões", de modo que eles tinham uma certa tradição a manter. Nunca cheguei a saber se George chegou mesmo a quase convencer a companhia, mas devo confessar (com um pouco de relutância) que até hoje me é difícil olhar para uma caixa de Wheaties sem sentir uma pequena pontada.

George ficou quase tão decepcionado quanto eu, mas agora que havia embarcado na história não estava disposto a entregar os pontos tão cedo. Conhecia uma pessoa em Indianápolis que tinha algum tipo de ligação (já não me lembro exatamente qual) com a Liga Babe Ruth* e imaginou que talvez alguma coisa boa aconte-

(*) Organização que congrega as equipes de beisebol com jogadores de doze a quinze anos de idade. (N. T.)

cesse se me colocasse em contato com esta pessoa. Assim, mais uma vez o jogo foi enviado para uma cidade do Meio-Oeste, e mais uma vez seguiu-se um silêncio infindável. Quando o homem finalmente me escreveu, ele apressou-se a explicar que não era de todo responsável pela demora: "Lamento ter levado tanto tempo para acusar o recebimento de sua carta de 22 de junho e seu jogo, o Action Baseball. Demorei a recebê-los por causa de um tornado que destruiu nossa sede. Desde então, estou trabalhando em casa, e foi só há cerca de dez dias que recebi minha correspondência". Meu azar estava começando a assumir proporções quase bíblicas, e quando o homem voltou a me escrever, semanas depois, para me dizer (lamentando profundamente, nos termos mais educados imagináveis) que não iam utilizar meu jogo, quase não tive reação. "Sem dúvida alguma, seu jogo é singular, inovador e interessante. É bem possível que exista um mercado para ele, pois é o único beisebol de mesa sem muitas peças complicadas, o que torna o jogo mais dinâmico, porém o consenso aqui é que sem o apoio dos jogadores da grandes federações e suas estatísticas, a competição existente é invencível." Telefonei para George para lhe dar a notícia e agradecer, porém insisti que não valia a pena ele perder mais tempo comigo.

Depois disso, durante uns dois meses as coisas ficaram paradas, porém surgiu uma outra oportunidade e, mais uma vez, empunhei minha lança e parti para a batalha. Toda vez que surgia um moinho de vento em algum lugar, eu estava disposto a enfrentá-lo. Já não tinha mais o menor vestígio de esperança, mas não conseguia largar aquela besteira em que me havia metido. O irmão mais moço de meu padrasto conhecia um homem que havia inventado um jogo e, como esse homem tinha ganhado uma fortuna com isso, achei que seria razoável entrar em contato com ele e pedir-lhe conselhos. Encontramo-nos no saguão do Roosevelt Hotel, perto da Grand Central Station. Era um sujeito escorregadio, enrolão, muitíssimo antipático, cheio de blefes e interesses escusos, mas devo admitir que a arenga dele tinha lá sua verve.

"Reembolso postal", disse ele, "a saída é por aí. Faça contato com um jogador famoso de uma grande divisão, convença-o a fazer propaganda do jogo em troca de uma porcentagem dos lucros e aí anuncie em todas as revistas de beisebol. Se vier um número

suficiente de pedidos, use o dinheiro para produzir o jogo. Se não vier, devolva o dinheiro e desista."

"Quanto seria necessário gastar?", perguntei.

"Vinte, vinte e cinco mil dólares. No mínimo."

"Eu nunca ia conseguir arranjar todo esse dinheiro", retruquei. "Nem se fosse uma questão de vida ou morte."

"Então não dá para você fazer, não é?"

"É, não dá. Só quero vender o jogo para uma companhia. Desde o começo era só isso que eu queria — ganhar os *royalties* em cima do que eles vendessem. Eu não teria como bancar o negócio sozinho."

"Em outras palavras", disse o homem, finalmente dando-se conta de que estava falando com um idiota, "você deu uma cagada e agora quer que alguém toque a descarga para você."

Não era bem assim que eu me expressaria, mas não discuti com ele. Claramente, o homem sabia mais do que eu e, quando me recomendou que procurasse um "agente de jogos" para negociar com as companhias em meu nome, não duvidei que ele estivesse me dando um bom conselho. Até então, eu nem sabia da existência dessa categoria profissional. O homem me deu o nome de uma pessoa que, segundo ele, era uma das melhores do ramo, e liguei para ela no dia seguinte. Foi minha última cartada, o capítulo final desta saga caótica. A agente falou comigo a cem por hora, esboçando cláusulas, condições e porcentagens, explicando o que fazer e o que não fazer, o que era de se esperar e o que se devia evitar. Pelo visto, aquilo era o falatório padrão dela, um resumo furioso de anos de negociações encarniçadas e manobras decisivas; durante alguns minutos não consegui intercalar nenhum comentário. Por fim ela fez uma pausa para respirar e foi então que me perguntou a respeito do meu jogo.

"O nome é Action Baseball", respondi.

"Você disse *beisebol*?", perguntou ela.

"É, beisebol. Você vai desvirando cartas. É muito realista, e dá para jogar uma partida inteira em cerca de quinze minutos."

"Desculpe", disse ela, "mas jogo de esporte não dá."

"Como assim, 'não dá'?"

"Não dá pé. Não vende, ninguém se interessa. Esse seu jogo eu não quero nem dado."

Para mim, foi a gota d'água. Com aquela declaração seca ainda ecoando em meus ouvidos, pus o telefone no gancho, guardei as cartas e nunca mais pensei nelas.

Pouco a pouco, meus recursos foram se esgotando. Depois daquela carta confusa e desanimadora de Joliet, dei-me conta de que as possibilidades de ganhar alguma coisa com o Action Baseball eram remotas. Depender daquilo como fonte de renda seria uma ilusão, um equívoco ridículo. Ainda fiquei tentando por alguns meses, mas essas últimas tentativas só ocuparam uma pequena fração de meu tempo. No fundo, eu já havia aceito a derrota — o fracasso não apenas do meu jogo, da minha investida incompetente no mundo dos negócios, mas de todos os meus princípios, de toda a minha atitude em relação a trabalho, dinheiro e tempo. O tempo já não tinha importância. Antes precisava dele para escrever, mas agora que eu era um ex-escritor, um escritor que só escrevia para o prazer de amassar papel e jogá-lo no lixo, sentia-me disposto a abandonar aquela luta e passar a viver como todo mundo. Nove anos de penúria como *free lance* haviam me esgotado completamente. Havia tentado me salvar inventando aquele jogo, mas ninguém se interessara por ele e agora eu estava de volta ao ponto de partida — só que pior do que antes, mais esgotado do que nunca. Pelo menos o jogo representava uma idéia, uma fonte temporária de esperança; agora, porém, nem idéias eu tinha mais. A verdade era que eu havia cavado para mim mesmo um buraco fundo e escuro e a única maneira de sair de dentro dele era arranjar um emprego.

Dei telefonemas, escrevi cartas, fui à cidade fazer entrevistas. Dar aulas, trabalhar num jornal, numa editora — eu topava qualquer coisa. Desde que o emprego viesse associado a um salário regular, me interessava. Duas ou três coisas quase se concretizaram, mas acabaram não dando em nada. Não vou entrar nos detalhes deprimentes, mas o fato é que meses se passaram sem qualquer resultado tangível. Fui afundando num estado de confusão, minha cabeça quase paralisada de preocupação. Eu me havia rendido incondicionalmente, eu abrira mão de todas as posições que havia defendido ao longo dos últimos anos, e mesmo assim não conseguia sair do lugar, mesmo assim andava para trás a cada passo que dava. Então, sem mais nem menos, ganhei uma bolsa de três mil e quinhentos dólares do New York State Council on the Arts, e com isso pude respirar mais um pouco. O dinheiro não duraria muito tempo, mas já era alguma coisa — o bastante para adiar a hora da derrocada final por mais alguns minutos.

Uma noite, pouco depois, eu estava deitado, tentando vencer a insônia, quando uma nova idéia me ocorreu. Não uma idéia, talvez apenas um pensamento, um esboço de idéia. Naquele ano eu tinha lido muitas histórias de detetive, a maioria da escola americana Hammet-Chandler, e além de constatar que eram um bom remédio contra o estresse e a ansiedade crônica, tornei-me admirador de alguns dos autores do gênero. Os melhores deles eram escritores humildes, despretensiosos, que não apenas tinham mais a dizer sobre a vida nos Estados Unidos do que a maioria dos escritores ditos sérios, como também me davam a impressão de escrever um texto mais esperto, mais enxuto, do que eles. Um dos clichês dessas histórias era a idéia de um suicídio aparente acabar se revelando um assassinato. Vez após vez, um personagem parecia ter se matado e, no final da história, depois que toda a complexa trama era desvendada, ficava-se sabendo que o vilão fora responsável por aquela morte. A idéia que me ocorreu foi: por que não inverter a coisa e escrever uma história em que um assassinato aparente acabava sendo identificado como um caso de suicídio? Que eu soubesse, ninguém tinha feito isso antes.

Era apenas uma especulação à-toa, um lampejo desses que brotam na nossa cabeça às duas da manhã, mas não consegui dormir e, sentindo que meu coração começava a disparar no peito, comecei a levar a idéia adiante, tentando me acalmar elaborando uma história que partisse daquela premissa. Nada dependia do resultado daquela elaboração, era só uma espécie de sedativo para acalmar meus nervos, mas as peças do quebra-cabeça foram se encaixando uma na outra, e quando por fim adormeci já havia esboçado o enredo de um romance de mistério.

No dia seguinte, achei que talvez não fosse má idéia pôr aquele negócio no papel. Afinal, eu não tinha mesmo coisa melhor a fazer. Havia meses que não escrevia uma sílaba que

prestasse; não tinha conseguido arranjar emprego; minha conta bancária estava praticamente na lona. Se eu conseguisse aprontar um romance de detetive razoável, sem dúvida daria para ganhar alguma coisa. Não estava mais sonhando em fazer uma fortuna, só em ganhar um dinheirinho honesto em troca de um trabalhinho honesto, uma oportunidade de sobreviver.

Comecei no início de junho e no final de agosto havia completado um texto de trezentas e poucas laudas.* Aquilo era um exercício de pura imitação, uma tentativa consciente de escrever um livro que saísse parecido com outros livros já existentes, mas o fato de que o escrevi por dinheiro não quer dizer que eu não tenha me divertido. Como representante do gênero, parecia-me do nível de vários que eu havia lido, e muito melhor do que alguns. Fosse como fosse, era bom o bastante para ser publicável, e era só isso que me interessava. Minha única ambição com relação àquele romance era transformá-lo em dinheiro e pagar o máximo de contas possível.

Mais uma vez, esbarrei numa série de problemas. Eu estava me esforçando ao máximo para me prostituir, oferecendo meu trabalho pelo preço mais aviltante, e mesmo assim ninguém se interessava. No caso, o problema não era tanto a mercadoria que estava tentando vender (como o fora com o jogo) e sim minha extraordinária inépcia como vendedor. Os únicos editores de meu conhecimento eram os que me contratavam para traduzir livros, e eles não estavam qualificados para julgar literatura de massa. Não tinham experiência no ramo, nunca tinham lido nem publicado livros como o meu, e mal sabiam da existência de coisas como romances de mistério, muito menos dos diferentes subgêneros desse campo: histórias de detetives particulares, histórias policiais etc. Despachei os originais para um desses editores e, quando finalmente os leu, ele teve uma reação entusiástica que me surpreendeu: "É bom, muito bom. É só jogar fora o enredo detetivesco que dá um excelente *thriller* psicológico".

"Mas minha idéia foi justamente escrever um romance de detetive", expliquei.

"Pode ser", disse ele, "mas nós não publicamos romance de

(*) V. Apêndice 3. (N. T.)

detetive. Agora, se você retrabalhar o texto, garanto que nos interessamos."

Mas *eu* não me interessei pela proposta. Tinha escrito aquele livro de uma determinada maneira com um fim específico, e começar a desmontá-lo àquela altura teria sido um absurdo. Deime conta de que precisava de um agente literário, alguém que tentasse vender o romance enquanto eu cuidava de coisas mais urgentes. O problema era que eu não fazia idéia de como encontrar um agente. Afinal, os poetas não têm agente literário. Nem os tradutores. Nem os resenhistas que ganham duzentos ou trezentos dólares por artigo. Eu vivera até então nas províncias mais remotas do mundo literário, muito longe do centro comercial onde o livro e o dinheiro têm algo a dizer um ao outro, e as únicas pessoas que conhecia eram jovens poetas cujo trabalho era veiculado por revistinhas obscuras, donos de pequenas editoras sem fins lucrativos e diversos outros tipos excêntricos, desajustados e expatriados. Não havia ninguém a quem eu pudesse recorrer, nenhuma informação útil à minha disposição. E se houvesse, eu era burro demais para saber onde encontrá-la. Por puro acaso, um ex-colega meu do secundário disse que sua ex-mulher era agente literária, e quando lhe falei sobre meu livro ele insistiu para que eu a procurasse. Foi o que fiz, e depois de esperar quase um mês pela resposta, fui informado de que a mulher não estava interessada. Esse tipo de livro, segundo ela, não dava muito dinheiro e não valia a pena investir tempo nisso. Ninguém mais lia romances sobre detetives particulares. Era um gênero *passé*, desgastado, que não tinha mais nenhum futuro. O que ela estava me dizendo era literalmente a mesma coisa que a agente de jogos me dissera menos de dez dias antes.

O livro acabou sendo publicado, mas só quatro anos depois. Nesse ínterim, ocorreram catástrofes de toda sorte, uma depois da outra, de modo que a última coisa que me passava pela cabeça era o destino de meu livreco (assinado com pseudônimo). Meu casamento naufragou em novembro de 1978, os originais do romance comercial foram enfiados num saco plástico e por um triz não foram perdidos e esquecidos após várias mudanças. Meu pai mor-

reu dois meses antes da separação — de repente, inesperadamente, sem jamais ter passado um único dia doente em sua vida — e durante as semanas que se seguiram passei a maior parte do tempo cuidando de questões de inventário, resolvendo os negócios do falecido. Sua morte fui um golpe profundo para mim, causou-me um sofrimento intenso, e as poucas energias que me restavam para escrever, eu as investi em escritos sobre ele. A terrível ironia da coisa era que meu pai havia deixado alguma coisa para mim no testamento. Não era muito, mas eu nunca tivera tanto dinheiro na minha vida, e essa herança ajudou-me na transição da vida de casado para a de descasado. Voltei a morar em Nova York e continuei escrevendo. Terminei me apaixonando e me casando de novo. No decorrer desses quatro anos, tudo mudou na minha vida.

Em algum momento no meio desse período, no final de 1980 ou início de 1981, recebi um telefonema de um homem com quem eu me encontrara uma vez. Era amigo de um amigo meu, e como a ocasião em que nos conhecêramos tinha ocorrido oito ou nove anos antes, eu mal conseguia me lembrar dele. O homem me disse que pretendia abrir uma editora e queria saber se eu não teria nada pronto para ele dar uma olhada. Não ia ser mais uma editorazinha, não, e sim uma empresa de verdade, um *empreendimento comercial.* Hum, murmurei, lembrando do saco plástico no fundo do armário do quarto; neste caso acho que tenho uma coisa que pode lhe interessar. Falei-lhe sobre o romance de detetive, e quando ele disse que gostaria de ler, fiz uma cópia e despachei-a para ele na mesma semana. Inesperadamente, o homem gostou do livro; e, mais inesperadamente ainda, quis publicá-lo.

É claro que fiquei satisfeito, ao mesmo tempo que achei graça na coisa, mas também fiquei um pouco apreensivo. Aquilo quase parecia bom demais para ser verdade. Que eu soubesse, publicar um livro não era uma coisa assim tão fácil; comecei a ficar achando que ali talvez houvesse dente de coelho. Percebi que o endereço da editora era o mesmo do apartamento onde o homem morava, no Upper West Side, mas o contrato que ele me mandou pelo correio era mesmo um contrato de verdade, e depois de lê-lo e concluir que as condições eram aceitáveis, achei que não havia por que não assinar. Naturalmente, não haveria adiantamento, mas o pagamento dos direitos autorais começaria assim que fosse vendido o primeiro exemplar. Isso pareceu-me natural, levando-se em conta que a editora estava apenas começando; como não havia investidores nem nenhum apoio financeiro mais sério, o editor não teria como me dar um dinheiro que ele não tinha. Nem é preciso dizer que a editora dele ainda não era bem um *empreendimento comercial,* mas ele tinha esperanças de chegar lá, e quem era eu para jogar um balde de água fria nas suas esperanças?

O editor conseguiu publicar um livro nove meses depois (uma reedição em brochura), mas a produção do meu romance se arrastou por quase dois anos. Quando o livro foi impresso, ele já havia perdido o distribuidor, não tinha mais dinheiro e, para todos os fins práticos, podia ser considerado morto como editor. Alguns exemplares chegaram a umas duas livrarias em Nova York, entregues pessoalmente pelo próprio editor, mas o resto da edição ficou encaixotado, juntando poeira no chão de um depósito no Brooklyn. Que eu saiba, os livros estão lá até hoje.

Tendo levado a coisa até esse ponto, resolvi fazer uma última tentativa, para ver se não acabava com aquilo de uma vez por todas. Como o livro tinha sido "publicado", não era mais possível fazer uma edição de capa dura, mas eu ainda podia procurar as editoras de livros de bolso, e resolvi não abandonar meu livro até dar a elas uma oportunidade de rejeitá-lo. Comecei a procurar agente mais uma vez, e dessa vez achei a pessoa certa. Ela mandou o romance para a Avon Books e três dias depois ele foi aceito. Assim mesmo, de uma hora para a outra. Ofereceram-me um adiantamento de dois mil dólares, o qual aceitei. Não houve regateios, contra-ofertas, negociações suspeitas, nada. Senti-me recompensado, e já não me interessavam os detalhes da transação. Depois de rachar o adiantamento com o editor original (conforme o contrato), restaram-me mil dólares. Tirando os dez por cento da agente, acabei ganhando o total de novecentos dólares.

Pois é assim que se escrevem livros por dinheiro. É assim que a gente se vende.

(1996)